

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES
PPCULT- UFF**

MARIA CAROLINA XAVIER MARTINS

**CATUMBI: UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO-
CULTURAL E SUAS NOVAS PAISAGENS AFETIVAS**

Niterói

2019

MARIA CAROLINA XAVIER MARTINS

**CATUMBI: UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO-
CULTURAL E SUAS NOVAS PAISAGENS AFETIVAS**

Dissertação de mestrado
Acadêmico apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Cultura e Territorialidades da
Universidade Federal Fluminense
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

Niterói

2019

MARIA CAROLINA XAVIER MARTINS

**CATUMBI: UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL E
SUAS NOVAS PAISAGENS AFETIVAS**

Dissertação de mestrado Acadêmico
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Cultura e
Territorialidades da universidade
Federal Fluminense como requisito
parcial para obtenção do grau e Mestre.

Aprovada em setembro de 2019

]

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues - Orientador
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof^ª Dr^ª Marisa Schincariol de Mello
Universidade Cândido Mendes - UCAM

Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Ribeiro Pardo
Universidade Federal Fluminense - UFF

Niterói

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à Deus por me dar forças em todas as vezes que eu pensei em desisti, à minha amada mãe Maria Teresa, mulher negra forte que sempre acreditou que a Educação é o principal instrumento de transformação, sem você não teria topado trilhar esta jornada. Ao meu amado pai que nunca me faltou e que sei que neste momento se orgulha muito de mim. À minha amada madrinha e segunda mãe Alda Regina, pois não sei o que seria de mim sem você em minha vida. Às minhas irmãs e irmãos Luiza, Lorena, Pedro e Arthur que me apoiaram sempre. Aos meus lindos sobrinhos Enzo, Yuri e Yvon. E não poderia esquecer de todos os amigos queridos que entenderam quando eu estava no processo da escrita, ausente. Amo todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Luiz Augusto Rodrigues, pela orientação, amizade, paciência, atenção, cuidado e carinho nestes trinta meses de convivência. Às professoras da Banca examinadora composta pela querida Prof^a Dr^a Marisa Schincariol de Mello e Prof^a Dr^a Ana Lúcia Ribeiro Pardo. À Coordenação do Programa de Cultura e Territorialidades - PPCULT-UFF, corpo Docente e funcionários que sempre foram muito carinhosos comigo, afinal PPCULT é amor.

Agradeço aos queridos que amaram o Catumbi junto comigo, Tatiana Magioli, Beatriz Conдини, Mariana Paes, Fabrício Goyanes, Maíza Verástagui, Patrícia Vale, Henrique Neto e Iuri Furtado. Ao meu amigo Bernard Heimbürger, Arquiteto e Urbanista pelas trocas, sempre. Não poderia esquecer da minha amada turma de 2017 que virou família e levarei no coração para sempre. Obrigada.

“Demolir casas, afinal de contas, significa muito mais do
que desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um
modo de vida”

Arno Vogel e Marco Antônio da Silva Mello

Sumário

Apresentação.....	14
Introdução.....	17

Capítulo I – IDENTIDADE LOCAL E MEMÓRIA

1.1 A questão da identidade e território Catumbiense.....	21
1.2 A identidade Catumbiense via ações urbanísticas.....	27
1.3 A identidade via patrimônio material / imaterial.....	30
1.3.1 Manifestações culturais – O carnaval.....	32
1.3.2 Personalidades locais	36
1.3.3 Igreja Nossa senhora de Salette, a paróquia e o militante Padre Mario Prigol.....	37
1.3.4 Alberto Vieira e o MJC, a Associação de Moradores e o jornal “O Catumbi”.....	39
1.3.5 Astória Futebol Clube e a black music.....	43
1.3.6 As placas e o mapa afetivo – sinalizações identitárias.....	44
1.4 A identidade via relações sociais.....	46

Capítulo II – ESPAÇOS AMBÍGUOS – Degradação x Potência afetiva

2.1 A praça do Catumbi.....	53
2.2 Passagem Subterrânea de Pedestres.....	55
2.3 Sambódromo.....	60
2.3.1 CIEPs Avenida dos desfiles.....	60
2.3.2 Passarela do Samba – Um Espaço Espetacular.....	63
2.4 A amabilidade nos espaços de potência.....	66
2.4.1 Ações que evocam amabilidade - Silkando Afeto.....	69
2.4.2 Ações que evocam amabilidade - Carinhoso Catumbi.....	71
2.4.3 Ações que evocam amabilidade - O Retorno d’Astória.....	74
2.5 Degradação física e social.....	77
2.6 Mapas localizacionais.....	81

Capítulo III – CONTRAPONTO ATRAVÉS DO DEBATE COM SANTOS, E MELLO VOGEL

3.1 Santos e o MSU do Catumbi.....	84
3.2 Mello e Vogel e os espaços de lazer no livro Quando a Rua vira Casa.....	91
3.3 Debate com os autores.....	94

Conclusão.....	100
Referencias bibliográficas.....	105

Lista de ilustrações

- 1- Construção do Túnel Santa Bárbara
- 2- Demarcação do bairro do Catumbi
- 3- Enchente no Catumbi
- 4- Manifestação de moradores em frente à ALERJ
- 5- Trecho retirado de jornal retirado da página oficial do Grêmio Recreativo Bafo da Onça
- 6- Residência de Jean Baptiste Debret no Catumbi
- 7- Azulejos Portugueses em fachada de casa na rua Padre Miguelinho
- 8- Procissão em frente a Igreja Nossa Senhora da Salette
- 9- Placa de tombamento da Igreja Nossa Senhora da Salette – Circuito Carioca
- 10- Cartaz da 1ª Festa de aniversário do Catumbi
- 11- Cartaz da 1ª Festa de aniversário do Catumbi
- 12- Baile *Black music* no antigo clube Astória
- 13- Cartaz do baile *O Retorno d’Astória*
- 14- Cartaz do evento realizado pelo *Cinturão do Charme*
- 15- Placa de tombamento da passagem subterrânea como local de resgate do baile *black*
- 16- Placa de sinalização poética –*Welcome to Catumbi*
- 17- Mapa afetivo do Catumbi
- 18- Fachada Bar do Mulambo

- 19- Interior Bar do Mulambo
- 20- Interior Bar do Mulambo
- 21- Padaria Salete
- 22- Padaria Salete
- 23- Bar do Pezinho
- 24- Oficina mecânica em frente ao Bardo Pezinho
- 25- Gaiola Cultural Turma da tranca
- 26- Gaiola Cultural Turma da tranca
- 27- Ponto de água e luz e ponto de luz na Gaiola
- 28- Crianças brincando na gangorra da praça em frente ao cemitério
- 29- Praça em frente ao cemitério esvaziada
- 30- Passagem subterrânea de Pedestres
- 31- Passagem subterrânea de Pedestres
- 32- Brecho na Passagem
- 33- Jogo do Bicho na passagem
- 34- Shopping chão na passagem
- 35- Resultado do jogo do Bicho
- 36- Matéria do jornal “O Globo” – 11/09/2018
- 37- Matéria do jornal “ O Extra” – 12/09/2018
- 38- Crianças jogando bola no Sambódromo (aula de Ed. Física)
- 39- CIEPS Avenida dos Desfile
- 40- Moradores de rua nos Arredores do Sambódromo
- 41- Arredores do Sambódromo

- 42- Jogos Olímpicos no Sambódromo
- 43- Silkando Afeto
- 44- Silkando Afeto
- 45- Silkando Afeto
- 46- Árvore do Afeto
- 47- Árvore do Afeto
- 48- O Retorno d'Astória
- 49- O Retorno d'Astória
- 50- Esquema IPS
- 51- *Scorecard* – Rio Comprido
- 52- *Print* página Catumbi da Deprê no *Facebook*
- 53- Mapa localizacional dos eventos e lugares
- 54- Mapa localizacional dos eventos e lugares
- 55- Mapa localizacional dos eventos e lugares
- 56- Aula de dança de salão na Igreja
- 57- *Print* página MJC Orkut – Boicote ao IPTU
- 58- Aula de pilates na antiga Associação de Moradores
- 59- Praça- Conjunto Habitacional “Ferro de Engomar”
- 60-Quadra ocupada por Moradores de rua

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

ALERJ – Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro

BNH – Banco Nacional de Habitação

CBE – Câmara de Educação Básica

CIEP – Centros Integrados de Educação Pública

CNE – Conselho Nacional de Educação

COMLURB – Companhia de Limpeza Urbana

CPU – Centro de Pesquisas Urbanas

DJ – Disco Jokey

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

EBA – Escola de Bela Artes

FAFERJ – Federação de Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro

IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPP – Instituto Pereira Passos

IPS – Índice de Progresso Social

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

MJC – Movimento da Juventude Catumbi

PEE – Programa Especial de Educação

PEJA - Projeto Educacional de Jovens e Adultos

PPP – Projeto Político Pedagógico

UFF – Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O presente trabalho apresenta um olhar sobre a perda de identidade no território do Catumbi, bairro situado no Rio de Janeiro que sofreu e ainda sofre em nome de uma revitalização urbana, teve dois terços de seu território demolido, ainda na década de setenta. Através de três perspectivas distintas, busca-se inicialmente estabelecer uma discussão sobre a identidade, história e memória locais através de ações urbanísticas, do patrimônio material e imaterial, de manifestações culturais como o carnaval de rua e também do carnaval espetacular do Sambódromo. Em seguida, efetua-se uma reflexão sobre como as ações estrategicamente desenvolvidas por um coletivo, ao trazer conceitos como topofobia e amabilidade urbana, conseguem chamar temporariamente a atenção da população local e transformar espaços hostis, violentos e degradados, em espaços de potência resultando em novas paisagens afetivas. O trabalho também demonstra como a degradação física vai corroborar com a degradação social, através de entrevistas, dados quantitativos, manchetes jornalísticas e repercussão nas redes sociais. Por fim, buscou-se estabelecer o debate com autores da Antropologia Urbana que realizaram um estudo de caso sobre o território e que resultaram em dois importantes livros - Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro e Quando a rua vira casa. Valendo-se dos pressupostos teóricos da etnografia como metodologia, os autores inferem sobre como o movimento urbano popular é capaz de transpor barreiras e romper com a lógica do Urbanismo Racionalista, e como estabelecem os diferentes usos dos espaços comuns que são voltados para o lazer no território do Catumbi. Dessa maneira, o trabalho estabelece um diálogo com esses autores sobre os espaços comuns ao debater antigos símbolos identificadores, assim como os contemporâneos.

Palavras-chave: Catumbi, identidade urbano-cultural, degradação territorial, paisagem afetiva, apropriação do espaço.

ABSTRACT

This paper presents a look over the the loss of identity in the Catumbi territory, a neighborhood located in the city of Rio de Janeiro that suffered and still suffers in name of an urban revitalization, and had one third of its territory demolished back in the 70's. Through three distinct perspectives, this paper will inically establish a discussion about the identity, history and local memories through urbanistic actions, of the material and imaterial patrimony, of cultural manifestation like the street carnival and also through the spectacular Carnival held at the Sambódromo. Then, it goes through a reflection about how the strategically developed actions by a collective, bringing concepts like topophobia and urban amability, manage to draw the attention, temporarily, of local residents and transform hostile, violent and degraded environments and spaces, into powerful spaces resulting in new affective landscapes. The work also demonstrates how the physical degradation will corroborate with the social degradation, with interviews, qualitative data, news headlines, and repercussion in the social networks. Lastly, this document sought to establish the debate with the authors of the Urban Anthropology who carried out a study case on the territory in which resulted in two important books – *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro* and *Quando a rua vira casa*. Using the theoretical assumptions of ethnography as methodology, the authors infer about how the popular urban movement is capable of crossing barriers and breaking up the logic of the Racionalist Urbanism, and how they establish the different uses of the common spaces that are geared towards leisure in the Catumbi territory. Thus, this paper establishes a dialog with these authors about the common spaces by debating old identifying symbols, as well as the contemporary ones.

Keywords: Catumbi, urban-cultural identity, territorial degradation, affective landscape, appropriation of the public space

Apresentação

A motivação para a elaboração desta pesquisa teve seu início em 2010. Para contextualizar, eu residia em Jacarepaguá e fixei residência no bairro de Santa Teresa na rua Oriente, bem próximo à entrada do morro da Coroa. Minha casa tinha vista para o Catumbi, de onde acompanhei vários tiroteios, dava para ver os “traçantes” oriundos do morro da Mineira em direção ao morro da Coroa e *vice-versa*. À época, fazia minha graduação em Artes Cênicas, na Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no campus do “Fundão” e foi quando descobri o bairro do Catumbi. Para o traslado até a universidade eu caminhava da minha casa até o bairro, onde pegava o transporte público no ponto de ônibus ao lado da charmosa, muito alta e antiga chaminé, (remanescente de alguma indústria, assim eu pensava); hoje sei que era indústria de açúcar. No início eu estranhava muito o Catumbi, pois tinha pouco verde e a minha impressão era de que o bairro se resumia a um viaduto, ao cemitério, um conjunto habitacional de prédios altos, uma igreja neogótica e ao Sambódromo que se destacava.

Aquele trajeto nunca tinha sido antes comum para mim; no início passar pelo Sambódromo era algo estonteante, pois a construção de uma magnitude esplêndida, realmente ressignificava aquele pequeno bairro em um cartão postal para a cidade, porém, olhando melhor ao redor, via as comunidades do entorno e as casinhas verdes atrás do cemitério que revelavam – possivelmente - pobreza e também marginalização. Eu só havia estado uma vez no bairro antes de me mudar, para ir ao cemitério no enterro de uma tia-avó.

Alguns amigos alugaram então um casarão no bairro para fazerem uma “república” de estudantes. Todos eles também estudavam no “Fundão” e também começaram a circular pelo território do Catumbi, assim como eu. Logo nos surpreendemos com o movimento da rua do Catumbi e seu comércio, estávamos sempre lá, para ir ao banco, padaria, tirar uma *xerox* ou simplesmente para tomar uma cerveja no “Bar do Pezinho” entretanto o medo sempre me acompanhava quando passava nos espaços esvaziados mais próximos ao viaduto.

Havia sempre pessoas em situação de rua e neste ano de 2010, muitos eram usuários de *crack*. Aos poucos, passando todos os dias pelo território, fomos conhecendo os rostos daquelas pessoas que ali estavam e eles também os nossos, e assim o medo começou a cessar. Foi quando minha amiga Tatiana Magioli, nesta época ainda estudante de pintura na EBA (Escola de Belas Artes), começou a intervir com pinturas de mensagens positivas nos muros do Catumbi como por exemplo: “ame seu bairro”, “plante árvores”, “converse mais com seu vizinho”, chamando

a atenção de alguns moradores. Logo eu e outros amigos nos juntamos a ela para formarmos o coletivo *Uma Mão Lava Outra*. Assim criamos o projeto *Eu amo Catumbi* que teve a última atuação em 2016 e hoje se encontra parado por motivos de falta de recursos financeiros, indisponibilidade de alguns dos integrantes e principalmente por causa da violência no bairro. O projeto consiste em intervenções culturais através da apropriação do espaço público como veremos ao longo desta dissertação.

O primeiro capítulo dedicado à Identidade local e memória, aborda na primeira parte, em como a chegada da modernidade transformou o território do Catumbi e conseqüentemente a sua identidade. Fazendo uso do diálogo de teóricos entre espaço e mudança na escala geográfica, identidade na pós-modernidade, e a tentativa de reterritorialização e sentido de pertencimento dos sujeitos locais através das lutas populares. Na segunda parte do primeiro capítulo, o trabalho especifica a identidade catumbiense via ações urbanísticas, trabalhando conceitos como: *não-lugar*, para entender o Catumbi como bairro de passagem; e *topofilia*, para entender os espaços tanto topofílicos quanto topofóbicos, este último que é predominante no bairro devido o seu esvaziamento. Em outro tópico aborda-se a identidade local via patrimônio material e imaterial, como as maifestações culturais das sociedades carnavalescas, as personalidades importantes para a história do bairro, a igreja Nossa Senheora da Salette e a atuação do Padre Mario Prigol na paróquia, assim como as fachadas dos casarios que ainda sobrevivem. Também vai fazer um merecido olhar sobre o MJC – Movimento Juventude Catumbi e sua tentativa de resgate histórico – cultural; sobre o Clube Astória e seu legado cultural - a *black music* - que até hoje se manifesta no território e para finalizar, com as sinalizações contemporâneas que coletivos criaram em homenagem ao bairro do Catumbi.

Logo depois no segundo capítulo, o trabalho vai dedicar atenção aos espaços degradados porém muito potentes às afetividades. Vai tratar dessas ambigüidades em espaços como a praça do catumbi, e Sambódromo ou Passarela do samba, que além de funcionar como palco do carnaval espetacular abriga os CIEPs Avenida dos Desfiles. Em outro tópico vai apresentar as ações culturais realizadas pelos coletivos “Uma Mão Lava Outra” e suas afetividades através das ações do projeto “Eu Amo Catumbi” que foi realizado de 2010 até 2016, relacionando os conceitos *amabilidade urbana* e *afetividade* em ações denominadas *Silkando Afeto*, *Carinhoso Catumbi* e *o Retorno d’Astória*. E para fechar o capítulo, o trabalho vai lançar olhar sobre a degradação física e social do bairro através de dados quantitativos, matérias jornalísticas e repercussão em redes sociais.

O terceiro capítulo deste trabalho faz um contraponto com as pesquisas Carlos Nelson Ferreira dos Santos: *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro*; e outra pesquisa de Arno Vogel

e Marco Antonio da Silva Mello, sob a coordenação de Santos intitulada : *Apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro na cidade do Rio de Janeiro*. Ambas foram inovadoras por sua metodologia proposta no campo etnográfico da Antropologia Urbana na época, e resultou no livro “Quando a rua vira casa” em 1981, este teve sua 4ª edição ampliada e lançada em 2017. Reiterando a importância do estudo da disciplina Antropologia Urbana e neste caso o Catumbi, que continua sendo foco de alguns discentes como eu, se faz necessário a conversa com os autores trazendo para o debate o pensamento Urbano Racionalista *versus* Tradicional; espaços comuns como símbolos identificadores locais e, como as apropriações nestes espaços cheios de ambiguidades se dão quando voltados para o lazer no Catumbi contemporâneo.

Introdução

Fatores físicos e biológicos em consonância com outros processos geológicos e geomorfológicos na cidade do Rio de Janeiro legaram as diversas montanhas, brejos, lagoas, pântanos e floresta tropical. Neste cenário de diversidade de formas e ambientes ocorreu o debate sobre a viabilização da expansão da cidade sempre relacionada à necessidade de superação das dificuldades impostas pela natureza. Essa expansão só foi possível mediante às áreas conquistadas à custa do desmonte de morros, dos aterros e drenagens saneadoras. O resultado foi a edificação de um ícone urbano, uma mistura de exuberância natural com o traço metropolitano. O trabalho de Ronaldo Cerqueira Carvalho, "Rio de Janeiro: uma cidade conectada por túneis" (2004), lança luz sobre como a sucessiva expansão e ocupação humana na cidade dentro do processo histórico, vai resultar na necessidade de construções de túneis ligando diversos pontos da cidade, inclusive o bairro do Catumbi, território em estudo neste trabalho.

A construção do túnel Santa Bárbara ocorreu no auge da grande expansão da rede urbana e dos transportes na década de 1960, atravessando o maciço do morro da Nova Cintra, popularmente denominado Morro da Coroa, em sua vertente norte no bairro do Catumbi. Este foi o início do processo de desterritorialização e perda de identidade no bairro, como será oportunamente desenvolvido nesta dissertação. Por durante quase duas décadas as escavações se arrastaram apesar do projeto estar incluído no Plano de Realizações e Obras do prefeito Negrão de Lima em 1957, mas foi na gestão de Carlos Lacerda (estado da Guanabara 1960-1965), que ele foi efetivamente retomado e finalizado. A política de Lacerda, consagrada pela implantação de grande quantidade de vias, especialmente no caso do túnel Santa Bárbara, solucionou o principal problema viário que era ligar a zona sul pelos bairros de Laranjeiras e Cosme Velho, áreas valorizadas da cidade, à área central. O projeto atendia a uma minoria motorizada, detentora de poder econômico, porém essa "cirurgia urbana" se fez sentir principalmente no bairro que estava no meio do caminho, o Catumbi. Soma-se a isso o fato de Lacerda buscar solucionar a problemática das enchentes que eram recorrentes àquela época, efetivando obras em suas galerias pluviais. O que foi denominado de "progresso" e saneamento básico pelo Estado, foi de fato um tremendo sacrifício que causou muita dor a população do Catumbi. (CARVALHO, 2004).

O Governo do Estado, através da implantação do túnel Santa Bárbara, impactou de forma grandiosa todo o bairro gerando intensas transformações que permitiram o

estabelecimento de várias ações que, articuladas, visavam agilizar o fluxo de veículos sem se preocupar com as antigas estruturas urbanas. O autor Mauro Matos (2005) conta que a construção do túnel Santa Bárbara surgiu ainda quando circulavam os bondes em 1947, porém o projeto foi abandonado por quatorze anos, sendo retomado em 1961. Já Carvalho (2004) complementa, informando que a inauguração foi em 22 de abril de 1964 e na época foi considerado o mais moderno da América Latina. A partir dele novas metodologias de perfuração aliadas a novas tecnologias passariam a ser aplicadas, entretanto, a partir de 1967 o então Governador do estado Negrão de Lima, que já tinha sido Prefeito, anunciou a desapropriação de 3 mil famílias. Dois terços do bairro foram desapropriados até 1979; em 1980 a prefeitura do Rio de Janeiro baixou um decreto transformando o bairro do Catumbi em área de preservação ambiental, salvando cerca de um terço da área que ainda não tinha sido demolida (MATOS, 2005). No entanto, foi através de mobilização social e da Associação de Moradores que conseguiram parar com as demolições. Ao todo 1.680 famílias foram removidas.

Há uma percepção - mediante observação e pesquisa - de que o Catumbi tem sido visto de forma negativa não só pelos moradores do bairro como por toda a população carioca. Atualmente o bairro sofre principalmente com a violência resultante do “poder paralelo” que se instaurou no Rio de Janeiro nas últimas décadas por abrigar o Morro da Coroa, e ser próximo aos morros da Mineira, Fallet, Prazeres e São Carlos. Isso o faz estar no meio de uma “guerra” descomunal e sempre presente em manchetes de jornais; mas nem sempre foi assim, por causa da escala temporal, o bairro considerado um dos mais antigos do Rio de Janeiro tem uma história riquíssima e já foi povoado por ricos proprietários de terras e de escravos. Para resgate da memória, Matos (2005) escreveu o livro “Catumbi, um bairro do tempo do Império” que foi selecionado por concurso público para a coleção que comemorou o 440º aniversário da cidade do Rio de Janeiro, no qual ele registrou a evolução cartográfica, acontecimentos históricos, fotos, documentos e curiosidades desde o império até 2005. O bairro que foi colonizado por grupos de diferentes nacionalidades e etnias, dentre as quais, portugueses, açorianos, espanhóis, italianos e ciganos, teve a sua história e identidade construída a partir dessa diversidade de sujeitos que lá permaneceram, em sua grande parte, até as remoções.

Imagem 1



Foto da construção do túnel Santa Bárbara
 Fonte: Acervo do jornal “O Globo”

Pensando o Rio de Janeiro como uma cidade que organizou também o território do Catumbi, através das drásticas intervenções urbanísticas que culminaram em certo esfacelamento das identidades locais - como discutiremos neste trabalho - fez-se necessária a reflexão de como todo o processo de evolução histórica e urbanística do Catumbi (o que na verdade poderíamos considerar mais para “involução”), bairro tão importante na construção da cidade, pode ter algum tipo de reconhecimento identitário, se foi vítima de uma drástica “cirurgia urbana”, construída em cima de tanta dor e sofrimento. Como reconhecer um espaço que está dentro de um território que foi e ainda é preterido pelo Estado? Quais as possibilidades de reterritorializações e construções de territorialidades? Como amar o Catumbi e reivindicar o direito à cidade pode ser possível, se hoje ele se encontra dentro da “área vermelha” o que significa estar dentro de uma região considerada muito violenta e perigosa no Rio de Janeiro? Vale a tentativa do resgate da cultura local como para que essa identidade territorial (através da apropriação de espaços com fins para o lazer), e coletiva (através de manifestações culturais), retomem seus lugares nas disputas da vida e na complexidade que é viver em tempos pós-modernos?

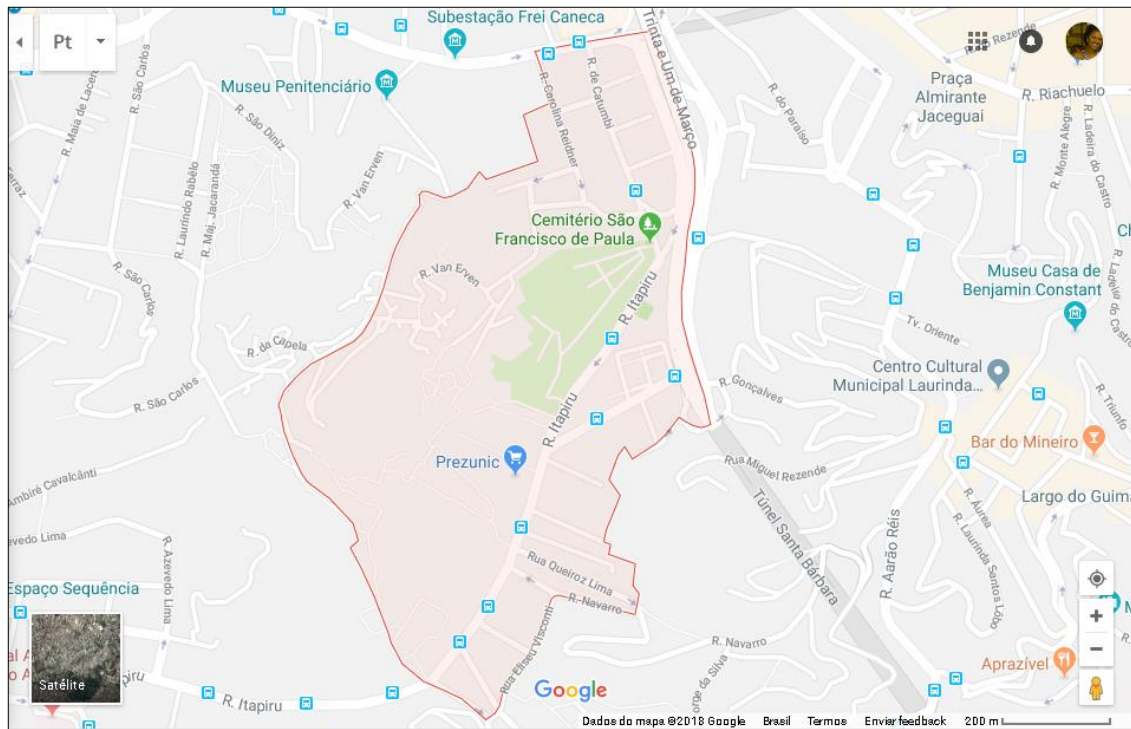
São essas algumas das perguntas que norteiam este trabalho, que foi pensado a partir das intervenções culturais do coletivo *Uma Mão Lava Outra* através do projeto “Eu Amo Catumbi” e que percebeu suas potencialidades em função da importância local, histórica e cultural dentro da cidade do Rio de Janeiro; e do coletivo *Filé de Peixe* que também interviu culturalmente no bairro. Através de apropriações do território do Catumbi estes coletivos pensam sobre como a reterritorialização dos espaços desterritorializados tem potencialidade política capaz de transformar espaços hostis em espaços amáveis resgatando a cultura local

através da memória afetiva transformando paisagens. Usando os conceitos de cargas positivas como *Topofilia* e *Afeto* este trabalho vai pensar a questão da importância das afetividades na construção do fazer artístico e cultural para que o medo do lugar (conceito de *topofobia*) seja transformado em *amabilidade urbana* no Catumbi. Para o desenvolvimento da pesquisa, como sistema metodológico, o presente trabalho aborda questões pertinentes para o debate a partir do olhar interdisciplinar da História, Urbanismo, Geografia, Sociologia e Antropologia Urbana. Vai também aplicar a observação participante e a pesquisa de campo; além de entrevistas e dados quantitativos para o debate sobre o território do Catumbi, sua perda de identidade territorial, e se através dessas intervenções é possível ou não algum tipo de resgate da identidade local.

CAPÍTULO I – IDENTIDADE TERRITORIAL E MEMÓRIA

1.1 A questão do território e identidade Catumbiense

Imagem 2



Demarcação do bairro Catumbi

Fonte: Google maps

Este trabalho vai considerar a questão da identidade local, do território e suas territorialidades a partir do marco urbanístico da construção do túnel Santa Bárbara e suas consequentes desapropriações que geraram um acontecer solidário e luta popular. Este marco da modernidade carioca ditou todo um novo *modus operandi* não só no bairro do Catumbi como também na cidade do Rio de Janeiro, já que aproximou a zona sul do centro da cidade encurtando o *espaço-tempo* e mudando a logística urbanística da metrópole. Apesar de ser um bairro situado na área central, ele mantinha uma egrégora de subúrbio, a impressão é que o Catumbi era um local onde todos se conheciam. Um exemplo a ser ilustrado eram os ciganos Calon que residiam no bairro e que tinham o costume de colocar as cadeiras em frente as suas casas para observar o movimento (MATOS, 2005), ato esse que acabou se transformando numa das territorialidades locais, pois com o passar do tempo esse hábito foi incorporado por outros sujeitos que também passaram a sentar-se nas calçadas para observação dos dias e para as trocas de saberes e práticas sociais. Portanto o Catumbi era considerado um lugar calmo apesar de

estar próximo ao centro. Pierre Bourdieu trouxe a noção de *habitus*¹ que também faz parte da construção da identidade. Pode-se dizer que o hábito implantado também é territorializador e - por conseguinte - enraizador desses povos que deixaram para trás suas raízes em busca do bem-estar social em novo território. A chegada da “modernidade” através do túnel e seus consequentes anúncios de desapropriações resultou na união e organização dos moradores em prol da permanência no bairro, a mudança do “jeito de ser” do cidadão Catumbiense se deu em resposta ao transtorno que foi a transformação em seu território, e resultou na passagem de seu pensamento mais "interiorano" (ou mesmo, "suburbano") para um pensamento mais metropolitano.

Simmel escreveu sobre a vida mental do indivíduo e o mundo ao seu redor, este podendo ser a metrópole ou a vida rural: “a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação de estímulos nervosos* que resulta da alternância brusca e ininterrupta entre estímulos interiores e exteriores” (SIMMEL, 1967, p.11, grifos do original), portanto é a partir dos novos estímulos que a modernidade traz dentro das metrópoles que o indivíduo passa a reagir menos emocionalmente e mais intelectualmente, assim contribuindo para a mudança em sua identidade, logo:

Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida da cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede às discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível — enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Estes últimos se enraízam nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem grande dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos. O intelecto, entretanto, se situa nas camadas transparentes, conscientes, mais altas do psiquismo; é a mais adaptável de nossas forças interiores. Para acomodar-se à mudança e ao contraste de fenômenos, o intelecto não exige qualquer choque ou transtorno interior; ao passo que é somente através de tais transtornos que a mente mais conservadora se poderia acomodar ao ritmo metropolitano de acontecimentos. Assim, o tipo metropolitano de homem — que, naturalmente, existe em mil variantes individuais — desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça ao invés de com o coração. (SIMMEL, 1967, p.11)

¹“O *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar ‘a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente”. (BOURDIEU *apud* WACQUANT, 2007, p. 6). Disponível em <http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/WacquartArt.pdf>

Sobre o conceito *identidade*, Stuart Hall (2006) afirma ser demasiadamente complexo, ainda muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido nas ciências sociais. Ele discorre e categoriza em três concepções. A concepção iluminista do sujeito que se baseia num núcleo interior, na essência que nasce com o indivíduo e vai desenvolvendo-se ao longo da vida, mas sempre permanecendo esse “eu” essencial, que era associado à identidade. Já na concepção sociológica do sujeito, a identidade, é inerente à complexidade do mundo moderno, a essência do ser não era autônoma nem autosuficiente, era relacional também às outras pessoas que mediavam os sentidos, valores e símbolos ou seja a cultura do mundo ao seu redor. A concepção dessa identidade passa a ser formada pela interação entre o “eu” e a sociedade ou podemos dizer as outras identidades que essa sociedade oferece. Essa interação une o sujeito à estrutura estabilizando e unificando tanto os sujeitos quanto os seus mundos culturais.

O autor atualiza a concepção do sujeito na pós-modernidade, quando o processo conhecido como “globalização” entra em curso trazendo a chamada “crise da identidade”. O argumento é o seguinte: Estão surgindo novas identidades que estão se “descentrando”, fragmentando o indivíduo moderno que antes era visto como unificado porquê um tipo de mudança estrutural, começou a transformar as sociedades fragmentando paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade que antes eram reconhecidas como sólidas nos indivíduos sociais. Essa descentração tanto no seu lugar no mundo como em si mesmos, pois somente quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, é que a identidade se torna uma questão. Essas identidades diferentes que os sujeitos assumem podem ser contraditórias empurrando-os nas mais diferentes direções. As sociedades modernas estão em mudança que são permanentemente constantes e velozes, esse caráter as diferenciam das chamadas sociedades tradicionais. Complemento com Zygmunt Bauman quando argumenta que a globalização e a mudança na estruturação da política internacional logo após à queda do muro de Berlim provocam um estremecimento com o Estado-Nação; para ele a “globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação” (BAUMAN, 2005, p.34), tudo isso teria promovido o processo de liquefação das identidades.

A seguir se faz necessário trazer para o debate a questão do *território*, este no âmbito das relações sociais de produção material e simbólica historicamente construídas e das práticas dos sujeitos individuais e coletivos, as territorialidades. Barbosa (2017) nos conta que a palavra

de origem latina *territorium*² e a palavra francesa *terroir* significam respectivamente, *terra dominada* e *aterrorizar*; que a dominação da terra e o exercício da violência podem demarcar *um chão* para que poderes assimétricos e subalternização do corpo se façam presentes. É através dessa dominação que é negado o território aos sujeitos, e ao mesmo tempo “para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e efetiva a “apropriação” (HAESBAERT, 2005, p. 20). Portanto o território diz respeito tanto ao poder concreto político, a “dominação”, quanto ao poder simbólico a “apropriação”.

Não é nenhuma novidade que o Estado como entidade soberana tem como premissa controle e afirmação de poder sobre o território, nem que para isso seja necessário o uso da violência. No caso do Catumbi, antes mesmo das remoções, o bairro sofria muito com enchentes recorrentes que só foram controladas com as galerias pluviais, como dito anteriormente ao tratar do governo de Carlos Lacerda. Não se pode negar a violência do abandono pelo Estado, pois toda vez que chegava o verão com seus temporais, se instalava o caos no bairro e para piorar algumas ruas não eram pavimentadas e nem iluminadas (MATOS, 2005). É possível constatar que era necessário ajuda e apoio entre os próprios moradores já que o Estado não se fazia presente. Esse apoio mútuo se caracterizava na base da solidariedade e afeto. “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (SANTOS *apud* BARBOSA, 2006, p.10). Assim sendo, esse movimento solidário também evidencia a construção das territorialidades que se dão no “espaço-território formado a partir de encontros de atores sociais, em um espaço geográfico, que procura identificar e resolver um problema comum” (PECQUEUR *apud* BARBOSA, 2017, p. 9).

Milton Santos alerta para a redução da escala geográfica imposta que acaba tornando complexa a (re)configuração do território, do entendimento da temporalidade cronológica dos fatos ocorridos e da geometria espacial assim como seus impactos que se configuram em ações de comando político, da circulação de ideias e pessoas, de bens materiais e imateriais que fortalecem tensionamentos locais contrapondo à obediência das intencionalidades supralocais. O ato de fazer presente é pautado no aquilo que era tido como ausente, ou imperceptível das práticas territorializadas. Ações têm origem e também originam o território em *distantes latitudes* que se caracterizam no fazer solidário. (SANTOS *apud* BARBOSA, 2017). Todos

² “Expressão utilizada no sistema jurídico romano do século VI (*jus terrendi; universus argrorum intra fines cujusque civitas – toda a terra compreendida no interior dos limites de uma jurisdição, Digeste do Imperador Justiniano*)” (DIMÉO *apud* BARBOSA, 2017, p. 3)

esses tensionamentos do Estado para com a população Catumbiense disparou o gatilho não só pelo direito à moradia, como também ao território e às suas práticas identitárias, suas territorialidades.

Matos (2005) afirma que edificações no Catumbi eram na maioria casa de cômodos e vilas em lotes compridos, isso era alívio entre as famílias pois facilitava a construção de outras casas dentro dos terrenos quando seus filhos casavam, assim o bairro cresceu, com famílias distintas reunidas em até três gerações. De acordo com Bauman (2005), o Estado-Nação fazia do nascimento (e do lugar de nascimento) o ponto de onde emergem as identidades. A cidadania era algo ligado às origens do indivíduo. Porém, a convivência em consonância com as experiências da imigração (de uma população composta pela diversidade em nacionalidades e etnias) traziam sentimento de pertencimento, porém também são as diferenças, dificuldades e conflitos responsáveis pela construção da identidade, logo o sentimento da perda de direitos básicos, do território e de suas territorialidades, acabou por se transformar em acontecer solidário enaltecendo o sentido de alteridade no cidadão Catumbiense.

É possível imaginar o desespero quando da notícia das demolições, que não só a sua casa seria removida, mas a dos seus filhos e netos também. É neste momento que se dá a virada na questão da identidade de um bairro que precisou se unir em prol da resistência e da permanência territorial. Um bairro com um modo de vida mais pacato de repente é tomado em prol da tal modernidade inerente da vida metropolitana. A solidariedade que já se fazia presente antes, teve seu auge no início das obras e desapropriações. À época, o Padre Mario Prigol da igreja Nossa Senhora de Salette tomou a frente das negociações e junto com os moradores fundaram a associação de moradores que consta como a primeira do Rio de Janeiro com registro e alvará, servindo de modelo para outras futuras associações. Havia agentes do DOPS – Departamento de Ordem Política³ - infiltrados no bairro, logo o silêncio prevalecia impulsionado pelo medo. Foi quando a associação lançou o jornal “O Catumbi” com a proposta de informar a população sobre os acontecimentos. Assim se deu a expressiva mobilização social no Catumbi, tão importante na história também da cidade que até foi registrada no livro de Guida Nunes “Catumbi, a rebelião de um povo traído”. A união de todos não foi suficiente para barrar todas as demolições, mas conseguiram salvar um terço do bairro através da associação, além de conseguirem construir, na década de 1980, o conjunto Van Erven e Chichorro que abrigou parte dos desapropriados. As imagens a seguir - Fotos de Ítalo Bríscio, que estão

³Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), muito utilizado durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

ilustradas no livro “Catumbi, um bairro do tempo do império” - ilustram dois momentos, o primeiro de solidariedade em enchente e o segundo de união e mobilização social:

Imagem 3



Enchente no Catumbi

Imagem 4



Manifestação dos moradores em frente à Assembléia Legislativa

Bauman (2005, p. 17) em entrevista dada à Benedetto Vecchi sobre identidade afirma que se podem construir dois tipos de comunidades, a primeira seria de *vida e destino* (que segundo a fórmula de Siegfried Kracauer, “vivem juntos numa ligação absoluta”) o que não se aplica à identidade coletiva do Catumbi já que a comunidade era composta por imigrantes fugidos da guerra, então resta a da segunda categoria: *comunidades fundidas por ideias e princípios*, estas estão presentes no mundo de diversidade e policultural a exemplo do território estudado neste trabalho. É através das ideias e princípios que se desenvolvem essas *comunidades que acreditam*, é a conciliação de escolhas e demandas muitas vezes contraditórias e incompatíveis que a confirmam. Bauman expõe que o pertencimento e a identidade não estarão sempre garantidos, que são negociáveis e revogáveis, ou seja estão sempre em processo, nunca se efetivam e se tornam prontos, acabados. Deve-se, por exemplo, se referir a identidades no plural. Os caminhos e decisões que o indivíduo toma são os fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para as identidades; é preciso que a ideia de pertencimento seja realizada não só de uma vez, mas muitas vezes durante a vida.

1.1 A identidade Catumbiense via ações urbanísticas

A construção do túnel Santa Bárbara teve a sua continuidade com a construção do viaduto Trinta e Um de Março que, acompanhando obviamente os dois sentidos deste, tem saídas para o Catumbi, Santa Teresa, Rio Comprido, Cidade Nova, Estácio e Lapa, antes de chegar à avenida Presidente Vargas. Os carros passam em alta velocidade inviabilizando o atravessamento de pedestres, que atravessam de um lado para o outro através de uma passagem subterrânea construída com essa finalidade. O fluxo de pedestres sendo eles moradores e transeuntes é muito intenso, pois a passagem liga também ao ponto de ônibus que fica ao lado da charmosa “Chaminé”, antiga construção remanescente bem no pé do bairro de Santa Teresa, que fica ao lado da Clínica da Família, bem próximo ao morro da Coroa.

A construção do túnel Santa Bárbara em consonância com o viaduto e sua necessária passagem subterrânea formam um conjunto urbanístico criado para somente o deslocamento de pessoas visando um fluxo que seja o mais eficiente possível integrando não só a zona sul como também o território do Catumbi e arredores, porém é importante destacar o seu papel dentro do parâmetro *espaço-tempo*, duas categorias tão debatidas na contemporaneidade. Manuel Castells (1999) descreve que o surgimento da sociedade em rede e o seu desdobramento no espaço de *fluxos* são elementos que compreendem a sociedade. Os deslocamentos são medidos pelo tempo e não pela distância, não só a sociedade mas também a economia, o espaço, e novas tecnologias de comunicação. O *espaço* como extensão perde importância em favor do *tempo* como distância, a economia do espaço cede lugar para a economia do tempo, logo o espaço é organizador do tempo.

A construção do viaduto que corta o bairro trouxe o esvaziamento de seu percurso, quando o transformou em um bairro de passagem. É dessa forma que o cidadão carioca tende a ver o bairro do Catumbi. Essa situação o coloca dentro da categoria de um *não-lugar*. Marc Augè (2012) autor do livro “Não lugar, uma antropologia da supermodernidade” afirma que os lugares pretendem (pretendem-nos) ser identitários, relacionais e históricos. O que não pode ser definido assim, será um *não-lugar*. O autor constata que as transformações aceleradas advindas da globalização trouxeram uma nova reflexão sobre a categoria de alteridade. A aceleração do espaço também configura de excesso característico do que ele denomina *supermodernidade*, ele que é correlativo do encolhimento do planeta, responsável pela mudança de escala, dos meios de transportes rápidos, as imagens do mundo via satélite que chegam as nossas TVs, a internet que conecta o mundo. Essa *superabundância* espacial cria uma dificuldade em identificarmos metaforicamente tudo, pois esses espaços não são essencialmente universos de reconhecimento.

Essa superabundância resulta em consideráveis modificações físicas como grandes concentrações urbanas, transferência de população e a multiplicação de não-lugares. Augè afirma que estes são instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens, como por exemplo vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos e meios de transportes, assim como os locais debatidos aqui, o viaduto e a passagem subterrânea de pedestres que somados são uma grande área espacial do Catumbi. Em suma os não-lugares são caracterizados como locais que carecem de identidade. Porém se faz necessário deixar claro aqui que não compreendo o bairro do Catumbi em toda a sua extensão como um não-lugar, já que o bairro tem toda uma vida dinâmica rica em práticas sociais, com comércio potente de bastante movimento, e seus moradores que ainda conseguem resistir no bairro, mas compreendo sim, que a grande área composta pelo viaduto se transformou em um não-lugar. Já a passagem subterrânea, teve sua configuração modificada por atores sociais ao longo dessa pesquisa diversas vezes, saindo da categoria e agora retornando à ela, como veremos mais a frente.

O geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2005) trouxe o conceito de *topofilia* -que diz respeito à familiaridade, apego ao lugar - já que *topo* denota lugar e *filia* concerne à filiação - que pode ser definido no sentido mais amplo que inclui:

[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107)

Tuan diz que quando a topofilia se faz presente, o lugar ou o meio ambiente tornam-se veículos de acontecimentos emocionalmente fortes e podem ser vistos como símbolos. O autor traz a importância da questão estética fazendo a comparação da apreciação de arte à apreciação de um cenário, pois nos dois casos é preciso fazer o uso da intelectualidade já que o efêmero prazer visual e a sensação estética não duram por muito tempo. No caso da arte, o conhecimento da história e da crítica se fazem importantes para transpassarem a rápida atenção da obra chegando a um olhar de contemplação mais profundo baseado também nas texturas, cores, pinturas e seu contexto; no caso do cenário urbano, são a lembrança dos fatos históricos que consagram a cena e a lembrança da realidade geológica e estrutural que importam. O prazer visual pode variar em tipo e intensidade. Ele diz que a apreciação do lugar pode ser superficial quando não se tem laços afetivos, que podem advir da história do sujeito com o lugar.

Tuan (2005) também diz que a familiaridade engendra afeição ou desprezo. Por exemplo uma pessoa pode ter afeição por uma roupa velha, essa faz parte de sua personalidade, passar essa roupa para outros pode ameaçar seu sentido de identidade. Assim também é com o lugar, pois os sujeitos também investem tempo, dedicação e emoção não só na construção do lar, parte desse investimento emocional vai também para o seu bairro. Tuan diz que ser despejado pela força do seu lar e do seu bairro é como ser despido da vestimenta que o protege das perplexidades do mundo exterior. A familiaridade, experiência no lugar e a consciência do passado são elementos importantes para a concretização do amor pelo lugar, pois

[...] certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. (TUAN, 2013, p. 129)

Tuan (2013) defende que a experiência é um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, ele argumenta também que a rua onde se mora faz parte da experiência íntima do sujeito. Já a unidade maior, o bairro, ele diz que é um conceito e afirma que o sentimento que se tem pela esquina da rua local por exemplo, não se expande automaticamente com ao longo do tempo até atingir todo o bairro. As diversas maneiras da experiência variam desde os sentidos mais diretos e passivos - como o olfato, paladar e tato - até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização. Para a discussão sobre o sentimento de *topofobia* nestes espaços do Catumbi se faz necessária a reflexão sobre experiência e lugar, pois a experiência é constituída de sentimento e pensamento. Topofobia representa o inverso de topofilia, tendo em vista que o radical *fobia* remete à aversão, tornando-se ele o lugar do medo, da repugnância. Experenciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele, a realidade então é o constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

Os órgãos sensoriais e as experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos pelo espaço são a cinestesia, visão e tato, pois o espaço é experienciado quando há lugar para se mover. É a experiência que faz a diferença e traz o sentido de direção no ato de movimentar-se, por exemplo para frente e para trás, e faz a pessoa adquirir um sentido de direção. Logo o espaço assume uma organização coordenada centrada no “eu” que faz a pessoa se mover e se direcionar. O movimento intencional e a percepção visual dão aos seres humanos o sentido de familiaridade ou não com o lugar. Os odores imprimem caráter aos objetos e lugares tornando-os distintos. Os sentidos combinados tornam os seres humanos capazes de distinguir os espaços

e fornecer sentido ao mundo que vivemos, intrincadamente ordenado e carregado de emoções, a exemplo da passagem subterrânea de pedestres, da praça conhecida como largo do Catumbi (o antigo largo original foi removido no processo de demolições) e do sambódromo e seu entorno, espaços que o trabalho vai exemplificar mais a frente, que experienciados pelos sujeitos provocam sentimentos carregados de negatividades que trazem sentimentos nada familiares e sim repugnantes.

Esta pesquisa tem o olhar direcionado para áreas percebidas como perigosas e rejeitadas através do conceito topofobia, pois todos estes espaços citados anteriormente, chamam atenção por passarem impressão de esvaziamento, territórios rejeitados pelos moradores por terem se tornado atrativos para pessoas em situação de rua, ladrões, usuários de drogas, enfim pessoas à margem da sociedade. Estes espaços são considerados como *topofóbicos* e têm essa característica também devido ao abandono do Estado que há muito tempo se exime de suas obrigações para com a população do Catumbi. Entretanto, dois destes lugares chamam mais atenção por suas peculiaridades negativas. A passagem subterrânea - por ser o espaço de maior fluxo de pessoas - e a praça - que não se constitui como um espaço que seria *à priori* destinado ao lazer. Os dois são percebidos como territórios marginais, que acabam sendo usufruídos por sujeitos que anteriormente os deixavam fétidos e sujos, passando uma imagem de super violentos - contextualizo no passado porque essa pesquisa teve seu início em 2010, quando estes espaços estavam abandonados e eram vistos como muito perigosos, hoje eles se encontram com outra configuração - além disso, tem a questão da localização: tanto a praça quanto a passagem se encontram em frente ao cemitério São Francisco de Paula, que por essência têm egrégora fúnebre. Já o Sambódromo é trabalhado aqui em outra perspectiva por ser um lugar luminoso e palco de grandes eventos, porém seus arredores são esvaziados e também percebidos como perigosos.

1.3 A identidade via patrimônio afetivo material / imaterial:

É preciso lançar luz sobre a importância do patrimônio material e imaterial do Catumbi. O bairro contava até 2010 com uma população de 12.278 pessoas. (conforme dados do Instituto Pereira Passos/IPP). Chega a ser indignante que ao pesquisar sobre cultura e/ou equipamentos culturais se constate que após décadas da tal revitalização o Estado nunca tenha investido nada no bairro, nem construindo equipamentos culturais nem propagando fomento direto no Catumbi - que tem o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) avaliado como 0,580 em sua última

avaliação (2010). Penso que ao investir em cultura, questões sobre a manutenção do patrimônio seja pensada e trabalhada por atores culturais resultando na preservação. Mas ao caminhar pelo Catumbi praticamente o que se vê são casarios velhos e nada preservados, o que é um absurdo. Através de levantamentos junto ao IPP (Instituto Pereira Passos), constata-se que quanto a informações de bens tombados no Catumbi a resposta é de apenas 2 e 214 preservados, isso no ano de 2010. São muitos os imóveis no bairro que poderiam ter recebido mais cuidado de preservação nas suas fachadas, que poderiam embelezar muito mais o Catumbi caso fossem restauradas, assim como aconteceu no bairro da Lapa, por exemplo.

O bairro que sofreu com as intervenções urbanas antes mesmo da consolidação do patrimônio cultural dentro da Constituição Federal de 1988, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Trabalhar a valorização da cultura e o reconhecimento como cidadãos partícipes da construção da identidade local é de suma importância que pode ser capaz de reconstruir e recuperar relações entre sujeitos. Essa preservação permite o diálogo entre gerações colaborando para a identificação de bens materiais e imateriais.

Antes de falar sobre patrimônio afetivo material e imaterial do Catumbi, é preciso discorrer um pouco sobre memória. Maurice Halbwachs (1990) afirma que o indivíduo participaria de duas espécies de memórias que seriam a memória individual e a memória coletiva, a primeira está ligada a sua personalidade, sua vida pessoal que viriam a tomar lugar das lembranças, de outra parte, o indivíduo, pode se comportar como membro de um grupo evocando lembranças impessoais, na medida que elas possam a este grupo interessar. A memória individual pode confirmar lembranças apoiando-se sobre uma memória coletiva, podendo momentaneamente se confundir com ela, mas sem deixar de seguir seu próprio curso. Já a memória coletiva envolve memórias individuais, porém não confunde-se com elas. Se conseguem penetrar, elas mudam de figura assim que recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. Considerando a memória individual, o homem para evocar seu passado tem também necessidades de apelar para lembranças de outros, ou seja de lembranças externas, se reportando à referências de fora que estão fixadas na sociedade, sendo ela, limitada no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também, porém são outros os limites. A exemplo dos acontecimentos que não lembramos e que só conhecemos por jornais ou depoimentos que ocupam lugar na memória da nação e que temos que confiar pois são as fontes a que temos acesso. Quando é quase impossível lembrá-las, podemos imaginá-las. Assim sendo, pode-se

considerar duas memórias, uma pessoal, autobiográfica e a outra, histórica que vem a ser a memória social.

Lemos (1981, p. 29) em seu livro sobre “O Que é Patrimônio Histórico” sugere que preservemos para “garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural”. E acrescenta:

Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. (LEMOS, 1981, p. 29)

1.3.1 – Manifestações culturais - O carnaval

O Catumbi tem história e memória carnavalesca e não é atoa que o bairro faz fronteira com o Sambódromo, cujo espaço a este destinado, hoje sediado na Cidade Nova, já foi um dia integrante ao bairro. Os ranchos carnavalescos e blocos de ruado Catumbi eram atrações importantes do carnaval carioca. Entre os ranchos destacavam-se Rancho Carnavalesco União dos Caçadores, Rancho Carnavalesco Unidos do Cunha e Rancho Carnavalesco Inocentes do Catumbi. Renata de Sá Gonçalves (2006) nos conta que até o final do século XIX ainda não existia uma estrutura organizada, várias formas carnavalescas surgiam, se transformavam e desapareciam. Predominavam as “práticas avulsas” como os sujós e mascarados e as três grandes sociedades: Fenianos, Tenentes e Democráticos que eram formadas por grupos mais abastados que se distanciavam hierarquicamente dos sujós e mascarados, estes ocupavam as ruas da cidade indistintamente. Eles não eram filiados a nenhum grupo e dentro de uma classificação carnavalesca não se adequavam ao sistema dos grupos. Os desfiles das grandes sociedades eram muito luxuosos e cumpriam um longuíssimo itinerário, percorrendo as ruas centrais da cidade e permaneceram em ação até 1950.

Os ranchos carnavalescos só começaram a se destacar na primeira metade do século XX, apesar de já existirem desde o final do século XIX. Neste contexto, existiam pequenas sociedades carnavalescas que eram denominadas clubes, grupos, cordões e ranchos. Os ranchos, considerados como “pequenas sociedades”, foram se expandindo pelos bairros e subúrbios num crescimento progressivo de suma importância para o carnaval. A ideia de melhoramento e progresso rechaçava os sujós e mascarados; havia uma tendência de diferenciar as manifestações de “mentalidade colonial” daquela de “mentalidade republicana” com a

pretensão de uma evolução social. Os sujos e mascarados sujavam o sistema moral onde grupos sociais e associações tinham lugar privilegiado. As grandes sociedades eram tidas como de elite já os ranchos, mais populares e acessíveis competiam entre si. O jornal do Brasil publicava fotos com seus estandartes e licenciamentos, presidentes, agendas das festa e bailes, logo os ranchos se posicionaram como intermediários entre os grupos de elite e daqueles que simplesmente ocupavam as ruas sem nenhuma organização e estrutura.

O pertencimento às pequenas sociedades em seus bairros - neste caso, o Catumbi, já que comportava três dos mais importantes ranchos da cidade - aponta para a distinção dos sujeitos que se constituem como pessoas melhores se comparados àqueles brincantes que não se organizavam “ordeiramente”. O ranchos se construíram tanto a partir das relações mais permissivas e desorganizadas, quanto em cima da ideia de pertencimento da cidade. Os ranchos produziam “um carnaval mediado por uma rede de relações sociais com lugar para os cronistas, os comerciantes, a polícia, os músicos, os artesãos, as tias baianas além das camadas populares dos bairros e subúrbios” (GONÇALVES, 2006, p. 74). A esse carnaval nomearam de “carnaval regional” e a partir dele se deu uma evolução para o carnaval das grandes agremiações que vemos desfilar hoje. Foram os ranchos que primeiro se apresentaram com músicas próprias e enredo, com cortejo linear e estrutura de ensaios.

Tais particularidades tanto diferenciavam os ranchos no contexto da cidade quanto os qualificavam como “populares” moralmente positivados [...] Assim, dois valores centrais, que conformavam o “modo de vida urbano”, emergiram daí. De um lado, os ranchos fornecem uma visão da cidade como totalidade integrada. De outro, indicam uma ênfase ou valor dados ao “princípio igualitário” com suas premissas de gradação/ordenação, como nos concursos promovidos entre sociedades carnavalescas.(GONÇALVES, 2006, p. 76).

Na segunda metade do século XX os ranchos não tinham mais tanta representatividade, por falta de apoio do comércio e poder público. Tentando cada vez fazer desfiles mais custosos, foram aos poucos sendo substituídos pelos blocos de enredo e escolas de samba emergentes. Assim como os ranchos, os blocos de enredo têm origem nos subúrbio, nas camadas mais periféricas urbanas.

O percurso de estruturação dessa forma específica de carnaval nos levou a identificar os ranchos como uma organização social e simbólica exemplar cujo processo de formalização aponta para a complexidade do processo de formação da cidade, de valores e “estilos de vida”urbanos e de redes de sociabilidades (VELHO *apud* GONÇALVES, 1994, p.78).

Com a retomada da tradição dos blocos de rua, hoje surgem, acada carnaval, novos blocos em toda a cidade remarcando uma “geografia afetivo-cultural das ruas cariocas” (ALBIN

apud GONÇALVES, 1994, p.79). Alguns deles se espelharam nos antigos blocos que resistem no Catumbi, “Bafo da Onça” e “Vai Quem Quer”, que ainda desfilam no Centro, junto de outros blocos tradicionais como o “Cacique de Ramos”.

O Bloco Carnavalesco Bafo da Onça foi fundado em 12 de dezembro de 1956, em um botequim do bairro do Catumbi, centro do Rio de Janeiro. Dentre seus fundadores consta o ex-policia e ex-carpinteiro Seu Tião Carpinteiro (Sebastião Maria), que durante o carnaval desfilava fantasiado de onça-pintada, em uma espécie de bloco do “Eu Sozinho”. Por essa época, o bairro já contava com outros blocos e ranchos que também desfilavam por suas ruas e avenidas nos dias de carnaval. Entre esses blocos e ranchos destacavam-se: Rancho Carnavalesco União dos Caçadores (campeão de vários carnavais); Rancho Carnavalesco Unidos do Cunha; Rancho Carnavalesco Inocentes do Catumbi; Bloco Carnavalesco Astória Futebol Clube (tri-campeão de “Banho à Fantasia” em Copacabana) e o Bloco Carnavalesco Vai Quem Quer, que apesar de pertencer ao bairro do Flamengo, também desfilava nas ruas do Catumbi. Segundo o historiador de carnaval Hiram Araújo em seu livro “Carnaval Seis Milênios de História”. (Trecho retirado do portal Dicionário MPB)⁴

Gilberto Bastos, de 63 anos, morador do Catumbi, me conta que tanto o “Bafo da Onça” quanto o “Vai quem quer” estão sobrevivendo hoje precariamente. Ele, que fez parte da fundação do Bafo da Onça, foi o primeiro mestre sala mirim do Brasil e era filho de sua porta bandeira. Ele atribui, principalmente à questão da violência no bairro, para a falta de adesão não só dos moradores como visitantes e turistas. Ele conta que antigamente as quadras viviam lotadas, além dos moradores do bairro, havia muitos visitantes dos bairros do entorno. Ele se recorda com carinho dos ranchos “Unidos do Cunha” e do “Caçadores de Viado”.

Segundo Hairan Araújo, os blocos caíram de 300 para 60 no ano de 1997 num intervalo de um ano. Em sua página ele declara que o bloco “Bafo da Onça” teve seu esvaziamento a partir das demolições e com a construção do túnel e do viaduto, e que centenas de famílias removidas tinham como principal referência cultural os blocos de empolgação do bairro e de enredo do bairro.

Vejamos um pouco do resultado encontrado em algumas redes sociais sobre a agenda de eventos dos blocos ou qualquer outra informação referente à eles. Na página do “Bafo da onça” no *facebook* nada foi encontrado, pois a página não é atualizada desde 2012.⁵ Já a página do bloco “Vai quem quer”⁶ tem atualizada agenda de eventos, matéria jornalística sobre o carnaval carioca e até espaço para *clipping* de tudo o que sai sobre o Bloco ou a quadra nos jornais. Sua quadra na rua do Catumbi tem mais movimentação, o espaço é alugado para outras festas (por exemplo, este ano teve festa junina), assim como para práticas esportivas como judô

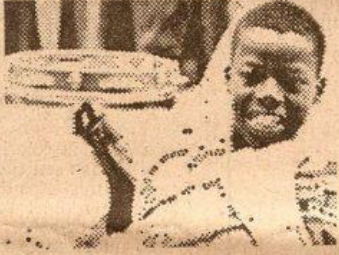
⁴ Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/bloco-carnavalesco-bafo-da-onca/dados-artisticos>

⁵ Página do Bafo da Onça no facebook: <https://www.facebook.com/bafodaonca/>

⁶ Página do Vai quem Quer no facebook: <https://www.facebook.com/vqdocatumbi/>

e jiu-jitsu. O espaço também foi escolhido para bailes de *Flash back* que acontecem às sextas-feiras no evento denominado “Catumbi Retrô Swing”.

Imagem 5



A ginga do Bafo, a ginga do Cacique — diferentes no molejo mas iguais na fôrça. Nas quadras ou na Avenida, todo mundo pára para ver o balanço. Qual o maior? As opiniões são muitas e é difícil saber ao certo

O Bafo da Onça e o Cacique de Ramos, qual dos dois é o maior?

— O maior eu não sei, mas o Bafo é mais organizado (opinião do Sr. Júlio Silva, presidente do Bloco Eu Sòzinho, o menor do Rio).

— O maior é difícil, mas o Cacique é mais bonito, com aquê monte de penas se enroscando (opinião de um componente do Bloco Tamos Duros, Sim, e Daí?, de Brás de Pina, o mais pobre).

— O maior? É o nosso (brincadeira de um dos integrantes do Bloco da Seringa, de Higienópolis, que no ano passado conseguiu juntar 15 pessoas, incluindo a bateria).

Nem os presidentes dos dois Blocos sabem dizer qual é o primeiro. Nem eles nem a Secretaria de Turismo: por via das dúvidas, dá a ambos uma subvenção de NCr\$ 5 mil para que saiam nos três dias de fevereiro, mesmo sem participarem do desfile oficial. São milhares de figurantes, vários discos gravados e a promessa renovada anualmente de não fugirem às origens que, se não ajudam a apontar o maior, pelo menos são a garantia de que o bloco mais próximo só pode vir em terceiro lugar.

O Bafo da Onça será o maior se sair com as 10 mil pessoas que o seu presidente garantiu para este ano, porque o Cacique já avisou que vai juntar umas 7 mil. Se o primeiro é o que gasta mais, então o Cacique é o maior, que espera gastar quase NCr\$ 100 mil, enquanto o Bafo calculou suas despesas em NCr\$ 40 mil, 10 mil a mais que no ano passado.

Se nascer primeiro é garantia do título, então o Bafo é o maior, porque nasceu no dia 12 de dezembro de 1953, oito anos, um mês e nove dias na frente do Cacique. Se é a sede própria a prova da superioridade, então o maior é o Cacique, que já está pagando e morando na sua (todo o andar superior de um shopping-center falido em Olaria), ao passo que o Bafo ainda se aproveita de uma casa emprestada e sem telhado no Catumbi, onde há tempos funcionou um cinema.

O maior é o que grava mais discos? O Bafo está lançando o nono LP, enquanto o Cacique ainda está no quarto. Quem acha que o primeiro é o que faz mais sucesso fora do Rio, pode começar a torcer pelo Cacique, porque estão sendo esperados índios de Niterói, Minas e Santos (os 15 paulistas que saem com o Cacique de Ramos trazem as fantasias mais caras do bloco, avalladas, cada uma, em cerca de NCr\$ 300,00).

Um dia, dois blocos

Os dois blocos nasceram de grupos pequenos, que já saíram na primeira vez com idéias de grandeza. No ano em que o Bafo da Onça apareceu, não havia blocos organizados na cidade, mas simples ajuntamentos de sujos, pequenas e efêmeras árvores que cresciam à medida que a raiz, a bateria, as alimentava. E não havia moças de família nêles.

OBA

Nessa onda, Que eu vou,
Olha a onda Iaiá,

É o Bafo da Onça, Que
acabou de chegar,

Olha a rapaziada, oba, Vem
dizendo no pé, oba ,
As cabrochas gingando, oba,
Ê como tem mulher,

Vejam todos presentes, Olha
a empolgação,

Esse é o Bafo da Onça, Que
trago gravado, No meu
coração.

É bom, é bom, é bom

Letra da marchinha do Bafo da
Onça

Fonte: Pag. do Bafo da Onça no facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/bafodaonca/photos/rpp.323784500969072/346584802022375/?type=3&theater>

1.3.2 Personalidades Locais

A rua Padre Miguelinho era onde residia Alfredo da Rocha Vianna Júnior, o mestre Pixinguinha. Sua infância se deu num casarão de oito quartos, onde morava com seus 13 irmãos, o porão da casa era famoso por receber hóspedes e a casa ficou conhecida como “pensão dos Vianna”. É bem nítido o orgulho do cidadão Catumbiense ao falar do Mestre Pixinguinha, que é considerado um dos expoentes da MPB (Música Popular Brasileira) e tinha sua foto pendurada na antiga Associação dos moradores (assim como outros artista renomados que viveram no bairro como os músicos Moreira da Silva, conhecido como Kid Morenguera, Ataulfo Alves, Jorge Benjor, o poeta Álvares de Azevedo, o escritor Machado de Assis e o pintor Debret que foi integrante da Missão Francesa e veio para o Rio de Janeiro para fundar a Academia Real de Belas Artes. Pixinguinha viveu no bairro na primeira metade do século XIX.⁷ O fato do bairro fazer parte do Rio antigo e ter sido o lugar de acolhimento de famílias imigrantes que formaram pequenas colônias, deixaram rastros na parte que não foi demolida, como é possível ver em algumas casas que ainda preservam azulejos portugueses.

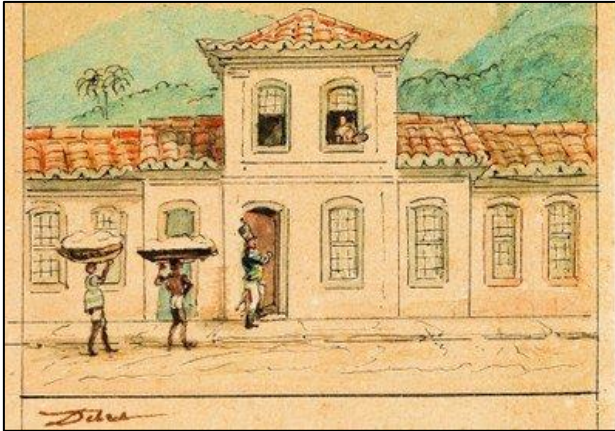
Machado de Assis, na obra "Memórias Póstumas de Brás Cubas", assim se expressa: "em 1869, na minha bela chácara do Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Já na obra incompleta "A Inglesinha Barcelos", o Catumbi também é citado. Machado de Assis costumava inserir o bairro em suas obras :

Eram trintonas. Cândida era casada, Joantina solteira. Antes deste dia de março de 1886, viram-se pela primeira vez em 1874, em casa de uma professora de piano. Quase iguais de feições, que eram miúdas, meã de estatura, ambas claras, ambas alegres, havia entre elas a diferença dos olhos; os de Cândida eram pretos, os de Joantina azuis. Esta cor era o encanto da mãe de Joantina, viúva do capitão Barcelos, que lhe chamava por isso "a minha inglesa". - Como vai a sua inglesa? perguntavam-lhe as pessoas que a queriam lisonjear. E a boa senhora ria-se d'alma, agradecia com palavras, com gestos, quase com beijos. Dentro de algum tempo já a moça era conhecida no bairro pela inglesa Barcelos. O bairro era Catumbi. A viúva possuía ali uma casa, vivia dos aluguéis de outra, do meio soldo do marido e de umas dez apólices. (ASSIS, Machado de. Rio de Janeiro, 31 de maio, 15 e 30 de junho de 1894).

A seguir vemos duas imagens. A primeira é uma pintura de Debret retratando sua própria casa no bairro e a segunda é a rua Padre Miguelinho com seus antigos casarios ainda resistentes com suas fachadas de azulejos portugueses.

⁷ Disponível em <https://euamoocatumbi.wordpress.com/2015/11/22/moradores-ilustres/> e <http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/catumbi-bairro.html>

Imagem 6



Fonte disponível em:
https://www.ebiografia.com/jean_baptiste_debret/

Imagem 7



Foto de Maria Carolina

1.3.3 – Igreja Nossa senhora de Salette, a paróquia e o militante Padre Mario Prigol

Imagem 8



Fonte: Fabrício Goyanes

Imagem 9



Fonte: Maria Carolina

Uma das personalidades mais importantes do bairro, sem dúvida nenhuma, foi o padre Mário Prigol falecido em janeiro de 2019. Infelizmente não consegui entrevistá-lo a tempo. Quando da tentativa de encontro para entrevista, o padre já estava muito debilitado e internado em hospital, mas sua autobiografia militante é contada no livro “Mario Prigol Educador da Fé entre Trabalhadores Populares” dividida em dois volumes. O padre foi um educador,

multiplicador do ideal de igualdade, que visava o bem comum através da colaboração mútua. Lutava em especial pelos desfavorecidos, para construção de uma sociedade fundamentada nos princípios da paz. Padre Mario chegou no dia dois de fevereiro de 1961, vindo integrar a equipe de Missionários Saletinos, na paróquia do Catumbi. Nessa época já se falava da abertura do túnel Santa Bárbara, seu escoamento para a Zona Sul, Tijuca e toda a região norte. Em 1967 começou a repercutir na imprensa o despejo de 30 mil moradores da Cidade Nova incluindo parte do Catumbi. Em dois meses teriam que deixar a área. No dia 10 de janeiro de 1967 o Padre Mario Prigol reuniu mais de mil pessoas no salão paroquial, para discutirem detalhes do despejo. Como não havia liderança, além de outros esclarecimentos, o padre com espírito de militância fez com que o povo se organizasse e se defendesse, exigindo a inclusão de todas as famílias no plano de habitacional ali proposto para 50 mil famílias. A estratégia foi dividir a área destinada a desaparecer em três, cada rua tinha dois representantes. Ao todo foram sessenta e dois, nove deles foram escolhidos para fazer parte da comissão central. Aí nascia a Associação dos Moradores do Catumbi. A primeira com registro e Alvará que serviria de modelo para todas as outras que surgiriam a seguir.

O governo procurou o padre para saber o que estava acontecendo e que reuniões eram aquelas que aconteciam na paróquia. Alguém da comissão respondeu: “Nós é que viemos saber do governo qual o nosso lugar nesse projeto!” Depois de uma hora de explanação os moradores descobriram que nada estava reservado para eles, e que simplesmente eles seriam jogados ao relento, cerca de trinta mil pessoas, um absurdo sem tamanho. Logo que a comissão saiu da reunião já foi logo pendurando cartazes irônicos por todo o bairro. O jornal⁸ “Luta Democrática” datado do dia 22 de janeiro de 1967 trouxe uma matéria intitulada “Catumbi em pé de Guerra”:

em todas as casas desapropriadas surgiram da noite para o dia, cartazes conclamando a reação de protesto. Uns lamentam o governo, outros a própria sorte e muitos pedem a união de todos para evitar a desgraça que se aproxima. Pelas ruas surgiram faixas por todas as esquinas. Diziam o seguinte: “Sr. Governador, deixe nossas casas e urbanize as favelas”, “progredir arruinando é desumanidade”, “a pretexto de utilidade pública, vão causar mais uma calamidade pública” [...]. Ninguém sabe para onde vai, ninguém acredita que o dinheiro da desapropriação consiga um lar decente para viver. A maioria vive no bairro desde que nasceu. Muitos ali casaram e criaram seus filhos [...] Ninguém se adaptará e deixará seus hábitos, seus amigos e parentes, vivendo longe do lugar onde está acostumado e onde se sente bem. (JORNAL LUTA DEMOCRÁTICA, 1967.)

Nesta época de ditadura era o que se podia falar. A polícia representante do Estado sabia que era inútil qualquer repressão contra um movimento de massa; as manifestações continuaram

⁸O jornal pode ser encontrado no link:http://memoria.bn.br/pdf/030678/per030678_1967_03974.pdf

algumas semanas até que três mil moradores foram se manifestar em frente à ALERJ – Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Com divulgação na imprensa, o Estado foi obrigado a admitir que não era apenas uma minoria do bairro que estava protestando. Logo após, o Governador Negrão de Lima assumiu o compromisso de oferecer casas aos moradores que ficassem no bairro. Ao todo duzentos e setenta famílias receberam novas residências em apartamentos do BNH - Banco Nacional da Habitação).

Na época da desapropriação, após a remoção das favelas da Zona Sul, o governo falava em remover moradores dos morros da Mineira, São Carlos, São José Operário e Querosene. A posição do padre Mario, da Paróquia, das Associações de Favelas e da FAFERJ – Federação de Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro – unidas, impediram qualquer tentativa do governo neste sentido.

1.3.4 Alberto Vieira e o MJC, a Associação de Moradores e o jornal “O Catumbi”

Em entrevista com morador do Catumbi, um rapaz jovem porém com história no bairro me serviu de interlocutor: Alberto Vieira, geógrafo, 35 anos, criou e protagonizou o MJC- Movimento da Juventude Catumbi - inaugurado em 24 de setembro de 2005 e extinto em 2008. Ele fez ampla pesquisa sobre o bairro para atuação e militância a partir do movimento, e entendendo toda a singularidade que foi o processo histórico geográfico do bairro me conta que:

O pilar de formação cultural do Catumbi está na música negra, que não é uma black music de música americana - no caso estadunidense - mas na música africanizada, abasileirada nos territórios pluriétnicos da cidade com a experiência ibérica dos ciganos Calons e o violão de 7 cordas que eles trazem. Nos ritmos diversos e expressões culturais diversas das levas de imigrantes espanhóis, terceiros e quartos portugueses que chegam aqui. O Catumbi era um caldeirão antropológico. (informação verbal)⁹

E acrescenta:

Hoje há várias atividades que acontecem no bairro que são marginais, que no caso estão à margem da perspectiva de uma produção cultural mais formatada, têm atividades no “Vai Quem Quer”, no “Bafo da Onça”, mas são para mim hoje instituições falidas, bem desarticuladas e ao mesmo tempo clubistas, fechadas. Têm algumas atividades de rua espontâneas que se dão e se organizam pelo simples encontro entre as pessoas. Há muita atividade no morro da Mineira que também são restritivas em função do cenário de conflito, além do baile funk. Tinha o “Mocidade Unida da Mineira”, era o bloco carnavalesco da favela, bem agitado, era bem interessante na dinâmica da favela. Agora o que vem acontecendo com uma certa

⁹Entrevista concedida por Alberto Vieira em outubro de 2018. Entrevistador: Maria Carolina Xavier Martins.

freqüência é um movimento no bairro que é o “Produto do morro”, um grupo de classe média baixa de moradores do bairro que atuam e produzem samba no “Bar do Pezinho” na rua Valença e têm uma relevância de qualidade de samba, de pessoas que vem de fora e de pessoas de dentro, que gostam do bom samba que eu considero muito interessante. Também têm algumas atividades de cunho religioso. O Catumbi tem Folia de Reis ainda, resistindo muito, mas é muito pequena. O “Orunmilá” na favela que é também internacionalmente conhecido, também era muito interessante. Tem a irmandade “Divino Espirito Santo” na rua Padre Miguelinho, quem administra ativamente é Santa Teresa mas no contexto sócio-territorial da cultura local é Catumbi, enfim a igreja Nossa Senhora da Salette também atua na cultura local.(informação verbal)¹⁰

É inegável que os produtos culturais vigentes no bairro são oriundos de uma cultura predominantemente negra e a maioria deles hoje são marginalizados. A atual conjuntura local não muda muito do que foi o bairro antes, como o entrevistado Alberto Oliveira disse:

Realmente o que muda no Catumbi são alguns atores, alguns agentes que ou morrem ou aparecem, e que na verdade atuam para preservar o estado de coisas, de alguma forma o Catumbi vive num ritmo de tempo lento em que tudo está sempre do jeito que sempre esteve, ou de alguma forma as mudanças que acontecem são mudanças que exprimem um momento seja para o bom ou seja para o ruim, ou seja, o tiroteio que não é necessariamente uma mudança, mas houve agora a ruptura com a UPP; ou há a reorganização das facções criminosas nos territórios, então você tem uma série, uma produção de eventos - tiroteios - muito grande seja por exemplo a articulação da Associação de Moradores agora apropriada pela mulher do ex-trafficante do morro da Mineira, não eleita, que está ocupando; pequenas atuações que vão sendo produzidas mas que na verdade são manutenções do status quo da manutenção do establishment local. O Eu Amo Catumbi por exemplo, produz intervenções importantes, também considero, são micro intervenções importantíssimas, mas que de alguma forma não conseguem acabar com essa carcaça, com essa carapaça de tempo lento diante de uma veracidade, ferocidade de transformações urbanas muito grande. O Catumbi tem que ser atingido nisso, mas ele não consegue. Muitas vezes ele não consegue se dar conta do que está acontecendo. É um tempo lento, alienante e alienado.(informação verbal)¹¹

A entrevista de Alberto revela toda a sua experiência numa tentativa enorme de mobilização popular com o objetivo de trazer a memória, a identidade e a importância patrimonial do bairro durante três anos de atuação. Na tentativa de entender o que ele chama de “apêndice mal acabado” de projeto de cidade, assim como o coletivo *Uma Mão Lava Outra*, com o projeto *Eu amo Catumbi* (movimento que pode ser visto como micro, com a atuação de 8 pessoas apenas), o MJC um movimento que considero macro dentro do bairro, apesar de todo o engajamento e militância, através da atuação de cerca de 180 pessoas envolvidas diretamente e organizadas em grupos de atuação; divididas em setores de núcleo de pesquisa, núcleo de comunicação, de arte e cultura, com a principal preocupação do resgate da memória e

¹⁰ Idem.

¹¹Entrevista concedida por Alberto Vieira em outubro de 2018. Entrevistador: Maria Carolina Xavier Martins.

preservação do patrimônio material e imaterial do bairro, tentou - como o coletivo - representar o que era o Catumbi e o que ele não mais deveria ser, também com a apropriação de espaços ociosos e esvaziados, com a tentativa da retirada da garagem da Comlurb para a construção da “Arena Pixinguinha”. Da alocação do “Mercado do Agrião” onde hoje é a praça em frente ao cemitério, organizando o comércio informal do bairro, objetivandodar a eles uma condição estrutural importante. Houve também a tentativa de ingressar a rua do Catumbi no corredor cultural da cidade, para que assim conseguissem captar os recursos necessários para a restauração dos casarios, e da iluminação pública, usando de artifícios de ordem jurídica, que de alguma forma contribuíram para recuperar outros espaços da cidade como Lapa, Bairro de Fátima dentre outros.

O coletivo *Uma Mão Lava Outra* quando começou a atuar no Catumbi teve ideias semelhantes, como a comemoração do aniversário do bairro, e da transformação da garagem da Comlurb em um ponto de cultura, que também levaria o nome do mestre Pixinguinha. (Deixando aqui declarado - por uma questão de justiça - que foi o MJC que descobriu a data de aniversário do bairro, que nunca tinha sido comemorada antes). Depois a Associação de Moradores, em parceria com a Prefeitura, realizou durante alguns anos o evento comemorando a data com artistas bem menos expressivos. A Associação roubou para si o evento numa disputa política com o MJC. Entretanto não demorou muito para o coletivo descobrir toda a atuação do MJC e a sua frustração diante da não continuidade do projeto por causa de conflitos políticos.

Imagem 10



Fonte: Alberto Vieira

Imagem 11



Fonte: Alberto Vieira

A Associação de Moradores, com seu histórico militante e vencedor, foi declinando ao longo dos anos. Nos anos de 1967 e 1968, sua atuação foi plena, conseguindo realizar seus

objetivos. A Associação conseguiu construir edifícios que também seriam destinados aos desapropriados. A diretoria da Associação sabia que não podia perder apoio da massa, pois as conquistas obtidas dependeram do esforço coletivo da comunidade, logo eles procuraram fazer duas coisas: “1) chamar os moradores aos brios, evocando glórias locais, o que dava caráter ao bairro, e tentando fazer da associação um símbolo dos símbolos; 2) alertar aos individualistas que eles seriam os primeiros a sair perdendo.” (SANTOS, 1981, p.172). A ideia de criar um jornal serviria muito bem para esses propósitos citados acima. A seguir um trecho do Editorial do jornal *O Catumbi* (nº 33, ano III, fevereiro de 1974), que exemplifica muito bem isto:

Com muita sensibilidade era explorado o fato de que no “maior advento [*sic*] da Cidade Maravilhosa(...) nosso bairro é tido como seu verdadeiro líder e, sem nenhum favor, o é de fato e de direito, senão vejamos: o BAFO DA ONÇA (caixa alta igual no original) com seus 8 mil participantes que, diga-se de passagem, provoca inveja a muitas escolas de samba, pois quando entra na avenida com suas cabrochas sambando e gingando até o asfalto amolece, alucinando aos [*sic*] que têm a ventura de vê-lo passar e o VAI QUEM QUER, com suas mulatas, requebrando, deixando a mocidade louca; o BLOCO DO GELO com as suas tradições marcando sua passagem aos olhos de cada um como algo extraordinário; o grupo zapata com seus foliões jovens que representa a mais salutar tradição de nosso Catumbi e nossos ranchos UNIDOS DO CUNHA e UNIÃO DOS CAÇADORES, com as suas fantasias, músicas e alegorias que fazem lembrar personagens que fizeram história na humanidade. Tudo isso aí gente é uma é uma síntese do carnaval do Catumbi”. Como objetivo não é apenas o de jactar-se com tiradas ufanistas, logo vem a reflexão que ultrapassa a não-seriedade carnavalesca: “Se de Catumbi sai o maior carnaval do mundo (...) imagine do que somos capazes quando nos propomos a realizar algo, haja visto [*sic*] a demonstração de força e união que há sete anos estamos dando não só ao povo da Guanabara, mas de todo o Brasil, com o movimento que iniciamos para permanecer no Catumbi. E até o momento se NOSSO OBJETIVO (caixa alta de Santos) não foi totalmente alcançado, acreditamos que estamos caminhando para soluções que beneficiarão a todos” (*apud* SANTOS, 1981, p.173)

Daí em diante essa união comunitária iria esfacelar-se ao poucos. O que era ameaça virou rotina, pois o bairro não foi demolido de uma vez como foi anunciado; a destruição lenta foi sendo incorporada e foi perdendo o ar de novidade. Quando se acostumaram com ela, passaram a cuidar de outros assuntos.

De acordo com observação ao longo dos anos de vivência no bairro, com impasses de cunho político entre o coletivo “Uma Mão Lava outra” e também através de relatos velados, (ninguém gosta de falar sobre a atuação do último Presidente Jorge Roque na Associação) percebe-se que a instituição foi se transformando com o tempo, numa espécie de imobiliária para realocação de famílias, o que no início ajudou muitas pessoas. Porém ao longo dos anos ela se voltou inteiramente para isso. Jorge Roque, que ficou durante muitos anos à frente da associação não fazia nenhuma questão de esconder seus interesses toda vez que a Associação promovia algum tipo de evento ou atividades no bairro (tal informação foi praticamente unânime nas diversas entrevistas e conversas).

De volta ao campo fui de novo tentar entrevista na Associação, (foram algumas tentativas com o Jorge) quando –para surpresa - descobri que a Associação não existe mais. No lugar funciona um salão de festas e também uma academia de pilates, dança e terapias a preços populares. No local perguntei se sabiam para onde a Associação tinha ido e ninguém sabia responder, segui pelas ruas entrando em vários comércios fazendo a mesma pergunta e ninguém sabia da Associação. Até que resolvi ir ao “bar do Pezinho” para entrevista-lo e descobri que o Jorge Roque está numa pequena loja no prédio vizinho ao bar, e que lá funciona como uma imobiliária, ou seja ele continua exercendo a mesma função que fazia na Associação. Ele não estava na loja no momento, porém tinham dois homens negros que pareciam seguranças, embora não vestidos como tal. Com roupas simples e chinelos, percebi que um deles estava armado. O que me leva a pensar que podem ser integrantes de uma nova milícia local. Sobre a mulher que o Alberto relatou que estaria à frente da Associação, não consegui maiores informações.

1.3.6 Astória Futebol Clube e a black music

O Astória Futebol Clube, o Azulão do Catumbi, foi fundado em 23 de outubro de 1931 e era o principal local de esporte e lazer, tendo seu espaço frequentado por todos no bairro. Era onde se faziam reuniões e se promoviam diversões de caráter social. A remoção do clube Astória deixou órfãos de lazer e cultura no Catumbi, e a partir daí eles teriam que se apropriar de outros espaços para o lazer. Como já explicitado neste trabalho, foi no Astória que aconteceu o primeiro *Baile Black* do Rio de Janeiro, que logo virou febre na cidade. Hoje destaco a atuação de três Djs residentes Alex Dj, Carlinhos Dj e Luiz Dj, que atuam no bairro tocando esse estilo de música que, apesar de ser americanizada, representa muito bem o caráter negro da cultura local. Com atuação dos Djs no *Eu amo Catumbi*, não demorou muito para que eles se organizassem para atuação em outros espaços do bairro e fora dele. Assim foi criado o cinturão do charme fazendo assim uma rede de Djs da região como conta Luiz Dj em entrevista:

Nós criamos o cinturão do charme em 23 de novembro de 2016. Criamos, eu, Kitinho, Alex, Carlinhos, Daniel do Rio Comprido. Na época estavam o Wagner, o Denilson, o Márcio Jovino. Nós criamos para fazer a junção dos eventos que tinham na região para poder fortalecer mais ainda o movimento do charme que é o movimento que nós fazemos. Juntamos o pessoal de Vila Isabel, que é o Kitinho, do Rio Comprido que era o Wagner e o Denilson, o Daniel, o Jovino e o Márcio do Estácio e daqui do Catumbi que sou eu Alex e Carlinhos. Até então, estamos fazendo os eventos uma vez ao mês. Quando têm os eventos do Jovino no Estácio uma vez ao mês também, todos se programam para ir tocar só no evento dele, quando têm os eventos do Rio Comprido, lá do Wagner (apesar dele e o Denilson terem saído do grupo), mas mesmo assim nós não fazemos nenhum evento na data do evento deles. A gente programa tudo. Os eventos do Kitinho lá em Vila Isabel, também a mesma coisa sendo que nós nos deslocamos e até levamos nosso material para tocar lá junto com ele e assim fazemos o evento junto com ele lá na praça da Vila. Hoje se consolidou como grupo

eu, Alex, Carlinhos, Jovino e Kitinho e estamos dando continuidade. Uma vez por mês a gente aluga a quadra do “Vai quem Quer” no Catumbi para não deixar o movimento morrer, porque não é tão fácil você fazer um movimento black onde a gente mora, porque onde a gente mora o povo gosta mais é de funk, forró e pagode, então a gente persiste nisso há muito tempo e a gente não desiste, vira e mexe a gente corre atrás de autorização lá na prefeitura; esse lance da passagem subterrânea a gente está batalhando para ver se arruma pelo menos o banheiro. A autorização até que não está sendo muito difícil de arrumar, mas o banheiro está. Se não fizermos no Catumbi, a gente faz ou em Vila Isabel ou no Estácio. (informação verbal)¹²

Logo, há uma organização por parte deles para não deixar o movimento morrer. Eles se colocam com essa responsabilidade de trazer a *black music* não só para o Catumbi como também para toda a região. É comum ver nos bailes eles mostrando e estimulando as crianças a aprenderem a tocar, e até deixam elas brincarem de Djs, assim despertando para a profissão que na verdade é, para eles, mais como um *hobbie* pois todos têm uma outra profissão que é colocada em primeiro lugar. Todos eles contam que resolveram se tornar Djs vendo os outros Djs tocarem, deixando claro que há uma certa herança cultural da *black music* desde os tempos do antigo clube Astória. A seguir, a imagem 12 de autoria desconhecida retrata o baile da *black music* realizado ainda no antigo clube Astória; a imagem 13 ilustra o cartaz de divulgação do *Retorno d’Astória* já dentro da passagem subterrânea e a imagem 14 mostra o cartaz do evento realizado pelo *Cinturão do Charme*.

Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



1.3.6 As placas e o mapa afetivo – sinalizações identitárias

O coletivo *Filé de Peixe* em parceria com o coletivo *Uma Mão Lava Outradentro* do projeto *Eu Amo Catumbi* propôs criar obras que remetessem à questão do patrimônio fazendo um tipo de tombamento e sinalização do bairro em duas intervenções artísticas, em forma de placas, uma sinalizando o baile *O Retorno d’Astória* como o marco zero da *black music* no Rio de Janeiro, bem na entrada da passagem subterrânea; e a outra foi a placa *Welcome to Catumbi*,

¹²Entrevista concedida por Luiz Cláudio em outubro de 2018. Entrevistador: Maria Carolina Xavier Martins.

esta bem grande como as de trânsito para receber os milhares de transeuntes que passam pelo Catumbi, todos os dias. Essa placa em especial chamou muita atenção e despertou questionamentos do porquê estar escrita em inglês em vez de português.

Imagem 15

Imagem 16



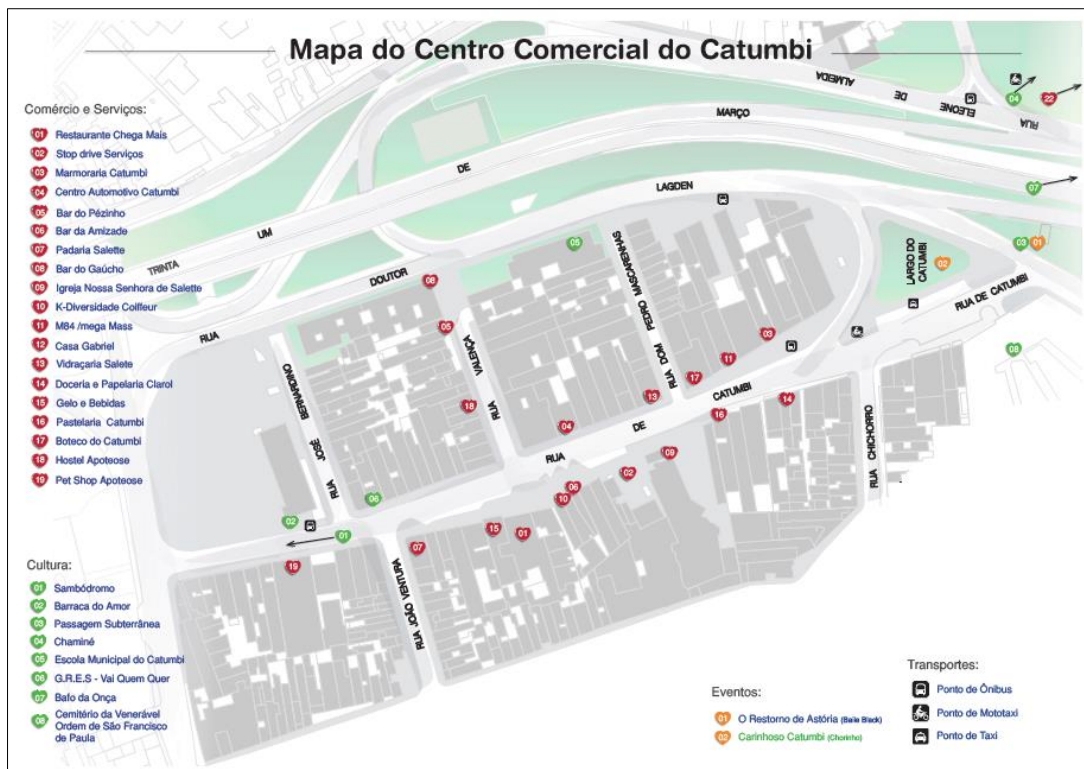
Foto de Fabrício Goyannes



Foto de autoria do Coletivo Filé de Peixe

Paralelamente às placas criadas pelo coletivo *Filé de Peixe*, o coletivo *Uma Mão Lava Outra* criou um mapa afetivo do Catumbi. Uma contrapartida cartográfica para os comerciantes pelo apoio material às ações realizadas pelo coletivo, onde além de apontar o comércio que apoia arte e cultura, o mapa também sinalizava os locais considerados patrimônio cultural do bairro e os eventos até então realizados pelo coletivo.

Imagem 17



Mapa afetivo do Catumbi

1.4 A identidade via relações Sociais:

O Catumbi, sendo um bairro de passagem, tem um enorme fluxo de carros, isso fez com que o bairro se configurasse num pólo de oficinas mecânicas na rua do Catumbi, a principal rua dos comércios. Há também alguns botecos que ainda resistem ao tempo como o “Social Clube Mulambo”, mais conhecido como bar do Mulambo, que está em funcionamento desde 1974; a impressão é que o bar está abandonado pelos clientes, seu movimento é bem baixo, todas as vezes que fui ao bar para entrevistar o dono ele não estava e a atendente de poucas palavras nunca quer falar nada alegando vergonha. O bar que já foi bem famoso conta com muitas histórias. É o bar dos vascaínos locais, ele fica localizado na rua do Catumbi ao lado de tradicional Grêmio Recreativo.

Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Fotos de Maria Carolina

O Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Vai Quem Quer (que é original do bairro do Flamengo, mas que depois se mudou para o Catumbi, onde já desfilava) importante na história do bairro está bem precário (o espaço permite festas, ensaios, aulas de judô pois precisa sobreviver). Ele fica situado bem em frente à também tradicional padaria Salette, que leva o nome da igreja do bairro, padaria esta que parece ser o coração do bairro. Nela todos se encontram, ela está muito bem cuidada, e tem um ótimo serviço e atendimento (fotos na página à seguir); a igreja, por sua vez, tem imponente arquitetura neogótica, e é vista de todos os ângulos. Sua paróquia é muito ativa e dá nome tanto à padaria, como também à vidraçaria Salette.

Imagem 21



Imagem 22



Fontos de Maria Carolina

Quando se anda pelas ruas do Catumbi, é comum ver muitos táxis. É um engano pensar que é somente pela localização central, claro que isso conta, porém o Catumbi também tem muitas lanchonetes e pequenos restaurantes de comida caseira, o que atrai os motoristas para o almoço, tendo em vista que o bairro tem ruas com muitas vagas para estacionar sem pagar e sem flanelinhas, além do que a comida é mais viável por conta do preço. Na rua Valença existe um bar, o “Bar do Pezinho”, já citado antes, cujo dono tem esse apelido derivado de uma má formação em seu pé. Ele é muito querido no bairro e a rua é sem saída para carros. Sendo fechada, ela permite que se possa colocar mesas na rua, configurando-se como mais um espaço de apropriação, onde o pessoal faz churrasco, monta mesa de som, faz o pagode e o forró e se diverte até a hora que ele decide fechar, famílias inteiras frequentam com crianças, porém sempre de olho, pois é ao lado da via expressa.

Em entrevista, Adenilson, de 57 anos- o Pezinho- revela que chegou ao Catumbi em 1979. No início trabalhava em outros bares mas abriu o seu há doze anos. Recentemente fez uma obra no botequim e o transformou-o em restaurante que serve almoço executivo fazendo concorrência com o restaurante do lado, o do Gaúcho. Perguntado sobre a concorrência ele disse que todo mundo se dá bem, que não tem disputa, pelo contrário, quando alguém tem problemas um ajuda o outro. Seus clientes na hora do almoço são na maioria taxistas e funcionários da empresa *Light*. Perguntado sobre infraestrutura, Pezinho relata que o que falta no bairro mesmo é segurança, que seu bar em pouco tempo foi assaltado três vezes e que no bairro não tem uma loja que não tenha sido assaltada. Ele diz que o bairro para ele é o melhor do Rio de Janeiro, e que não tem vontade de sair dele, mas que o mesmo precisa se modernizar.

O movimento de seu bar é muito bom, pois é hoje um dos mais importantes do bairro. O bar é antigo, Pezinho diz que não é o primeiro dono e sim o segundo, com o primeiro ficou quarenta anos e com Pezinho está há doze anos, logo já são cinquenta e dois anos de bar. O ponto é bom, o movimento é bom e eles trabalham bastante. O funcionamento é de domingo a domingo e também abre aos feriados. Sua filha mais velha, Fabiana, organiza o pagode e outros eventos que acontecem no bar, mais precisamente em frente ao bar, já que é uma rua sem saída. Eles disponibilizam a churrasqueira para grupos que quiserem fazer churrasco. Além do pagode, o Dj Alex também pode colocar o som da festa. São como uma família, já que o Dj é vizinho do bar. Além do pagode também acontecem forrós. Pezinho conta que o que quiser colocar, eles dão um jeito de fazer. Fala que o pagode atrai muitos clientes, mais de centena e que para uma rua pequena é bastante movimento. Os eventos costumam ser durante à noite porque de dia só aos domingos é possível já que em frente ao bar funciona uma oficina mecânica que lota a rua de carros nos dias de semana. Como aos domingos ela não abre, libera a rua para Pezinho colocar as mesas e fazer a roda do pagode.

Imagem 23



Imagem 24



Fotos de Maria Carolina

Outro lugar muito curioso é a *Gaiola Cultural turma da Tranca* que já existe há doze anos, também na rua do Catumbi. Se trata de um clube de jogo de tranca na calçada onde eles aproveitaram as mesas que já existiam e fecharam com grades para poder guardar pertences, e também colocaram uma cobertura de telhas para se protegerem da chuva. É inacreditável o movimento, desde 7h da manhã até tarde da noite (em sua maioria homens de meia idade para cima, em grande parte aposentados) que se revezam entre horários para jogarem tranca e “jogarem” também “conversa fora” acompanhados de uma cerveja. Este é um espaço exclusivamente sexista, mulheres não entram. Em entrevista, Gilberto Bastos 63 anos conta que

a maioria dos membros, que são hoje trinta e três, são amigos desde os tempos de escola, e que jogam tranca desde muitos jovens. A maioria estudou junto no Colégio Estados Unidos, que fica na rua Itapiru e ainda jovens resolveram formalizar o grupo.

Na *Gaiola*, como é chamada, é proibido apostas e brigas com agressões, caso haja, os envolvidos na confusão estão sujeitos à expulsão. O álcool é permitido, somente antes, quando se está “na de fora” ou quando acaba o jogo, mas sem baderna, ele deixa bem claro. Ele conta que é tudo muito organizado e que eles têm permissão da Prefeitura, pois são considerados como um grupo cultural. Ele também relata que nunca há problemas quando há mudança na gestão da Prefeitura. Que o espaço é deles, é vitalício, e afirmou com veemência que eles têm uma autorização para permanecerem lá. Gilberto conta que eles fazem o evento de aniversário da Gaiola e é só nesta ocasião que suas esposas e companheiras podem participar; perguntado se elas têm vontade de participar, ele disse que sim, que sempre houve essa questão porém nunca foi aprovada em votação pelos membros.

A entrevista foi realizada durante uma partida de tranca, enquanto Gilberto respondia seu oponente no jogo, Marreta, que diz com orgulho ser campeão brasileiro de boxe, tentava “passar-lhe a perna”, aproveitando-se de sua distração. Quando percebeu que estava sendo passado para trás, a entrevista teve que ser interrompida para uma pequena discussão em tom de brincadeira, tudo num clima muito amistoso.

Nós temos autorização, é vitalício. Gostaria de esclarecer aqui nesta entrevista que aqui a coisa é bem séria. As pessoas falam “ah, aqueles caras que ficam o dia inteiro jogando ali, que ficam perdendo dinheiro” as pessoas escutam aqui uma certa gritaria, palavras obscenas, mas é isso, faz parte do jogo. O nosso vice presidente aqui, é oficial da Marinha, um cara com capacidade intelectual um pouco mais elevada que todos nós. Ele coordena tudo direitinho, se tem que mandar uma mensagem para todos nós com informes, ele manda; é tudo organizado, mas estamos nos organizando ainda. Aqui é raiz, a nata do Catumbi está aqui. Nós todos temos história. Eu fui o primeiro mestre-sala mirim do Brasil. Minha mãe era porta-bandeira e eu era o mestre-sala dela. Fui um dos fundadores do Bafo da Onça, eu ajudava a organizar os eventos e assim fiz muitos amigos que inclusive fazem parte da Gaiola, estamos aqui ainda todos juntos. Então aqui é uma área muito família. Pode acreditar. Podem até fazer comentários negativos sobre a turma, mas não é o que falam não. (informação verbal)¹³

¹³ Entrevista cedida por Gilberto Barros em Agosto de 2019. Entrevistador: Maria Carolina Xavier Martins

Imagem 25



Imagem 26



Fotos de Maria Carolina

Entrevistei também o João Fernandes, de 66 anos, que é o presidente da Gaiola. João contou que antes da Gaiola eles jogavam na rua, ali no mesmo lugar, porém no chão mesmo. Depois vieram as mesas que a Prefeitura colocou (aquelas com jogo de tabuleiro), e aí o grupo tomou força, o problema se dava quando mudava o tempo. Por causa de chuva e vento a jogatina tinha que ser interrompida, daí a ideia de fecharem o espaço. João conta que o então presidente da Associação Jorge Roque deu uma força para conseguirem a autorização na Prefeitura. Porém, contrariando Gilberto, João fala que não existe um documento oficial que garante que eles possam permanecer ali, foi um acordo verbal que se mantém há doze anos.

Os membros da Gaiola pagam uma mensalidade de quinze reais ao mês para pagar a conta de luz (tem um relógio), a televisão da gaiola fica o tempo inteiro ligada. Tem uma pia lá também com ponto de água e uma geladeira. Sobre mulheres poderem participar, ele disse com uma fala bem machista que não pode, porque ali têm muito “palavrão” e acaba ficando chato, que não é ambiente para mulher. Perguntei então se tinha algum gay, e ele espantado com a pergunta afirmou: “de jeito nenhum” com a desculpa que os gays não podem porque não sabem jogar. Tendo em vista que, de acordo com dados do IPP de 2010 (último ano de dados disponíveis sobre o Catumbi), residiam somente sete gays no bairro, o que sintetiza esse pensamento patriarcal do território. A gaiola é um perfeito exemplo do público *versus* privado e dos usos que podem se dar nas ruas e calçadas. Também serve de exemplo de categoria de *pedaço* a que se refere Magnani. Não é qualquer um que pode chegar na gaiola, a minha

presença no local apesar de ser amistosa durante as entrevistas ao mesmo tempo incomodou alguns pelo simples fato de ser mulher. Eu não sou chegada, estou fora do grupo que pode participar. O que difere um pouco do baile. Com todos as subjetividades e signos identificadores o baile é mais aberto e receptivo do que a gaiola ou qualquer evento no “bar do Pezinho”. Todos este espaços, podem ser considerados pedaços porém creio que para frequentar a Gaiola tem que ser muito mais *chegado*.

Imagem 27

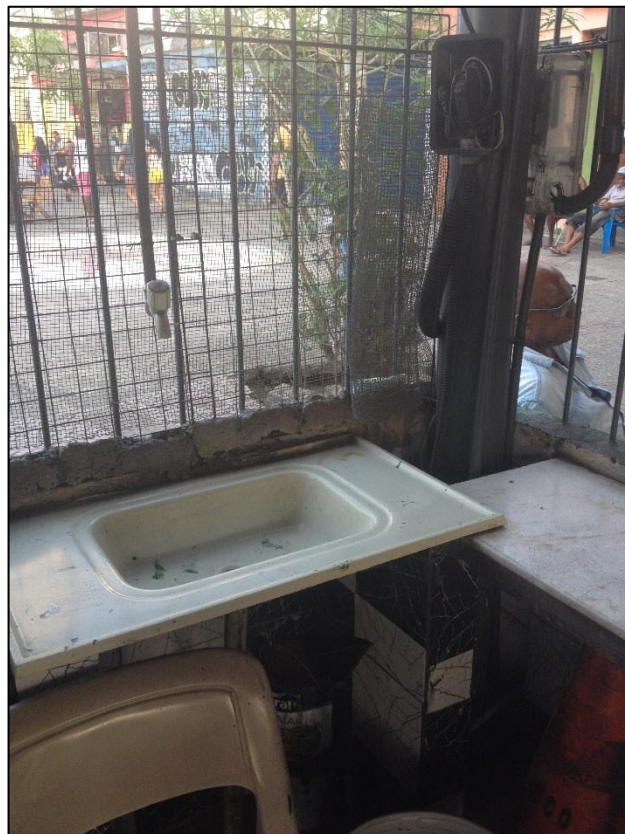


Foto de Maria Carolina

Acreditava que existia feira na rua do Catumbi aos domingos, porém não há; a feira informal acontece desegunda à sábado, sem a rua fechar, com todo o movimento que a rua do Catumbi tem. Com barracas de hortifruti, de churros, de balas e biscoitos, perfumes e cremes, iogurtes, acessórios eletrônicos, peixaria, que permanecem até o horário escolar quando as mães vão buscar as crianças nas escolas. Assim que passa o movimento, as barracas fecham e os trabalhadores informais vão embora. Nenhum barraqueiro tem autorização para trabalhar na rua. Entrevistei o Paulo Roberto Gonçalves dono da barraca de hortifruti há trinta anos. Criado no morro do São Carlos, com sete anos começou a trabalhar na feira e aprendeu a trabalhar no comércio de hortifruti; depois que adquiriu o conhecimento da venda de frutas, começou a

montar sua barraca e trabalhar como camelô. O primeiro lugar que dirigiu, foi no Catumbi, próximo à passagem. Trabalhou ali quinze anos e depois foi para o quiosque que estava abandonado e lá permanece até hoje. Paulo já tentou legalizar seu quiosque duas vezes sem sucesso, *“está difícil mas eu tentei mais uma vez e creio em Deus que agora eu vou conseguir”*. Ele foi criado numa família com mais 11 irmãos, e é o quarto filho. Enquanto conversávamos Paulo Roberto atendia seus clientes de forma muito amistosa também. A impressão é que eram todos uma família, perguntavam uns aos outros sobre como estavam suas vidas, e também a vida de seus familiares. Todos os clientes que passaram por seu quiosque durante a minha presença transpassavam essa intimidade para com o Paulo. Com todo o comércio e ambulantes, a calçada da rua do Catumbi transparece ter muita vida, um movimento enorme e afetividades para com o próximo, por parte da população que ali estava. Creio que esta parte do bairro se manteve em sua essência diferente de outros espaços. Sobre a economia do bairro, o IPP diz que até 2015 existiam 1.547 estabelecimentos comerciais que atendiam 1.997 postos de trabalho. Já os ambulantes fixos com autorização, somavam um total de 58 pessoas até 2016.

Imagem 28



Foto de Maria Carolina

Capítulo II - Espaços Ambíguos - Degradação x Potência

2.1 A praça do Catumbi

Um dos poucos lugares destinados ao lazer no bairro se enquadra também como espaço topofóbico: é a praça localizada em frente ao cemitério na rua do Catumbi, que faz esquina com a rua Itapiru, e possui alguns equipamentos de lazer para crianças como gangorra, trepa-trepa e escorrega. A praça e estes equipamentos são pouco usados pelos moradores e crianças. Por motivos de segurança, já que a área é circundada por vias expressas. A praça já foi gradeada no intuito de protegê-las de possíveis acidentes. No passado a área já foi dominada por viciados em drogas e no passado, a cerca de três anos ela vivia fechada por causa disso, porém quando os estes moradores foram embora, eles voltaram a reabri-la.

Sua entrada fica exatamente em frente à entrada do cemitério, e da praça se vê todo o intenso movimento de entrada e saída de pessoas que vão enterrar seus entes queridos. Ela ficava aberta durante o dia, e era fechada durante a noite, suas chaves permaneciam em poder da Associação de moradores do Catumbi, hoje em dia a praça não é mais gradeada. Os sujeitos que fazem o uso da praça são algumas mães com seus filhos, adolescentes, e algumas pessoas que vão fazer uso de drogas. Também já foram vistas pessoas fazendo sexo ao ar livre, mas isso antes, quando a praça ainda era gradeada. Porém percebe-se que ela ainda se encontra esvaziada e tem os seus horários fixos de pouco movimento, que geralmente é na parte da tarde. O motorista de táxi Claudio Osmar de 53 anos relatou que quando chega mais ou menos o horário de 18h começa o movimento dos usuários que ficam ali geralmente fazendo o uso de maconha e cocaína, e questionado sobre o uso do *crack*, ele respondeu não saber, mas que acha que não acontece pois é muito perceptível quando um local é dominado por viciados em *crack*, que logo aparecem os “zumbis” como ele próprio disse.

O sentimento topofóbico diminuiu em relação à praça mesmo com presença de moradores em situação de rua já que não existe mais a grade que transpassava um sentimento maior de insegurança, graças a sensação que se tinha ao entrar, que era de certa forma aprisionadora. O cenário estabelecido dentro da praça anteriormente era de perigo pois ao entrar não se tinha para onde correr ou se esconder. Agora sem as grades a sensação de segurança aumentou um pouco, o que é contraditório em tese, como já dizia a banda O Rappa: “as grades dos condomínios são pra trazer proteção, mas também trazem angústia, se é você que está nessa prisão”. Essa letra cabe muito bem com o sentimento angustiante que se estabelecia, um sentimento topofóbico que aquela grade causava nos sujeitos frequentadores da praça, como apontado na fala de várias entrevistas. Como a praça é ao lado das vias expressas e fica bem em

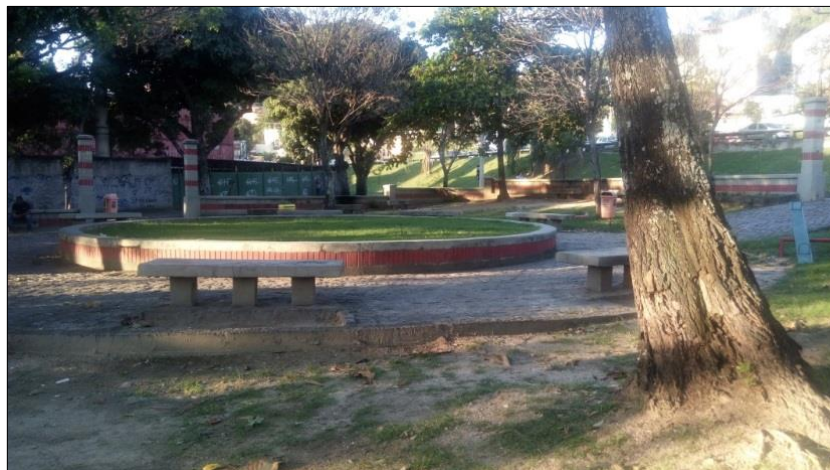
frente ao cemitério, o seu entorno é muito movimentado, e agora sem as grades é possível a visão panorâmica tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro. A praça pode ser vista nas imagens a seguir:

Imagem 28



Crianças brincando na praça do Catumbi (largo do Catumbi)
Foto de Maria Carolina

Imagem 29

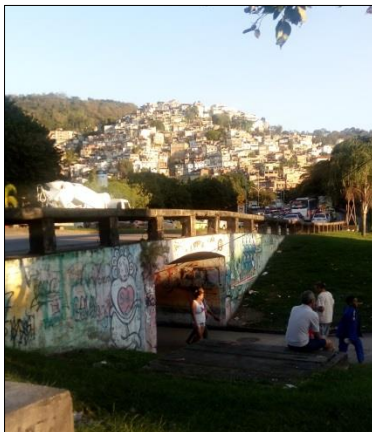


Praça esvaziada
Foto de Maria Carolina

2.2 Passagem subterrânea de pedestres:

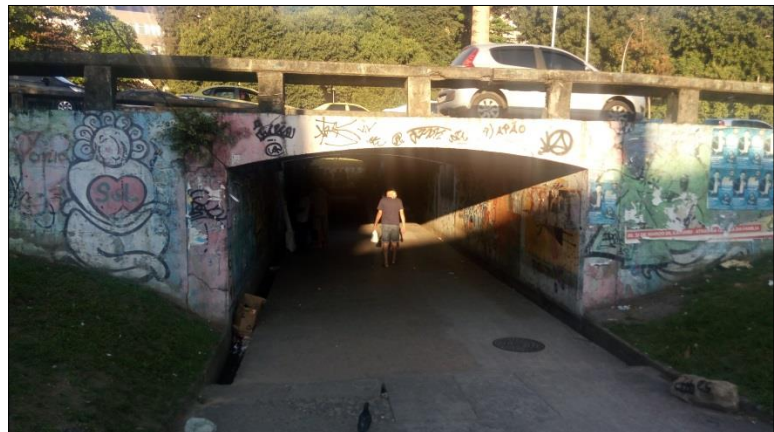
Há poucos anos a passagem também transmitia sentimento topofóbico, apesar de ter bastante fluxo de pedestres. A falta de iluminação trazia pessoas que usavam o espaço como banheiro e o odor era bastante forte. A sensação de medo ao atravessá-la era latente, porém é o único jeito seguro de atravessar de um lado para o outro (isto se tratando de segurança no trânsito). No meio desta pesquisa de mestrado a passagem se encontrava num estado topofóbico não por esvaziamento, a crise econômica do Estado fez com que nos últimos dois anos e meio um movimento de pessoas que se encontram em situação de rua - por não conseguirem manter seus empregos e arcar com seus aluguéis - procurar abrigo dentro da passagem. O espaço, que tem grande extensão, é coberto; cabendo assim um considerável número de “moradores” que se sentiam protegidos dos elementos da natureza como chuva, vento e ao mesmo tempo também dos tiros e da “guerra” que assola o bairro. Porém estes eram mal vistos por parte dos transeuntes que se sentiam inseguros com a passagem completamente tomada por esses sujeitos sociais, que apesar de transmitirem certa sensação de perigo, eram pessoas tentando sobreviver por conta das adversidades da vida.

Imagem 30



Passagem sob o viaduto 31 de março, e atrás o morro da Coroa
Foto de Maria Carolina

Imagem 31



Passagem sob o viaduto 31 de março
Foto de Maria Carolina

Este espaço foi o que mais teve mudanças durante meus estudos de campo. Cada dia que eu ia ao bairro a passagem estava diferente, com nova configuração. A passagem esteve um tempo vazia, depois ocupada (já que sua extensão é bem comprida, ela comporta muita gente). O cenário caótico criado dentro da passagem traz, por um lado, compaixão e sentido de

alteridade (sobretudo sob uma perspectiva mais ética e inclusiva), pois é nítida a tentativa do “ganha pão” quando uma feira de produtos usados, popularmente chamado de *shopping chão*, é estabelecida por esses sujeitos que vendem de tudo, eletrônicos, sapatos, roupas, livros e tudo o que eles acreditarem possuir algum valor.

Este trabalho identificou um “morador” que chegou primeiro e que se sentia o verdadeiro “dono da casa” - o que era conflitante com outros que chegaram depois. Estes conflitos assustavam ainda mais os pedestres que por lá transitavam. A situação da passagem contribuía para a negação de sentido de identidade territorial pelos que ali passam diariamente. A repulsa não vem de hoje, tanto seu esvaziamento quanto sua apropriação “marginal” trouxeram sensação de perigo iminente. É bastante possível a sensação do passante de estar invadindo a casa de um estranho, na verdade de muitos estranhos. Eles tinham rotina do “lar”, é um tanto quanto curioso perceber isso, mas por ser um espaço semifechado, daí a sensação de semiclausura. Quando se tem a aproximação forçada, a divisão do mesmo espaço com essas pessoas marginalizadas, as sensações podem ser conflitantes, pois misturam-se medo, compaixão, repulsa e familiaridade.

Imagem 32



Brechó na passagem com mobiliário dos moradores
Foto de Maria Carolina

Imagem 33



Pessoas fazendo suas apostas no
“jogo do bicho”
Foto de Maria Carolina

Outra apropriação da passagem é feita pelo “jogo do bicho”; um senhor fica sentado numa carteira de escola de um braço-mesa fazendo os jogos, um morador que não quis se identificar disse assim: “*dali para lá o espaço é dele, e dali para cá é nosso*”. Explicando que os espaços apropriados têm donos e compreendendo que o jogo do bicho chegou bem antes, ficou-se subentendido que não podiam atravessar para o outro lado com seus pertences, então a passagem passou a ser dividida por dois espaços, o do jogo e o dos moradores.

Imagem 34



Shopping Chão
Foto de Maria Carolina

Imagem 35



Resultados do “jogo do bicho”
Foto de Maria Carolina

Davi de Moraes, de 49 anos, se encontrava em situação de rua e residia na passagem subterrânea desde março de 2018. É artista, escultor em madeira e alega que a presença deles na passagem é benéfica para a segurança do local. De acordo com Davi, a passagem era limpa por todos que ali residiam e que, graças à presença deles, os assaltos e estupros tinham acabado. Perguntado sobre o tráfico de drogas dentro da passagem, ele disse que só durante à noite e madrugada que havia o consumo mas que não havia tráfico. Ele disse também que a população compreendia a permanência deles ali e que também recebia ajuda através de doações de alimentos e cobertores, assim como bugigangas que podiam ser vendidas, mas que a principal ajuda mesmo vinha da Igreja Nossa Senhora da Salette. Entretanto um fato ocorrido no mês anterior à entrevista - relatado por ele - deixou claro que a população não aceita tão bem assim a presença deles ali, já que um de seus amigos que também residia na passagem, conhecido como “Magrão”, foi assassinado ali mesmo, durante a madrugada. Davi afirma que foi crime passional por causa de uma mulher, que seu namorado enciumado foi lá para matá-lo. Questionado sobre a veracidade do motivo, ele disse que o homem falava da mulher enquanto o agredia na cabeça com uma barra de ferro.

Sobre a repercussão do assassinato de “Magrão”, Davi informou que não teve nenhum alarde e reiterou que *“morador de rua não é gente”*. Relatou, também, a tentativa que as prefeituras sempre tiveram em manter as ruas limpas deles; que não iria para nenhum abrigo nem da prefeitura nem de ONGs pois não acredita em um trabalho sério voltado para a ressocialização das pessoas, e para completar ele acreditava que essas instituições usavam seres humanos como “isca” somente para captação de recursos que não serão destinados a ajuda dos que mais necessitam.

Cláudio Osmar, de 60 anos, é motorista de táxi. Hoje vive em Olaria, porém nasceu e viveu no Catumbi grande parte de sua vida. Ele relatou que seu avô trabalhou na construção do túnel Santa Bárbara e que não tem nenhuma vontade de voltar a morar no Catumbi por causa da falta de segurança. Ele vê o território do Catumbi como um bairro de passagem e disse não acreditar em melhorias do Estado. Ele trabalha no ponto de táxi em frente ao cemitério, bem próximo à passagem e à praça (largo), logo, ele tem proximidade com os residentes da passagem. Questionado sobre a presença deles, ele diz que não aprova, que eles assustam os passantes, e sobre eles manterem a passagem limpa, ele discorda já que por causa de seus móveis, utensílios e coisas expostas à venda, eles acabam sujando esteticamente o local pois fica caótico - de acordo com sua opinião. Ele afirma que há o uso e o tráfico de drogas, porém não sabia sobre a morte de “Magrão”. O que confirma a falta de repercussão, afinal um ser humano foi ali assassinado, porém seu estado de marginalização o faz menos importante para a sociedade como afirmou Davi mais acima.

A passagem chamou a atenção do público e até da mídia. O jornal “O Globo”, na matéria do dia 11/09/2018 - aproximadamente um mês após as primeiras entrevistas para este trabalho - veio com o título: “No Catumbi, passagem subterrânea vira casa e brechó” e no subtítulo: “Homem vive há 10 anos em um quarto improvisado no local e vende bugigangas. Nas redes sociais, moradores da região denunciam o abandono do espaço público, mas há quem argumente que ‘inquilinos’ mantêm o lugar limpo”. Na matéria, o morador entrevistado foi Rubens Aguiar da Conceição, de 54 anos, que não se encontrava no local quando foram feitas as entrevistas para este trabalho. Rubens relatou para “O Globo” que vive há dez anos dentro da passagem vendendo utensílios e objetos no “brechó”, porém durante todo o processo de atuação do projeto “Eu Amo Catumbi” dentro da passagem, ele nunca foi visto. É de senso comum dos cidadãos Catumbienses que os moradores da passagem chegaram há mais ou menos 3 anos antes desta pesquisa.

Davi aparece na mesma entrevista¹⁴, que saiu também no jornal “Extra”, da mesma editora que o outro, varrendo a passagem, e mostrando que eles limpavam o local. Para a matéria ele contou que tem passagem pela polícia por tráfico de drogas. Já Juliana Barreto, de 27 anos, uma moradora do bairro que passa todos os dias pela passagem, acha boa a presença deles e que o local está realmente mais seguro. Sem dúvidas, este espaço é muito visado por todos, de transeuntes e moradores à articuladores culturais e artistas que também se apropriaram do espaço, através de grafite, música, vídeo e performance formando novas paisagens afetivas que

¹⁴A entrevista encontra-se no link:<https://glo.bo/2QmolQ4>

duraram apenas algum tempo como veremos mais a frente. Depois dessas apropriações a paisagem da passagem se converteu de novo em uma outra paisagem totalmente distinta pela apropriação dessas pessoas, que provocavam repulsa mas também afeto pelo simples fato da ocupação “cuidar” do espaço. Durante essa pesquisa ambiguidade neste local se fez na seguinte ordem - esvaziamento, ocupação e apropriação cultural, ocupação e apropriação “marginal” , expulsão de apropriados.

Paulo da Cruz 64 anos, trabalha com jogo do bicho na passagem. Em minha última visita ao campo ele relatou que na época fazia quase três meses que as pessoas saíram de lá, que os moradores de rua atearam fogo lá dentro mais de uma vez, o que poderia ser um problema por causa da rede elétrica. Relatou também que havia uns seis moradores, e que o rapaz que era o melhor deles, tinha sido assassinado lá dentro, o “Magrão” que ele era o mais correto. Depois chegaram outros homens e atearam fogo pela segunda vez, o que fez a passagem ficar sem iluminação. Em seu relato Paulo afirma que agora nem a “bandidagem” nem os moradores querem mais eles vivendo na passagem. Alguns voltaram outra vez, tiraram a luz pra ocupar novamente e demorou para CET Rio voltar para fazer o conserto. Até a data desta entrevista, a iluminação ainda não estava completamente estabelecida. A passagem, de acordo com Paulo que está lá diariamente, recebe entorno de 2.000 transeuntes por dia. Ele afirma que há uma ordem vinda de cima, de duas facções opostas, do morro da Mineira e do morro da Coroa que avisaram: se ocuparem de novamente a passagem terão consequências. A entrevista é feita enquanto Paulo faz o jogos dos seus clientes.

Imagem 36



Habitação. Rubens mostra sua moradia: ele tem cama e mesa de cabeceira

Foto de Pedro Teixeira
Fonte: jornal “O Globo”, 11/09/2018

Imagem 37



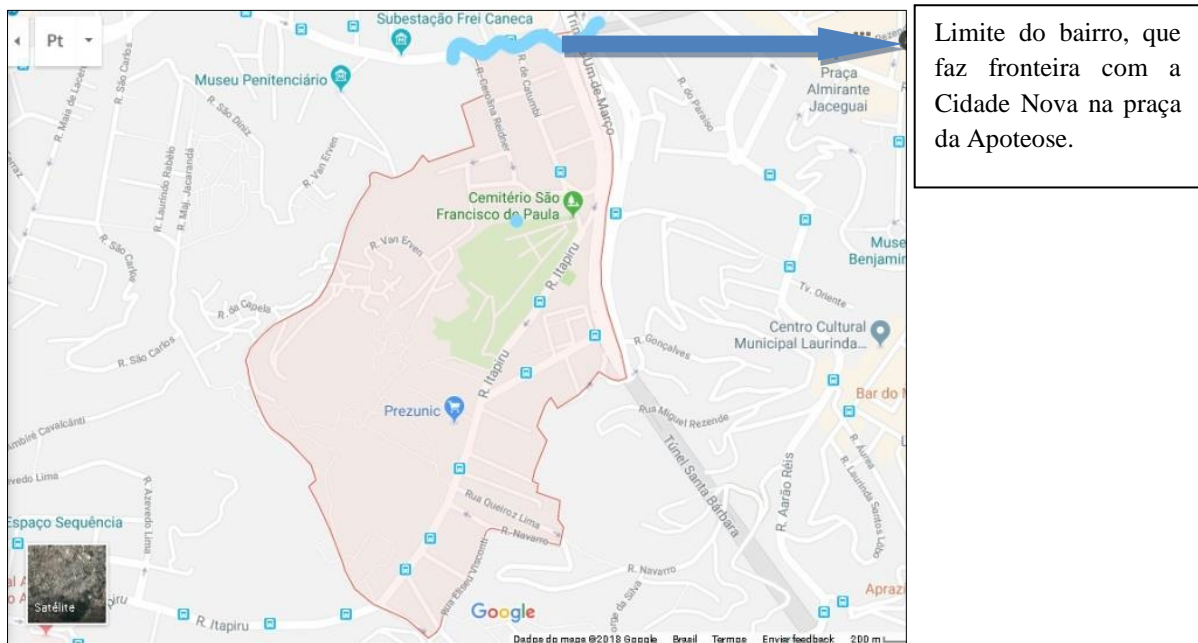
Foto de Pedro Teixeira
Fonte: jornal “Extra”, 12/09/18

2.3 Sambódromo

2.3.1 CIEPs Avenida dos desfiles

O Estádio Professor Darcy Ribeiro, popularmente conhecido como Passarela do samba ou Sambódromo - apelido criado pelo próprio Darcy fazendo uma alusão a “velódromo” - é o nome dado aos conjuntos arquitetônicos destinados aos desfiles das Escolas de Samba; localiza-se na avenida Marquês de Sapucaí e é exemplo de lugar espetacular. A maior parte da passarela situa-se no centro da cidade, porém a sua porção final, após a avenida Salvador de Sá, pertence ao bairro Cidade Nova. Ela faz fronteira com o bairro do Catumbi e é percebida como equipamento urbanístico, educacional e cultural integrante ao bairro.

Imagem 38



A Passarela, com sua arquitetura projetada por Oscar Niemeyer, é protagonista deste marketing urbano e sucesso absoluto enquanto espaço espetacularizado; o Sambódromo é o grande equipamento cultural da região, utilizado pela indústria do turismo. Porém seu projeto abrange o programa que foi idealizado por Darcy Ribeiro, onde funcionariam CIEPs (centros Integrados de Educação Pública), em suas dependências internas. Na praça da Apoteose, além dos desfiles das escolas de samba também funcionaria o Museu do Samba, conferindo ao empreendimento um caráter mais humano e cultural.

Evocando Anísio Teixeira, Darcy tentou retomar a educação pública integral com projeto de escola que considerasse a criança e sua “bagagem cultural”. Os CIEPs tiveram seus Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) dentro do Programa Especial de Educação (PEE) implantados na metade da década de 1980. A proposta educacional era trabalhar a formação completa da criança. De acordo com a idealização do professor Darcy Ribeiro, as crianças nos CIEPs teriam direito não só à educação, mas também às necessidades relativas à saúde como atendimento médico, odontológico, nutricional, e de assistência social. Cultura, esporte e lazer também eram integrados aos estudos, isso tudo, claro, num horário estendido de 5 horas. Entretanto de todos os CIEPs, o prédio que se destaca é a Passarela do samba não só por sua arquitetura, mas também por sua funcionalidade e importância cultural. Os CIEPs Avenida dos Desfiles nasceram com capacidade para atender 16.000 crianças e jovens com 160 salas de aulas e 43 salas administrativas. No projeto inicial, haveria:

oferta de atividades pré-escolares para crianças de 3 a 6 anos, um CIEP de 1º Grau completo (do CA à 8ª série) – atual Ensino Fundamental de Primeiro e Segundo Segmentos, uma Escola Estadual de 2º Grau – atual Ensino Médio, uma Escola Normal, um Centro de Artes, uma Escola de Ensino Supletivo, um Centro de Estudos Supletivos e, no período noturno, aulas de recuperação educativa para jovens de 14 a 20 anos (um programa de Educação Juvenil). Um dos blocos possuiria uma quadra de esportes polivalente e uma biblioteca para uso dos alunos. (SOUZA, 2010, p. 40)

Uma das prioridades dos projetos dos CIEPs era “aproximar a educação da função direta do processo de transmissão de cultura, e mais ainda, da vida social e cultural das crianças que ocupariam aqueles espaços” (SOUZA, 2010, p. 40), pois as crianças que estudariam ali também vinham das comunidades do entorno que obviamente vivenciavam o universo do carnaval, incluindo as crianças do Catumbi. O projeto realizava uma apreensão da realidade social e cultural das crianças através do uso da escrita e da leitura no processo de alfabetização. Junto com o projeto pedagógico que unia a prática educacional à experiência cultural surgia mais um agente escolar, o animador cultural.

De lá para cá muita coisa mudou, a começar com a determinação da quantidade de dias letivos estipulada pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, ao explicitar as inovações da Lei 9394/96, através do Parecer CNE/CEB 05/97, que de acordo com artigo 24, inciso I definiu que: "A carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver"¹⁵. A partir desse parecer se estabeleceu um

¹⁵Ver o parecer CNE/CEB 05/97 da lei 9394/96, artigo 24, inciso I em:<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0038.pdf>

problema real nos CIEPs Avenida dos desfiles por causa da agenda do carnaval. As escolas que lá funcionavam tinham que se adequar à pré-produção dos desfiles de carnaval, que incluía pequenas obras, ensaios técnicos entre outros incômodos, e também à pós-produção. Como conseguir cumprir a lei de carga horária de 200 dias letivos tendo um déficit de vários dias por causa da agenda do carnaval? Os CIEPs do Sambódromo que foram projetados para serem os destaques de toda a rede foram portanto os primeiros a sofrerem uma queda no ensino.

Hoje a situação é outra, não existe mais o ensino integral; o que seria o Museu do samba não passa de lojinha de *souvenirs* que não estava funcionando no momento desta pesquisa; nos antigos CIEPs funcionam uma creche-escola, uma escola de educação infantil (4 a 6 anos) e um dos prédios dividem o Núcleo de Artes que atende não só alunos da região assim como o PEJA (Projeto Educacional de Jovens e Adultos), que recebem alunos a partir dos 16 anos. Existem dois PEJAs que são divididos em 2 blocos cada, sendo assim, formam juntos o ensino fundamental completo:

- PEJA 1
 - Bloco 1 - Alfabetização até o terceiro ano primário
 - Bloco 2 - 4° e 5° anos
- PEJA 2
 - Bloco 1 - 6° e 7° anos
 - Bloco2 - 8° e 9° anos

Um espaço projetado para 160 turmas conta hoje com menos turmas. Os atendimentos relacionados à saúde do estudante e o acompanhamento da assistência social não existem mais e o animador cultural foi abolido como agente escolar. Visitando o local o que se vê hoje são espaços ociosos durante a maior parte do tempo, salvo quando há os exercícios de educação física a exemplo do futebol como ilustrado nas imagens a seguir:

Imagem 38



Imagem 39



O nível das escolas estão longe do idealizado por Darcy; ela deixou de ser integral, mas a educação ainda lá sobrevive na resistência. A continuidade do Núcleo de Artes e o funcionamento do PEJA, diante da conjuntura atual é prova irrefutável disso. Essa soma de projeto pedagógico educacional e experiência cultural seria hoje uma linda contrapartida aos bairros do entorno se as escolas funcionassem conforme projetou seu idealizador. Ao pensar o crescimento da violência na região e a ininterrupta entrada de jovens cada vez mais novos no tráfico, e na quantidade de comunidades e morros que ali existem, pode-se perceber a potência política deste projeto pedagógico com atuação direta dos jovens e crianças no carnaval, no samba, essencialmente oriundos dos morros. O entorno do Sambódromo também tem caráter topofóbico, como mostram as imagens abaixo. O viaduto em frente ao Sambódromo, área mais isolada têm mais moradores de rua. Já o beco fica na entrada da escola e ao caminhar nele para este trabalho aconteceu o alerta de pessoas sobre possíveis assaltos por causa do celular que estava em mãos para fotografia. A seguir imagens do entorno do viaduto e sambódromo:

Imagem 40



Imagem 41



Fotos de Maria Carolina

2.3.2 Passarela do Samba – Um Espaço Espetacular

O conceito de “*não-cidade*” por difusão – cidade *genérica* e urbanização acelerada cabe muito bem como exemplo dentro do processo de urbanização que essa região sofreu. Sem a mesma preocupação social dos urbanistas, espaços como o Sambódromo e seu entorno vêm passando por esse processo de mercantilização espetacular da cidade, que resultou na não participação dos moradores gerando gentrificação, e tornando a região produto para a especulação imobiliária. Dentro da lógica do planejamento estratégico, de acordo com Paola Jacques, é clara a intenção de forjar uma imagem singular da cidade, essa imagem seria parte

da cultura ou da própria identidade da cidade. No caso da região que engloba o Catumbi, essa imagem espetacular se inicia com a construção do Sambódromo, lugar por excelência espetacular e luminoso que tem como principal objetivo ser palco do desfile das escolas de samba, vendendo a cidade do Rio de Janeiro como cidade turística dentro de um processo de "disneylandização", exemplo típico das cidade-espetáculos¹⁶. O que se vende, sobretudo é a marca da cidade, da cultura do carnaval porém dentro de um padrão internacional. (JACQUES, 2004).

O processo chamado de revitalização urbana, que visa o turista internacional e não o habitante local, é imposto por investidores internacionais que exigem um certo padrão mundial homogeneizador que transforma as cidades tornando-as *genéricas*. O que a autora do texto afirma é que:

neste novo processo urbano do mundo globalizado a cultura vem se destacando como estratégia principal da revitalização urbana pois esses particularismos culturais geram slogans que podem marcar um lugar singular no competitivo mercado internacional, onde cidades do mundo todo disputam turistas e investimentos estrangeiros. (JACQUES, 2004, p. 24)

Dentro dessa ideia de não-cidade, o Catumbi parece “um ponto fora da curva”. Trata-se de um bairro do Rio antigo, que ainda preserva casarios e sobrados com suas fachadas patrimonializadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a nos contar um pouco sobre a memória e a identidade do bairro. Esse contexto poderia servir de argumento para um processo de museificação do bairro, entrando no mesmo esquema de espetacularização só que ao inverso, através da patrimonialização desenfreada, que é típica das cidades-museu, mais defendida pela corrente pós-modernista tardia ou neo-culturalista, que é mais conservadora. Portanto o Catumbi perde pelos dois lados: 1- a memória da cultura local que deveria ser preservada e não é, nem mesmo por um processo de museificação do bairro, e 2- a parte demolida, dois terços do bairro, ter sido em prol da tal revitalização urbana contemporânea num sentido mais progressista.

A autora elucidada que o pensamento urbano situacionista¹⁷, sua crítica enquanto disciplina espetacular e suas ideias sobre a cidade diante das transformações dos espaços urbanos em cenários espetaculares voltados para o turismo, levam à hipótese de uma relação

¹⁶Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* de 1967, já estava anunciando: “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”, como apontou Paola Jacques (2004). Teríamos distintos momentos, que poderíamos chamar de espetacularização urbana: o inicial, de embelezamento ou modernização das cidades, em que se começa a moldar imagens urbanas modernas, em seguida se começa a vendê-las como simulacros.

¹⁷Os situacionistas propuseram uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo, segundo uma ótica que os aproximava da vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, buscava trazer à tona a paixão e a emoção relacionadas à cidade.

inversamente proporcional entre espetáculo e participação popular, porém há variações nesta proporção, pois:

quanto mais passivo [menos participativo] for o espetáculo, mais a cidade se torna um cenário, e o cidadão um mero figurante; e no sentido inverso, quanto mais ativo for o espetáculo – que no limite deixa de ser um espetáculo no sentido – mais a cidade se torna um palco e o cidadão, um ator protagonista ao invés de mero espectador. A relação entre espetacularização e *gentrificação*, no sentido inverso, também seria diretamente proporcional, uma vez que o processo de espetacularização urbana traz sempre consigo um tipo de *gentrificação* espacial, com a expulsão dos mais pobres das áreas de intervenção. (JACQUES, 2004, p. 19)

A presença do Sambódromo na região, fazendo fronteira com o Catumbi, só piorou a sensação de esvaziamento no bairro já que este espaço é monumental e abrange uma enorme área que é destinada a ser o “palco” oficial do carnaval e o “maior espetáculo da terra”, como bem conhecido e difundido. A rua Marquês de Sapucaí, nem como rua funciona mais, pois fica fechada durante o ano todo, ela apenas cumpre o seu dever durante o período de carnaval, e em outras datas isoladas onde recebe grandes eventos internacionais, trazendo turistas estrangeiros, pois afinal este é o seu principal propósito, a exemplo dos Jogos Olímpicos de 2016, realizados na cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 42



Jogos Olímpicos no Sambódromo. Foto de Jorge Mello.

Destituída do casario original, no início da década 1980, uma das ruas antigas do bairro tornou-se conhecida no mundo inteiro: A Marquês de Sapucaí [...] É o principal destino dos turistas que visitam o Rio de Janeiro durante os quatro dias de folia. Essa gente toda olha pro bairro muito rapidamente [...] nada entendem desse lugar que margeia a praça da Apoteose [...] Ruas laterais são tomadas por cambistas apregoando ingressos de última hora e vendedores ambulantes que oferecem bebidas e comidas. [...] A chácara da rua Emília Guimarães, por exemplo, agora foi transformada em *hostel*. Da sacada do Edifício Ítalo Brescia. O último a ser construído pela Associação de moradores [...] turistas e visitantes assistem ao vai e vem de foliões exaustos, com

suas fantasias aos frangalhos, despedaçadas, ocasião em que entra em cena gente que disputa adereços descartados, favorecendo um insólito mercado de reciclagem em pleno carnaval. (VEIGA e SIMÕES *apud* MELLO; VOGEL, 2017, p.21)

Ou seja, uma parte da região – não só do Catumbi, como a Cidade Nova por exemplo - poderia ter tido suas memórias preservadas, mas viraram espaço vazio para a construção desse “palco”. Ao afirmar que a região que inclui o Catumbi não teve a revitalização projetada pelos grandes investidores graças a uma movimentação popular, esta seria a chave (como diriam os situacionistas) para estes excluídos do processo de espetacularização atuarem no processo de reversão. É compreensível este processo de espetacularização não ter tido total sucesso, já que para isto acontecer a população local não deveria participar em nada deste processo, mas os sujeitos locais se mantinham atuantes através de manifestos.

2.4 A Amabilidade no espaços de potência

O coletivo *Uma mão lava outra* - dentro da perspectiva de efetuar um paralelo entre hoje e outrora - escolheu o seguinte ângulo para abordar o Catumbi como unidade espacial e ideológica: a apropriação das áreas de uso coletivo, através de intervenções que evocassem o *afeto e amabilidade urbana*, com o objetivo de transformar espaços topofóbicos em espaços topofílicos. Para melhor compreensão dos conceitos e aplicabilidade nos exemplos a serem ilustrados neste trabalho, primeiramente proponho fazer uma síntese do conceito de amabilidade urbana e o que ele comporta para então exemplificá-los nas intervenções do Catumbi:

O que define *amabilidade*?

Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a “proximidade” e a “abertura”, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-la: a amabilidade urbana. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas. (FONTES, 2011, p. 12).

Adriana Sansão Fontes (2011) autora de “Intervenções Temporárias, Marcas Permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades” analisa em sua tese de doutorado como as intervenções temporárias contemporâneas podem transformar positivamente os lugares. Ela argumenta que para que a amabilidade se manifeste, são necessários alguns atributos específicos, comunicativos e atraentes que os transformem em espaços “apropriáveis” pelas intervenções. Se faz necessário a presença de algum componente

de atração, que dependendo da característica física do espaço, pode ser hostil e/ou potencialmente atraente. É através dos atributos do lugar que pode se criar qualidade urbana, portanto a amabilidade urbana se transforma em uma situação real quando uma intervenção temporária ocorre sobre o espaço potencialmente atraente, tornando o espaço amável. É o espaço com suas características atraentes que comanda, pois sem ele não se torna real a possibilidade de intervenção.

Fontes defende que o conceito da amabilidade é de dupla formação, relaciona-se entre pessoas e o espaço, “intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial ‘reformatadora’ do lugar” (FONTES, 2011, p. 14), como podem se manifestar as conexões entre as pessoas através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem à hostilidade e ao individualismo característicos das formas de convívio contemporâneas. Logo, a amabilidade é uma qualidade física e social ao mesmo tempo. A autora defende que as intervenções temporárias ao mesmo tempo que interagem com as pessoas, fazem com que também estas interajam entre si, aproximando-as, vitalizando os espaços, iniciando um novo ciclo que se autoalimenta, permitindo novas intervenções, e assim sucessivamente gerando espaços cada vez mais amáveis.

Quanto à urbanidade, Fontes (2011) a diverge da amabilidade, pois a urbanidade considerada pelo dicionário de planejamento e urbanismo é um conceito de caráter social e não físico. Para Coutinho (2006, p.26) a urbanidade não significa total integração, já que no tecido social urbano sempre existiu e sempre existirá preconceitos e diferenças sociais mas que permitem aceitação do outro, ou seja a urbanidade permite convivência mas não troca de experiências e intimidade, resultando num jogo de aparências. Já a amabilidade permite aproximação e intimidade que é inerente das boas maneiras exigidas pela urbanidade, ela se volta mais no sentido da cordialidade, hospitalidade, generosidade, essas de fundo emotivo que a tornam diferente da civilidade e das boas maneiras. Tratando o corte do tempo, Fontes associa a urbanidade à qualidade de um *espaço-tempo cotidiano* e a amabilidade de um *espaço-tempo de intervenção*. (FONTES, 2011).

A autora elucida que a pequena intervenção temporária específica a determinado lugar não promove grandes transformações mas pode iniciar processos a longo prazo. (Sobre isso, este trabalho irá exemplificar no próximo capítulo como um espaço temporariamente apropriado - neste caso a passagem subterrânea - pode se resignificar a ponto de ter uma paisagem afetivamente controversa). Fontes diz que a ausência de identidade própria faz com que os próprios usos reformalizem o espaço temporariamente, portanto a cidade é formada mais através do “urbanismo cotidiano” (experiência vivida) do que através do desenho formal e

planos oficiais (espaço construído), ressaltando que em vez do “urbanismo cotidiano”, o que aflora agora é a “multiplicidade de respostas para lugares e tempo específicos”, onde as soluções são “modestas e pequenas em escala” retificando um olhar tático sobre a ação “transitória, pequena e particular” buscando novas possibilidades nos espaços a partir das próprias atividades cotidianas. (FONTES, 2011).

Como um texto cheio de “post-it”, a cidade contemporânea está ocupada temporariamente e por comportamentos que não deixam rastro – como tampouco o deixam os “post-it” nos livros – que aparecem e desaparecem de modo recorrente, que têm suas formas de comunicação e de atração, mas que cada vez são mais difíceis de ignorar. (LA VARRA, 2008, p.180)

Já La Varra (2008), que também é referência para Fontes, considera que a espontaneidade e a informalidade são formas de resistência à normatização dos padrões de comportamento público na cidade contemporânea, ao espetáculo e ao consumismo trazendo à tona a dimensão subversiva da apropriação temporária pois desafia as regras vigentes trazendo questionamentos às pessoas sobre onde essas regras querem os conduzir. Já enquanto tática de conquista do espaço a cidade ocasional propaga, através um impulso lúdico e dimensão ativa, a capacidade de descobrir potencialidades, de poetizar e até recuperar lugares no espaço urbano. À compreender em seu seio outras formas de intervenção que não somente as apropriações, mas outras que contenham de forma mais potente a ideia da ação / interação urbana visando à transformação intencional. Em uma atmosfera caracterizada pela indiferença e pela rotina, a ação crítica funcionaria como um elemento revitalizador, caracterizada pela vontade de interagir, ativar, produzir, expressar, mover e relacionar, agitando os espaços e as inércias, através de “acontecimentos” ou “eventos” (FONTES, 2011).

Michel de Certeau (1994) investiga o cotidiano e debate sobre potência insurgente observando a capacidade dos agentes que inventam espaços apropriados através de operações táticas, em meio ao espaço produzido por estratégias dominantes ou seja, as operações cotidianas de apropriação das estruturas dadas e produção de novos usos. Os conceitos de tática e estratégia, formulados pelo autor, são modalidades de ação que dão conta dessa relação entre apropriação e produção (de caráter dominante). As táticas correspondem aos “modos de fazer” ou “astúcias cotidianas” possíveis aos “fracos” e as estratégias à produção da ordem tecnocrática cuja criação só seria possível para os grupos de maior poder.

Mariana Lusher Albinati (2016), em sua tese de doutorado sobre produção de espaços culturais na zona portuária do Rio de Janeiro faz o seguinte questionamento:

A subversão das estratégias dominantes por meio da tática é, sem dúvida, uma forma de insurgência poderosa, não escrita, não enunciada, que não se organiza e não reivindica mudanças, senão pela sua repetição, pela ação cotidiana de dar sentido a espaços que não significavam nada além de uma forma de dominação. As táticas não produzem identidades localizáveis, não buscam reconhecimento, não formulam um discurso sobre a cidadania dos “fracos”. São uma forma de apropriação que não se afirma, mas se realiza amplamente, sobre as mais variadas formas dominantes presentes no cotidiano. Mas como ignorar sua ação na constituição dos territórios da cidade, se é justamente sobre a produção espacial dominante que as táticas atuam, constringendo a ação estratégica que ignora ou busca suplantar as territorialidades? (ALBINATI, 2016, p.55)

Então a partir de que modelos de ações podemos vislumbrar táticas dentro do espaço urbano onde seja possível contemplar o resgate enquanto lugar de identificações e de resistências? Que instrumentos os espaços podem oferecer para que as insatisfações manifestas nas táticas possam ser incorporadas ao espaço urbano e fazer da apropriação a regra? Eu como integrante do coletivo *Uma Mão Lava Outra* (2010) no qual esta pesquisa se debruça - utilizo tal experiência acreditando que a construção de novas paisagens afetivas, através de ações culturais e apropriações do espaço com foco voltado para o lazer através de afeto e amabilidade têm essa potência insurgente e podem servir de táticas construtivas para a transformação de espaços topofóbicos em espaços topofílicos. Neste contexto, esta pesquisa considerou os espaços públicos com caráter topofóbicos como sendo algumas vias no entorno do Sambódromo, a praça, a passagem subterrânea de pedestres sob o Viaduto Trinta e Um de Março.

2.4.1 Ações que evocam amabilidade - Silkando Afeto

O coletivo realizou sua primeira ação/tática nomeada *Silkando Afeto* na rua e - como o próprio nome diz - evoca o afeto perdido pelos moradores. A ação consistia em abordar os moradores nas ruas e pedir para eles trazerem camisas para serem silkadas com a seguinte frase “Eu amo Catumbi”. A finalidade era trazer de volta um sentimento de pertencimento e afetividade em relação ao bairro. As primeiras impressões confirmaram o que o coletivo já esperava, ninguém amava o Catumbi; como amar um bairro degradado, violento, sem equipamentos culturais, esquecido pelo Estado? Por isso a tática era de que não se podia cobrar pelos *silk* nem vender camisas, pois sendo assim, ficava mais fácil a aceitação por parte do público / moradores, claro que ninguém iria querer pagar por algo que não acreditava como no caso, a amabilidade urbana pelo Catumbi. A ideia era que eles próprios pudessem *silkar* suas camisetas fazendo com que a experiência da ação evocasse também orgulho e afeto. O objetivo era primeiramente levar a mensagem *Eu amo Catumbi* para circular, não só pelo bairro, mas

também pela cidade onde os próprios moradores fariam o papel de *outdoors* ambulantes, ao fazer a propaganda do que seria o início do projeto, ou o que também poderia se chamar *branding* urbano

No urbanismo contemporâneo, a distância, ou descolamento, entre prática profissional e a própria experiência da cidade, se mostra desastrosa ao separar o espaço urbano de seu caráter corporal e sensorial. As *corpografias* urbanas voluntárias, decorrentes das errâncias, através da própria experiência ou prática da cidade, questionam criticamente os atuais projetos urbanos contemporâneos, ditos de revitalização urbana, que vem sendo realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia – genérica, homogeneizadora e espetacular – que pode ser chamada de *branding* urbano, ou seja a produção em série da cidade-imagem de marca. Ao provocar e valorizar a experiência corporal da cidade, as errâncias (desvios da lógica espetacular) poderiam nos ensinar a apreender corporalmente a cidade, ou seja, a (re)construir e, sobretudo, a analisar nossas próprias *corpografias*, o que efetivamente poderia nos levar a uma reflexão e uma prática mais incorporada do urbanismo. Contra o urbanismo espetacular hoje hegemônico, o estudo das *corpografias* urbanas, utilizando o próprio corpo enquanto resistência, principalmente através das errâncias, nos sugere o que poderia vir a ser um antídoto à espetacularização: um urbanismo “incorporado”. (JACQUES, 2008, s.p.)

Com a continuidade da ação, a população aos poucos foi aderindo às camisetas que ela própria levava. Aos poucos vieram querer comprar as camisetas, o que não aconteceu devido à ideia altruísta original, e também porque o objetivo da ação era para propagar a amabilidade, e levar a mensagem a outros lugares fora do bairro. Logo, aos poucos, a mensagem *Eu amo Catumbi* estava circulando pela metrópole; era comum ver pessoas vestidas com as camisetas em outros nos bairros, primeiro nos vizinhos como Santa Teresa, Rio Comprido, Estácio e Lapa, depois foi de certo modo surpreendente ver o Catumbi passear pelo Leblon ou praia de Ipanema por exemplo - de repente era *cult* “amar” o Catumbi. Foi com a ação “*silkando afeto*” que iniciou-se o processo que transformaria os espaços abordados anteriormente. Através da propaganda e marketing urbano se propagou o afeto pelo bairro. Enquanto antes o Catumbi era considerado só um bairro de passagem, agora através do deslocamento da mensagem, ele era levado para passear pela cidade. Chamava a atenção de quem achava curioso e perguntava: “Por quê você está usando essa camisa? Mas você nem mora lá” ou “Nossa que estranho alguém amar o Catumbi, nunca paro lá, só passo” entre outras falas com a mesma carga preconceituosa e negativa. Graças à essa ação se abriu a porta para os trabalhos de apropriação de espaços públicos, até porque montar uma mini fábrica de *silk* no meio da rua e fazer com que outros sujeitos “*silkem*” suas camisetas usando a “experiência do fazer” e criar seu próprio produto como resultado, evoca sentimento de pertencimento, pois apropria-se do fazer, do lugar (rua enquanto se “*silka*”), do produto (camisetas) que no fim é o Catumbi. As fotografias a seguir ilustram a ação *Silkando Afeto*:

Figura 43



Figura 44



Figura 45



Fonte: Fotos de Fabrício Goyanes.

2.4.2 Ações que evocam amabilidade - Carinhoso Catumbi

Outra ação do coletivo foi o evento *Carinhoso Catumbi*, uma homenagem ao memorável músico Pixinguinha. O evento dedicado ao choro reuniu músicos no largo do Catumbi localizado em frente ao cemitério São Francisco de Paula. O largo original do bairro foi removido à época das demolições fazendo com que a praçinha sem nome em frente ao cemitério se transformasse no novo largo. Quando o coletivo começou as suas intervenções no bairro percebeu a situação de abandono da única praçinha existente, refúgio de moradores em situação de rua. A praça, à época, era considerada muito violenta e estava sempre esvaziada; por isso, era gradeada, ficava trancada durante a noite, e suas chaves se encontravam em poder da Associação de Moradores. O coletivo observou que o espaço não era usufruído pelos moradores, muito pelo contrário, o lugar repelia-os pois a sensação transmitida era de total insegurança.

Decidiu-se que a praça seria um dos espaços de atuação, pois a potência espacial e física somada à sua falta de urbanidade justificava a escolha do lugar; de acordo com os argumentos aqui trabalhados, estes seriam os atributos necessários para se criar a qualidade urbana que a agora compreendo à luz de Fontes. Neste e em outros casos de intervenções no Catumbi, o caráter topofóbico do local era de extrema importância para que a ação fizesse sentido, pois o objetivo era trazer uma nova paisagem urbana, uma nova paisagem afetiva, era de transformar espaço carregado de negatividades em amável; que essa amabilidade ocorresse não só entre as pessoas e o espaço mas entre as próprias pessoas, pois era a carga hostil do lugar, que corroborava para que ele se tornasse potencialmente atraente dentro dos quesitos que Fontes

defende. Neste evento criou-se a *Árvore do afago* que era uma intervenção relaxante, sensorial e carinhosa.

A intervenção consistia em pendurar massageadores de cabeça onde as pessoas se aproximavam para massagearem não só a si mesmos como a outros; é na experiência sensorial vivida que se dá *amabilidade* através da generosidade e do afeto disponibilizados ao massagear a cabeça de um estranho. Um exemplo de ação *transitória, pequena e particular*. Nas fotografias à seguir, a intervenção *Árvore do afago* no evento *Carinhoso Catumbi*:

Imagem 46



Imagem47



Fotos de Helen Miranda

Este evento contou com uma roda de choro que tocou sem cobrar cachê, sem ensaios, num grande encontro em homenagem ao mestre Pixinguinha, que cresceu no bairro. Corroborando para a ideia de amabilidade ao Catumbi, os músicos entenderam que o projeto não tinha orçamento, e aceitaram fazer sem remuneração, mesmo sendo todos profissionais e alguns até renomados. O baixo orçamento vinha do projeto “Imagina Rio” que teve a finalidade de pagar o equipamento de som e, com o dinheiro que sobrou, o coletivo guardou para futuras ações com seus pequenos custos. O coletivo foi convidado para participar desse evento “Imagina Rio” que era a parte cultural do evento maior “Rio + 20”, em 2012 e foi o evento de continuidade e também de mostra de resultados da “Eco 92”, ou seja o plano diretor sobre os impactos ecológicos e ambientais debatidos 20 anos antes. É curioso que o Catumbi tenha entrado na programação, pelo fator de ser um bairro extremamente poluído devido ao fluxo constante de carros, e que também abrigava a Comlurb, onde não se fazia nenhuma separação de reciclados, ou seja era um depósito de rejeitos que iria dali direto para os aterros sanitários.

Imagem 48



Índios confraternizando com a banda. Foto de Fabrício Goyannes

Outra curiosidade é que por causa do evento, à época vieram vários índios para o Rio, para participarem das discussões e debates sobre as questões indígenas de suas aldeias, de demarcações de terra e continuidade de sua cultura. O evento “Imagina Rio” alocou todos os indígenas em um acampamento improvisado no Sambódromo, enquanto existiam vários outros acampamentos no Aterro do Flamengo, onde estavam alocados outros sujeitos, naquela área de beleza, de natureza e exuberância paisagística e urbanística indiscutíveis. Não que o Sambódromo não tenha o respaldo urbanístico, afinal de contas ele foi projetado por Niemeyer e é um marco e cartão postal urbano que carrega a identidade carioca, mas já que eles eram oriundos de lugares com natureza em abundância, por que alocá-los num local cheio de concreto e super poluído? O fato é que eles estavam próximos ao evento e apareceram fazendo festa e entoando cânticos indígenas. A banda de choro rapidamente se adaptou aos cânticos num ato de improvisação e compuseram na hora uma música sobre o Catumbi, os índios gostaram do nome de origem indígena, e ficavam entoando o refrão “Catumby”.

Na linguagem indígena, Catumby significa rio na sombra ou sombreado. Entretanto, segundo Agenor Lopes de Oliveira, autor de *Toponímea Carioca* editado em 1935, o termo Catumbi seria uma corruptela [...] de catú-huú-ybyi, ou “atoleiro muito fundo”, formado pelos elementos catú - “muito”, huú - “lameiro, lodo, detritos” e ybyi - “oco, côncavo, seco” (MATOS, 2005, p. 10)

Este evento foi realizado só desta vez, por causa de questões orçamentárias, porém houve de fato a revitalização da praça que por um dia se tornou uma realidade muito diferente de seu cotidiano. As famílias - não só do bairro como de fora - foram, de crianças à idosos. Houve o resgate do choro, já não mais representado no bairro, houve o resgate da memória,

estabeleceu-se a amabilidade, através da união de pessoas distintas, inclusive índios forasteiros, numa ação também *pequena, transitória e particular*.

2.4.3 Ações que evocam amabilidade - O Retorno d'Astória

Outra ação/intervenção/evento é realizada na passarela situada embaixo do viaduto 31 de março, o baile *O Retorno d'Astória*; outro exemplo de tática que acabou se transformando em ato de resistência principalmente para a população negra do Catumbi. A escolha do tipo de evento popular voltado para a comunidade foi justificada através de pesquisa sobre a história, memória e identidade do bairro, e o local escolhido para a realização do baile *black music* foi pensado pelo coletivo *Uma Mão Lava Outra*. O grupo percebeu que a passagem subterrânea em frente ao cemitério do Catumbi era o local com maior fluxo de pedestres, apesar de ser talvez o trajeto com caráter mais topofóbico de todos os outros - graças ao abandono do Estado que não fazia manutenção de luz e energia - atraindo também pessoas em situação de rua e usuários de entorpecentes como o *crack* que acabavam usufruindo deste espaço, deixando-o fétido e sujo, associado à violência. Para melhor visualização contextualizo que a praça citada no tópico anterior fica ao lado da passagem. Antes desta ação que foi realizada pela primeira vez em março de 2012, o cenário da passagem era amedrontador, quando se procurava vídeos na internet sobre o Catumbi na plataforma “Google”, só se encontrava um vídeo jornalístico¹⁸, mostrando um tiroteio, em frente a passagem subterrânea na rua Itapiru, uma das mais importantes do bairro. Havia relatos também de estupros e assaltos. Essa era a ideia que se tinha do Catumbi, que acabava por anular por completo toda a sua rica história cultural, sua memória e identidade.

O antropólogo Magnani (1998) afirma que é possível recortar inúmeros temas e objetos de pesquisa na cidade sem perder de vista o entendimento da própria dinâmica urbana como variável que determina, marca ou induz determinados comportamentos, instituições e formas de usos do espaço. Este é o campo da Antropologia Urbana, na medida que recorta sua temática e o seu objeto com base em duas vertentes: a presença de grupos sociais e culturalmente diferenciados, e sua relação com a paisagem, equipamentos e instituições urbanas. É nessa mútua relação entre grupo e espaço que se dá a questão da *regularidade da paisagem*. O autor diz que tanto as práticas culturais, em que é possível reconhecer e descrever a presença de padrões estruturantes, por exemplo grupos que se distinguem por meios de traços significativos

¹⁸Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Iw0i-nkDGo>.

têm sempre algum tipo de inserção visível e estável na paisagem urbana; acrescenta ainda que o ritmo de mobilidade e dos fluxos desses grupos depende do grau e modalidades dessa inserção.

O autor aponta também que a oposição público *versus* privado é tomada como princípio classificatório, porém tanto um quanto o outro termo acompanha nuances e modulações. No caso da categoria público, por ocasião de pesquisas sobre lazer, Magnani argumenta que os usuários imprimem diferentes conotações ao espaço e o utilizam de distintas formas, e isso tem implicação nos valores a ele atribuídos. Já a categoria *pedaço*, utilizada para nomear uma forma particular de sociabilidade e uso do espaço, foi lida em contraposição ao esquema casa *versus* rua. Percebeu-se que interposta entre esses dois domínios, qualificava os atores de forma diferente e introduzia outras regras nas formas de sociabilidade, distintas daquelas que regem as relações interpessoais no interior da casa ou da rua:

o pedaço, porém apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes (ligados por laços já estabelecidos de antemão) e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula “você sabe com quem está falando?” para delimitar posições e marcar direitos) o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer. (MAGNANI, 1998, p. 12)

Como foi com o evento *Carinhoso Catumbi* que remeteu à memória do mestre Pixinguinha e ao *choro*, a ideia do coletivo era também aproveitar a história do bairro, e principalmente suas memórias identitárias como mote para as ações/eventos que seriam realizados dali por diante. Através de pesquisas e depoimentos, o coletivo descobriu que havia um clube chamado Astória, demolido então para a construção do viaduto. Este clube era o principal espaço de lazer no bairro e acabou foi demolido do bairro. Descobriram também, através de um morador do bairro que é DJ de *black music*: O “Alex DJ” que o primeiro DJ do gênero, Mr. Funk Santos, considerado o marco zero da música *black*, morava no Catumbi e lá atuou dentro do clube Astória, ou seja, a *black music* chegou ao Brasil diretamente para o bairro do Catumbi. Pensando numa tentativa de resgate cultural, o coletivo aproveitou o mesmo espaço (metaforicamente, pois o espaço físico já não existia mais) e suas memórias para as intervenções que seguiriam. A idealização do baile *O Retorno d’Astória* foi pensado para fazer um resgate cultural, quando se descobriu uma rede de DJ’s residentes do gênero atuantes em seu entorno, como Estácio de Sá e Rio Comprido, porém não no Catumbi, justificando ainda mais a realização deste.

Logo na primeira edição percebeu-se com clareza a “tribo” que ali havia, não só muitos DJ’s compareceram como também a galera do passinho e do baile *charme*. Até então, era

consenso que o viaduto de Madureira, famoso por seus *bailes-charme* era o pioneiro neste tipo de evento, agora a mesma tribo se reunia ali, onde tudo começou, naquele espaço sujo, fétido e percebido como território de violência. Grafiteiros, à convite, apareceram para pintar todo o espaço com temas identitários sobre a *black music*, movimento negro e principalmente sobre uma afirmação e empoderamento bairrista. Rapidamente a galera do charme e da *black music* começaram a frequentar, transformando aquele espaço, que para a maioria da população local era apenas uma passagem para ir e voltar do trabalho, num lugar de música, dança e outras manifestações artísticas. Aquele espaço onde antes todos tinham receio de passar se transformou em espaço amável e então no *pedaço*, no espaço dos *chegados* da *black music* no território de Mr. Funk Santos o primeiro DJ¹⁹ do gênero.

A ação o *Retorno d' Astória* ação que ocupa o trajeto cotidiano dos moradores e transeuntes do bairro trouxe novos usos do espaço. Dentro dessa ação também teve a intervenção *Passagem pro céu*, no qual grafites e pinturas foram realizadas nas paredes da passagem (ação dentro da ação), chamando a atenção para as paredes trazendo artistas de fora para também aproveitar o espaço para suas obras. Os DJs residentes, Claudinho DJ, Alex DJ e Carlinhos DJ que raramente tocavam no Catumbi, se juntaram ao coletivo, se apropriaram da passagem e entenderam seu espaço insurgente.

Imagem 48



Foto de Natália Silvestre

Imagem 49



Foto de Athur Naressi

¹⁹A nomenclatura “DJ” (*disk jockey*) veio a partir de seu uso no universo da *blackmusic*.

2.5 Degradação física e social

O IPP é o órgão responsável pela coleta de dados e medição do IPS (Índice de Progresso Social), que entende o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) a partir de 12 componentes definidos globalmente, tendo por objetivo cobrir vários temas ao responder em que medida cada território é capaz de prover condições mínimas para seus habitantes. O desenvolvimento é medido com indicadores de resultados como cobertura de serviços, variação de incidência de doenças ou exposição à violência. As variáveis sociais usadas nas avaliações do desenvolvimento humano e bem estar são os indicadores de saúde, nível de acesso e qualidade de serviços básicos e da educação básica e superior. Isso tudo combinado com variáveis ambientais, acesso à comunicação, direitos humanos, liberdade de escolha, tolerância e inclusão. A partir daí fundamenta-se a estrutura das três dimensões e componentes do IPS que são divididas em *Necessidades humanas básicas*, *Fundamentos do Bem-Estar* e *Oportunidades*, como apontado no esquema a seguir:

Imagem 50



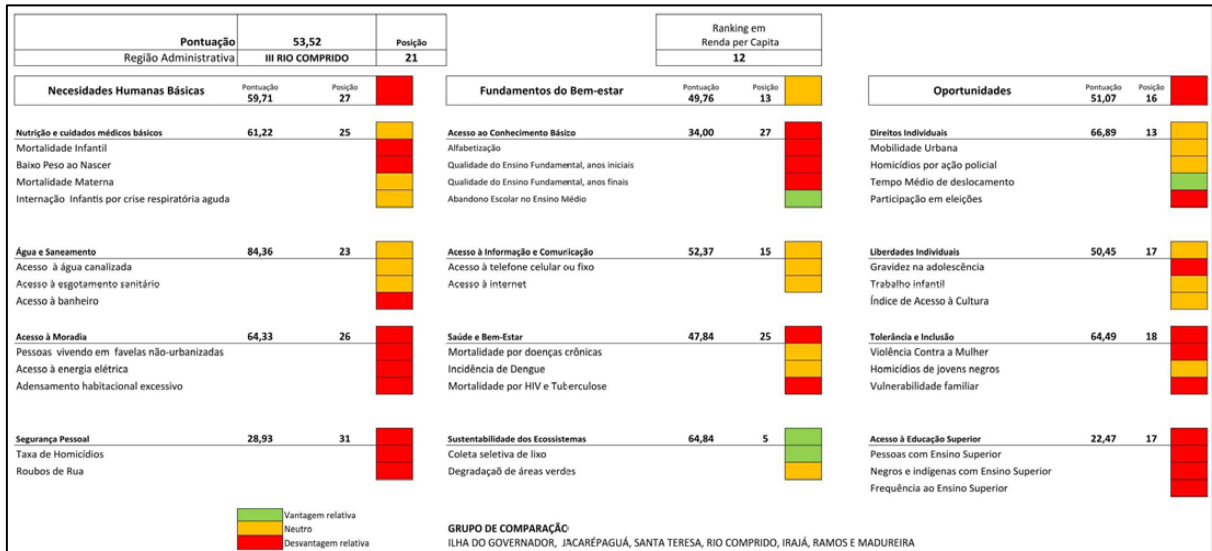
As três dimensões com pesos idênticos têm resultados que vão de 0 a 100. O IPS vai trabalhar essas dimensões por RAs (Regiões Administrativas) e não por bairros. Sendo a RA do Rio Comprido a que abarca o bairro do Catumbi. Os *scorecards* são uma ferramenta de rápida visualização de cada RA por dimensão que apresentam os resultados de cada RA comparados com os das sete RAs com renda per capita mais próxima. No caso da RA do Rio Comprido, o grupo de RAs comparáveis são da Ilha do Governador, Jacarepaguá, Santa Teresa, Irajá, Ramos e Madureira. Para este ponto do trabalho só vou me ater aos quesitos que ficaram em piores posições no rancking, para exemplificar a degradação social na região.

Como podemos ver na imagem a seguir, a RA III do Rio Comprido fica na posição 21 com uma pontuação geral de 53,52, sendo que a dimensão *Necessidades Básicas* fica na posição 27 com pontuação de 59,71 tendo desvantagens relativas às outras RAs comparadas nos quesitos: mortalidade infantil, baixo peso ao nascer, acesso à banheiro, pessoas vivendo em favelas não-urbanizadas, acesso à energia elétrica, adensamento habitacional excessivo, taxa de homicídios e roubos de rua.

Na dimensão *Fundamentos do Bem-estar* a pontuação geral é de 49,76 - ocupando a posição 13, tendo desvantagens relativas às outras RAs nos quesitos: alfabetização, qualidade de ensino fundamental, tanto nos anos iniciais quanto nos finais, mortalidade por HIV e Tuberculose.

Para concluir, na dimensão *Oportunidades* a RA do Rio Comprido fica na posição 16 com pontuação de 51,07, tendo desvantagens relativas às outras RAs nos quesitos: participações em eleições, gravidez na adolescência, violência contra a mulher, vulnerabilidade familiar, pessoas com ensino superior, negros e indígenas com ensino superior e frequência ao ensino superior como vemos a seguir:

Imagem 51



Fonte IPP – Bairros Cariocas

Como dito antes neste trabalho, quando o coletivo começou a pesquisa histórica sobre o bairro na plataforma *Google*, identificando notícias sobre o carnaval, aparecia nos resultados somente um vídeo de tiroteio na rua Itapiru. A análise de matérias e reportagens sobre o bairro do Catumbi mostra, na maioria das vezes, casos de violência no território - a exemplo da reportagem de 2007 no jornal *Gazeta do Povo*: “Guerra do tráfico cria pânico, deixa mortos e feridos e leva terror a cemitério na Zona Norte”²⁰ Isso antes do coletivo atuar no bairro. Já a matéria de 2019 do jornal *O dia* chama atenção para como, em pouquíssimo tempo, a população do bairro sofre novamente com mais tiroteios. “Em menos de 24 horas, novos disparos são ouvidos no Catumbi”²¹.

As redes sociais mostram também o descontentamento da população. Em páginas referentes ao bairro - como por exemplo “Catumbi urgente”, que funciona como portal de avisos recentes para a população sobre a violência que assola o bairro - também há desabafos de moradores sobre a situação local como esse de 08 de dezembro de 2018:

Apenas um desabafo: Antigamente sentíamos uma sensação estranha de ‘segurança’ no Catumbi e demais redondezas. Isso porque, embora a bala comesse, tivessem as invasões de facções nos morros, existia a regra de não assaltar perto das favelas, respeitar o morador. Aí veio a UPP com a promessa de “expulsar os bandidos” do morro e vir a paz. Tudo muito lindo, mas na prática piorou o que já era ruim. A ação até conseguiu atingir o bolso do crime organizado, mas provocou um verdadeiro

²⁰ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/guerra-do-traffic-cria-panico-deixa-mortos-e-feridos-e-leva-terror-a-cemiterio-na-zona-norte-ag2d98jqdodpo1j9nwc0oe72m/> - última visualização em 10 de setembro de 2019

²¹ Disponível em <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/07/5663402-em-menos-de-24-horas--novos-disparos-sao-ouvidos-no-catumbi.html> - última visualização em 10 de setembro de 2019

‘êxodo bandidal’. ‘Os crias’ dos morros tiveram que sair, e novos bandidos chegaram, estes sem nenhuma identidade com os moradores, e isso aliado à crise financeira entre eles acarretou no que vemos hoje: Nos morros existem mais bandidos sem nenhum respeito pelo morador e sem dinheiro. Então eles descem, com a permissão dos chefes e assaltam as redondezas. Isso vira agora o ganha pão de cada dia deles. Com isso os 157 da pista também passam a assaltar perto do morro (a regra acabou) e vira o caos que se tornou hoje morar em favelas. Antes por mais ruim que fosse podíamos "bater no peito" e dizer que assalto era algo que não existia onde morava, hoje nem isso. Morar hoje no Catumbi, Santa Teresa, Rio Comprido e arredores se tornou um verdadeiro teste de sobrevivência. Não podemos contar com a PM, eles só fazem policiamento em estabelecimentos que molham a mão deles (se reparar vai ver isso acontecendo em alguns bares ali do Catumbi), e isso nem sequer é garantia de segurança. Já fizemos manchas criminais, já fomos na delegacia suplicar por algo que, na teoria deveria ser dever deles fazer (pagamos impostos pra isso), mas não adianta. Estamos entregues à própria sorte. O conselho que dou a vocês é que façam seguros dos seus aparelhos celulares, carros, não coloquem documentos em carteiras, mochilas, evitar andar em lugares muito desertos (eles são covardes) e adoram isso. Cobrem os deputados FDPs que votaram e se elegeram, pois na hora de pedir voto os merdas sobem no morro. No mais fica a oração a todos nós moradores e que um dia isso acabe e possamos andar seguros novamente.

Tem também a página “Catumbi da deprê” que relata o descaso do Estado ou mesmo dos próprios moradores com o bairro, como pode ser percebido na imagem a seguir:

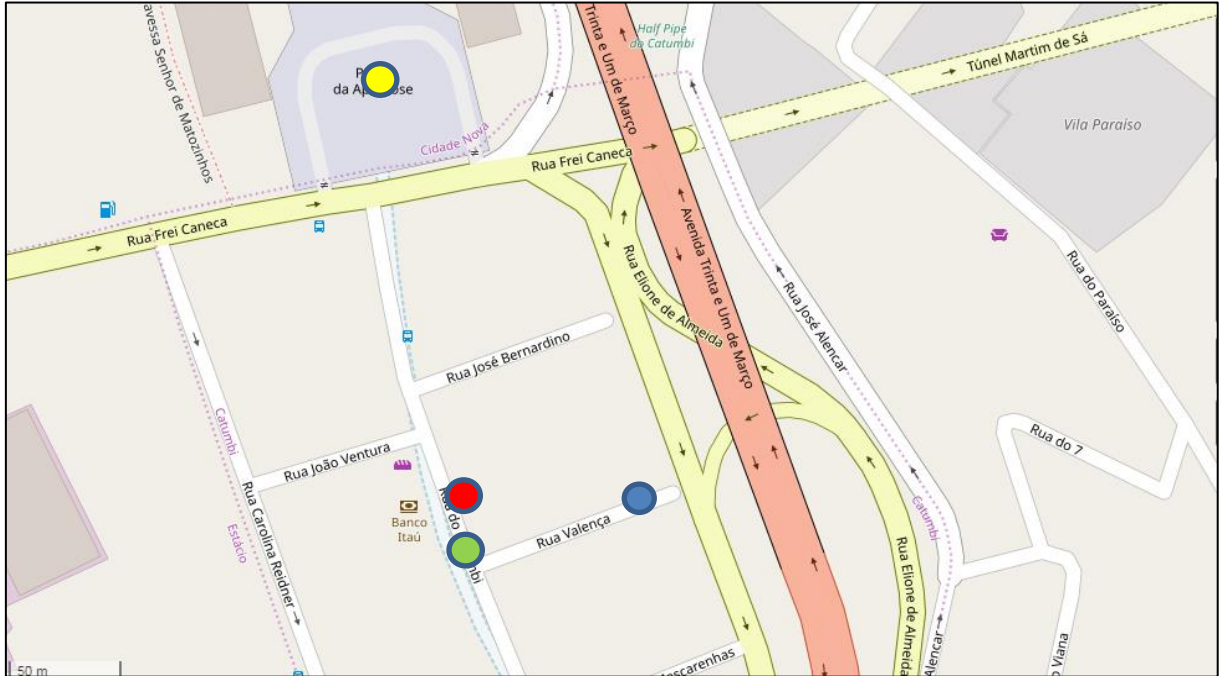
Imagem 52



Fonte: Página Catumbi da Deprê no *Facebook*

Lugares e eventos mencionados na pesquisa nos mapas a seguir:

Imagem 54



Legenda:

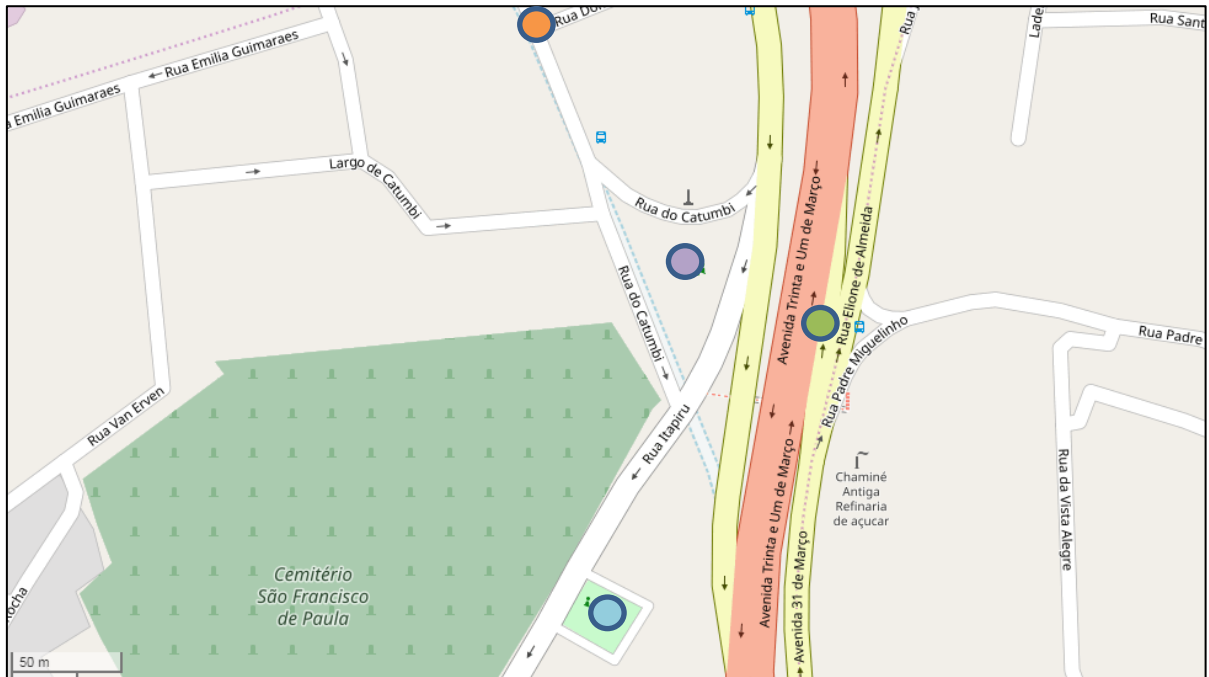
Sambódromo

Quadra do Vai quem Quer

Bar do pezinho

Gaiola Amigos da tranca

Imagem 55



Legendas:





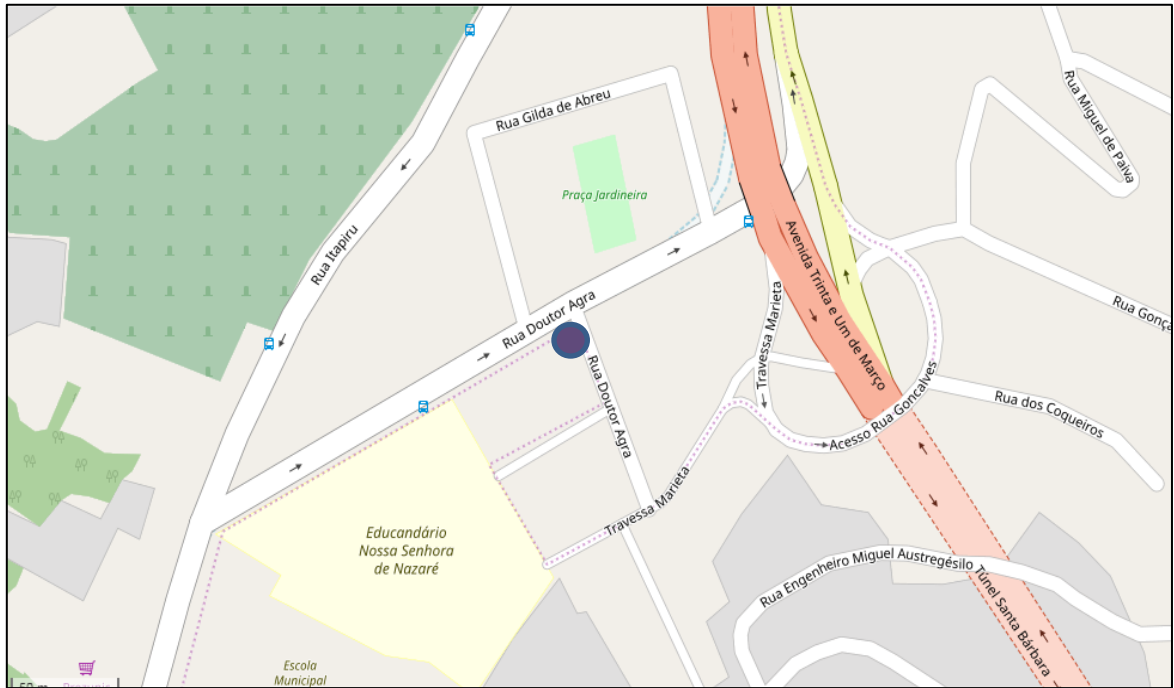
-  Igreja Nossa Senhora da Salette
-  Praça do Catumbi (ou Largo do Catumbi)
-  Passagem subterrânea debaixo do viaduto Av. Trinta Um de Março
-  Praça – Conjunto Ferro de Engomar

Imagem 56



● Grêmio Recreativo Bafo da Onça

Capítulo III - CONTRAPONTO ATRAVÉS DO DEBATE COM SANTOS, MELLO VOGEL

3.1 Santos e o MSU do Catumbi

Não tem como falar do Catumbi sem dialogar com um dos trabalhos mais importantes dentro da Antropologia Urbana, por ter inaugurado procedimentos metodológicos que marcaram algumas produções de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, na época, chefe de pesquisas urbanas do IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal) e professor de Arquitetura e Urbanismo da UFF. Ele chefiou uma pesquisa que gerou o livro “Movimentos Urbanos no Riode Janeiro” (1981). A pesquisa começou com uma inquietação na tentativa de compreensão de como os pobres atribuíam o sentido da moradia, como eles entendiam os fenômenos urbanos e que lugar reivindicavam dentro deles. Essas pessoas perceberiam ou não as diferenças entre formas e razões práticas e simbólicas de produzir e consumir o espaço da casa e da cidade? Elas conseguiriam refletir sobre si mesmos e sobre seu posicionamento no conjunto social a partir das práticas urbanas quotidianas? Como por exemplo a ocupação de um território (bairro, rua ou casa)?

Naquela época um arquiteto que estivesse disposto a trabalhar com moradia para os mais pobres tinham que fazê-lo através de agências do governo sem enfrentamentos diretos. O que Santos e sua equipe fizeram foi buscar entidades representativas de “favelados” com um duplo objetivo: tentar aprender através da observação das práticas e do registro direto de seus discursos, de sua realidade para oferecer em troca suas contribuições dentro deste campo. Assim Santos foi se distanciando da observação de padrões e arranjos dos espaços públicos e privados para observar as inter-relações sociais e das redes de significados, que para ele era o que sustentava tanto ou mais do que as razões materiais e práticas. Para resolver os problemas oriundos das idealizações sobre o urbano Santos se apoia no conceito dos MSU - Movimentos Sociais Urbanos (Castells), que procura explicar o que seria uma “permanência das representações culturais da cidade frente à apropriação dos fenômenos e processos de urbanização pelo capitalismo, de acordo com as especificidades das formações sociais através das quais se manifesta”. (SANTOS, 1981, p. 21)

No contexto do capitalismo, foi preciso buscar nas cidades onde aparecem as relações de causalidade e onde o modo de produção pudesse ser questionado, assim, estimava-se, seriam rompidos os conceitos alienantes do urbano para revelar outras ordens reais (de estrutura social) que estariam por trás de tudo. Se o urbano é um versão física do capitalismo, os conflitos oriundos do urbano têm que referenciar-se ao capitalismo. Logo as lutas e reivindicações

baseadas no urbano seriam as representações das lutas de classes. Essas lutas se dariam através de ações coletivas da população enquanto usuária da cidade reivindicando habitação e serviços a fim de evitar a degradação das condições de vida, adequação de necessidades e um maior nível de equipamento. (BORJA *apud* SANTOS, 1981).

Santos utilizou os conceitos de *Campo* e *Arena* (a partir de Swartz) que vem a ser:

O Campo seria composto pelos atores envolvidos diretamente nos processos sob estudo e 'cujo escopo territorial e social e as áreas de comportamento compreendidas mudariam de acordo com a entrada e saída de atores, ou com as mudanças nas suas atividades de interação'. Ele se definiria 'pelo interesse e envolvimento dos participantes do processo estudado', incluindo os 'valores, os significados, os recursos e as relações empregados.

A noção de Arena é complementar e mais abrangente. Ela seria 'uma área social e cultural imediatamente adjacente ao campo em espaço e tempo', onde estariam os que, ainda que envolvidos diretamente com os participantes do campo, não estivessem envolvidos em seus processos definidores. A arena incluiria, 'além dos atores que a povoassem, o repertório de valores, significados e recursos que eles possuísem e as suas relações com os membros do campo. Também fariam parte da arena valores, recursos e significados dos membros do campo desde que não fossem empregados nos seus processos definidores'. O universo fora da arena seria classificável como arenas secundárias, terciárias e etc., de acordo com os envolvimento dos membros da arena primária em relação ao campo. (SWARTZ *apud* SANTOS, 1981, p. 215)

O que fez Santos, foi dialogar de forma concreta com Castells, Borja, e Swartz, na prática, fugindo de especulações acadêmicas. Ele entendia as favelas e áreas periféricas da cidade como processos arquitetônicos e urbanísticos muito mais interessantes, pois aí se desenvolvem novas respostas oriundas do encontro pobreza, subdesenvolvimento e cultura tradicional com a dominação de um mundo moderno, industrializado e tecnológico. Assim ele escolheu três campos para testar essas teorias, através de estudos etnográficos que foram executados em Brás de Pina, Morro Azul e Catumbi, este trabalho vai focar somente o campo do Catumbi, onde ele trabalhou com a história do bairro e seus habitantes em contraponto com a associação de moradores. Em sua pesquisa, ele entendia o Catumbi como uma arena que tinha seu território (espaço) e sua história (tempo). Não lhe faltavam os símbolos identificadores de uso e aceitação geral como bondes, rua principal e bares nem de comportamento como conversas, passeios, e patriarcado. A história do bairro gira em torno desses símbolos identificadores destruídos aos poucos, dissolvendo a identidade local.

Em 1965 ficou pronto o plano Dioxíades²² que trataria especialmente algumas áreas da cidade. Considerado como bairro estagnado e próximo a área central de negócios, o Catumbi era visto como o lugar ideal tanto para a expansão das atividades econômicas do Centro como para adensamento com fins residenciais. O bairro, antes um pequeno vale úmido, foi se transformando ao longo dos anos num pequeno parque industrial com usina de açúcar, marmorarias, gráficas, madeireiras, móveis e estabelecimentos de comércio. No fim do século XIX morava uma classe média no Catumbi que havia substituído os donos das Chácaras e das mansões. O bairro, extremamente importante para o escoamento para a zona norte, com a abertura da Avenida Presidente Vargas no Estado Novo, reafirmava as vocações locais como lugar de famílias de classe média baixa, pequenos comércios e oficinas. Antes o bairro era bastante insalubre e sujeito a muitas incheções, mas no fim da década de 1950 a área foi totalmente saneada. Com a abertura do túnel Santa Bárbara, o bairro fica diretamente ligado a Zona Sul e liga Laranjeiras e Botafogo à Avenida Presidente Vargas. De subúrbio distante, o bairro foi “promovido” já que estava próximo das regiões mais valorizadas da cidade.

A área do Catumbi foi se valorizando com as obras e por ser lugar privilegiado enquanto elo de ligação. Começava a se firmar a ideia de que a localização era boa demais para o padrão de usos – pessoas que estava comportando (casario modesto, gente pobre e comércio simples). As atividades do setor econômico, secundário e terciário se aproveitavam da aproximação com a cidade e dos baixos custos locacionais. A estrutura do bairro não se modificava, apenas se consolidava cada vez mais. Assim o Estado tratou de conter essa consolidação provocando sua decadência fazendo investimentos na área. Essa decadência era o ideal pretexto para limpar o bairro, fazendo com que o Estado tivesse que fazer a tal ação “salvadora”, a chamada renovação ou mesmo revitalização urbana. O bairro foi a primeira renovação urbana do Rio de Janeiro seguindo os preceitos modernos de planejamento urbano. Aos moradores foi atribuído uma culpa por simplesmente serem quem eram, viverem como viviam e fazerem o que faziam que eram incompatíveis com o progresso planejado pelo Estado.

Já relatei no capítulo anterior como se deu a luta popular liderada pelo padre Mario Prigol, que através de sua militância organizou os moradores acabando por criar uma comissão para defesa dos desapropriados. Essa comissão (que virou a Associação de Moradores) foi um

²²Constantino Dioxíades foi um importante urbanista grego, conhecido no meio profissional por ter criado uma disciplina chamada “ekística” que foi convidado pelo governador Carlos Lacerda para executar o plano de desenvolvimento para o Estado da Guanabara tendo como horizonte o ano 2000. A escolha pelo arquiteto e suas aplicações foram motivos de controvérsia, havendo técnicos que reprovavam abertamente seus planos. Poucas foram as recomendações que foram aceitas e implementadas, como o projeto de renovação urbana do Catumbi – Cidade Nova – Estácio.

importante interlocutor para a pesquisa de Santos. O livro *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro* vai tratar essa luta colocando o bairro do Catumbi como arena com *fronts* internos e externos.

a) fronts internos:

A associação não era o único campo significativo para a arena dos moradores. Os blocos Bafo da onça e Vai quem quer, por exemplo, eram entidades que também estavam diretamente envolvidas na arena, assim como o clube Astória e a Igreja Salette. Todas essas entidades eram vistas como arenas secundárias. Quando houve a pressão externa e o MSU do Catumbi atingiu o ápice, se deu a criação da Associação dos Moradores, porém a partir daí a arena iria acabar aos poucos. Como os moradores foram vendo a destruição do bairro acontecendo lentamente, logo se acostumaram a isso. Para chamar a atenção foi então criado o jornal “O Catumbi” (como também dito anteriormente). As páginas do jornal eram abertas a todas as instituições atuantes no bairro. Nele continha artigos e matérias sobre os blocos, clubes, e entidades religiosas. Os moradores tinham prazer em organizar as sociedades carnavalescas e esse tema era constante no jornal e estava sempre presente no editorial do carnaval. A presença dessas entidades carnavalescas, que também seriam arenas, no jornal serviam para mostrar uma organização que corresponderia à organização séria do lugar de onde saíam. O carnaval no jornal era a representação de uma glória nacional. A associação, através do jornal, representava um campo onde coubessem todos os seus significados, símbolos e recursos atentando para que os papéis do folião e do morador se fundissem em suas ações - tanto como a presença em desfiles quanto em passeatas reivindicatórias.

Outra arena, o clube Astória também tinha esse propósito. Visto como um clube humilde localizado num bairro humilde, Astória era tradicionalmente um campeão de futebol de salão que ganhou torneios contra times grandes como Vasco, Flamengo e Fluminense. O raciocínio é semelhante ao das sociedades carnavalescas, pois se um time do Catumbi vence outros times gigantes, o bairro também pode ser um campeão nesta “guerra” conta o Estado. Estando o clube localizado em área que seria demolida, sua representação diante dos moradores entraria de acordo com os objetivos da arena principal, a Associação. E o resultado foi uma ótima saída, fundir o clube com um outro clube, o Minerva, na rua Itapiru, virando o então novo clube Helênico que sobrevive até hoje.

Havia também o problema das novas fronteiras que estavam se estabelecendo e que se referiam aos novos e antigos moradores. Um “novo estilo de vida” se contrapunha os modos de

vida anteriores. Os novos conjuntos, projetados de acordo com o conceito de “unidade de vizinhança” negava o antigo código que todos conheciam: a rua, a calçada, a quadra etc. Quem viesse a morar nos novos edifícios tenderia a ser diferente pois passaria a viver num “espaço signo” diferente dos tradicionais do bairro. Porém havia também expectativa de que os de fora pudessem vir a ser aliados. A associação organizava ocasiões especiais ou mesmo rituais e jogos de etiqueta que facilitavam o contatos. Esses novos moradores do Catumbi eram convidados para a igreja e obviamente também seriam clientes dos comércios locais. A Associação conseguia remendar várias *subarenas*, juntando todas dentro de uma única fronteira “dos moradores”. Mas sempre havia o pensamento que estes novos moradores vinham com ar de superioridade pois seriam cidadãos do futuro. Então, vários sentimentos se misturavam dentro da arena: fraternidade, ciúmes, apreensão e expectativa.

b) fronts externos

Depois de conquistar o BNH, restavam outros órgãos governamentais. Após o Banco ter admitido as cooperativas de moradores que construiriam os apartamentos, foi estimulado que os catumbienses apresentassem os terrenos. Daí o impasse, pois eram pessoas de baixa renda e os juros eram caros, logo eles teriam que achar terrenos baratos para que se tornasse viável a implantação dos conjuntos habitacionais. Como os terrenos mais baratos ficavam distantes do bairro criaram-se tensões sociais. O BNH querendo manter uma boa imagem, instigou os moradores a cobrarem do Estado, terrenos no Catumbi, colocando-se às ordens para o que fosse possível em relação à apoio para com a população. Uma boa jogada pois se conseguissem, o BNH faria mais cooperativas para construção de outros conjuntos e se não, o vilão não seria ele.

Em 1971 Chagas de Freitas foi eleito governador. Dono do jornal populista *A notícia*, ele demonstrou sensibilidade com a causa. Antes de ser eleito, em seu editorial ele pontuou: “a facilidade de destruir; a dificuldade em refazer; o perigo da frustração dos planos; os custos segregadores; os aluguéis pesados; as desapropriações injustas; as justificativas falsas e a incoerência do governo” (*apud* SANTOS, 1981, p.181), comprometendo-se com a população. Depois disso dezessete manchetes do jornal “O Catumbi” elucidariam os acontecimentos até a percepção que o novo representante do Estado não era o “bonzinho” que todos achavam, pois no final não cumpriu nada do que prometeu fazendo desmoronar o sistema já articulado e seguindo com o plano de renovação urbana. O clube continuaria vivo, os blocos também mas os moradores, após dez anos de luta, não conseguiriam alcançar seus objetivos. O MSU do

Catumbi já não era mais o mesmo de antes; depois disso apenas mais quatro edições do jornal local foram publicados e, em vez de enfatizar as glórias do bairro, mostravam o desapontamento e o drama angustiante. Em 1978 as obras do complexo viário terminaram no governo de Faria Lima, porém foi o prefeito Marcos Tamoyo que indignou ainda mais a população com a construção da “Passarela do Samba” que provocou a remoção de mais quatro quarteirões.

Torna-se impotente pontuar esses fronts ao que o trabalho de Santos se refere para melhor compreensão das lutas que os catumbienses viveram, sempre demonstrando sua identidade local. A associação buscou sempre valorizar o bairro através de seus símbolos identificadores. Havia uma bonita história de luta, os moradores sabiam se articular e mantinham registros e memória. Somente quando Israel Klabin assume a prefeitura, diante de todo o ocorrido sempre noticiado na imprensa, é que os apelos dos catumbienses são atendidos. Porém ficaram cicatrizes com descampados e ruínas que acabaram por ser invadidas por gente muito pobre. Mas um terço do bairro se manteve. O Catumbi resistiu, e ficou servindo na época de símbolo de esperança.

Sobre o trabalho etnográfico, a equipe de Santos percebeu que o Campo foi além de dos seus limite físicos em forma de reportagens, notícias sobre conflitos, mobilização pública, passeatas etc. As entidades representativas como as sociedades carnavalescas e o clube permitiam a existência de Campo à parte que preexistiam e poderiam permanecer mesmo se a Associação acabasse ou até mesmo o próprio bairro, a exemplo das mudanças de sede do Bafo da Onça e do Clube Astória. Santos defende que os moradores podem ser Campo ou Arena. A categoria foi usada propositalmente num sentido geral pois era manipulável de acordo com intenções e interesses de cada ator. Em certos momentos de crise os moradores poderiam se apresentar como bloco, como ator único, logo também o bloco poderia se desfazer e virar Arena fragmentada em subgrupos como por exemplo, famílias, redes de amizades e parentesco, panelinhas permitindo discursos que iriam de acordo com as necessidades (“para os moradores”, “como o povo era”, “da população”).

Santos lança luz sobre a força do *Evento Mobilizador* que seria o ponto de partida para unificar os grupos internos da localidade, fazendo-os reconhecer-se por causa de interesses comuns. Ele permite a ruptura do cotidiano e ocasiona a crise dentro do MSU. Ele vem a ser “expressão concretizada da negação de uma aspiração de consumo coletivo de uma facilidade urbanística qualquer” (SANTOS, 1981, p. 219). O Evento Mobilizador pode dar margem ao surgimento de outros eventos abrindo portas do campo para diversos atores. Entretanto o Evento Mobilizador sozinho, não se sustenta por muito tempo. Ele precisa de reconhecimento de

alguém que seja empolgado pela bandeira da luta, como foi neste caso o Padre Mario Prigol que transformou-o em símbolo indetificador.

Sobre as instituições é evidente que a Associação dos moradores foi a que era mais representativa, porém o movimento não é da instituição. Santos acredita que a Associação tem como objetivo o de representar os interesses de determinado local, porém pode fazer o contrário, trazer para os moradores determinações externas que contradizem as intenções expressas. As instituições têm um compromisso com elas mesmas e os indivíduos do Campo restrito, legitimando hierarquias dentro dos aglomerados, podendo se confundir com ele se desejar. No Catumbi os moradores conheciam muito bem a Associação, mas no cotidiano pareciam ignorá-la, quando sentiam a ameaça urbanística corriam para ela pois sabiam que era ali que aconteceria a luta. Ela usaria a “imagem de palco” para isso, neste momento os moradores “viravam” a instituição e “incorporavam a entidade” (SANTOS, 1981, p. 222). Os integrantes da Arena de moradores cercam o Campo trazendo para ele todos seus “valores, significados e recursos”, a instituição é vista como utilizável porém há uma separação de fronteira que se “dilata e retrai” conforme as deliberações. Há ambivalência, pois a Associação que se diz de todos os moradores, não o é; na maior parte do tempo é apenas de alguns e o Campo e Arena tem as interações dinamizadas através dessas trocas.

Quem faz a intermediação entre o Evento Mobilizador e a resposta ou reação que suscita seria o agente que Santos chama de *Catalizador*, que é reconhecido como interlocutor, tendo “passe livre”, e faz a ponte entre o Estado e o grupo interessado. Tem que ser de confiança, ter capacidade de mobilização e também “ser de fora”. Ele legitima a mediação que permite passagem entre os Campos e das relações de dependências entre Campo e Arena. Catalizadores podem ser indivíduos, grupos, ou instituições desde que sejam externos ao conjunto de moradores. Fica claro que o Padre Mario foi o Catalizador do Catumbi. O padre com ações pastorais atuava porque percebeu que não havia condições de representatividade política nas bases. Como também vivia na paróquia, era morador além de figura respeitável, logo também sentia e sofria pelos mesmos problemas.

Os técnicos entre os quais Santos se alinha também são catalizadores. Houve da parte dele uma intenção de neutralidade enquanto agente. Mas enquanto ator o técnico é ambivalente. Ao acontecer um evento conflituoso ou caso extremo como brigas, ele enquanto técnico se colocava como neutro, virando apenas observador ou analista, mas também tinha muita agilidade para apresentar ou mudar alianças. Em compensação eram os técnicos também os mais sensíveis em qualquer conflito, ele é o único que tem respaldo para contestar as políticas urbanísticas oficiais. Se apoiando em Borja, ele diz que o técnico vendo o fracasso do

planejamento urbano no capitalismo se disporia a informar e assessorar os MSUs. Seu papel seria dividido em duas etapas: a primeira seria a de informar, explicar e legitimar o movimento; na segunda se aprofundava nas funções da primeira especialmente analisar as relações dos opositores e criar programas reivindicatórios e/ou alternativos. Quando se encerram as pressões iniciais que foram motivos para o surgimento do Catalizador. Os indivíduos vão voltando aos poucos às suas preocupações quotidianas bem menos importantes, o local se esvazia, fazendo com que o Campo se torne uma arena inconsistente. Assim permanecem até que um novo Evento Mobilizador aconteça para que assim eles voltem a ocupar o Campo.

Até poucos anos antes dessa pesquisa o campo de estudos em Antropologia Urbana era ainda muito tímido ou quase inexistente. Essa pesquisa com todas as suas singularidades teve uma importante questão. Ela não foi encomendada por nenhum órgão público, mas por um projeto submetido a uma agência federal de fomento, a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. A pesquisa acabou tomando um outro corpo por causa disso, pois privilegiou o estudo etnográfico, convidando antropólogos à participação em equipe originalmente pensada para ser desenvolvida apenas por arquitetos. Havia uma proposta em torno do campo temático, *arte, cultura e lazer urbano*. Onde Santos trouxe o antropólogo Arno Vogel para reelaborar a proposta reestruturando-a nos modos da pesquisa etnográfica. Vogel acabou trazendo Marco Antônio da Silva Mello, outro antropólogo para a pesquisa. Na época o método etnográfico ainda não havia recebido a atenção devida pelos arquitetos, urbanistas ou mesmo cientistas sociais que atuavam no campo do planejamento urbano. A pesquisa viria então a inaugurar um novo campo de trabalho de perspectivas promissoras.

3.2 Mello e Vogel e os espaços de lazer no livro Quando a Rua vira Casa

Esses pesquisadores trabalhariam a partir de desenhos, mapas de animação, fotografias, filmes e também pela consideração das crianças. Considerar crianças e adolescentes como interlocutores era algo inédito nas pesquisas urbanas. Elas revelaram uma “cognição urbana própria, com suas habilidades, capacidades, competências e escalas particulares” que permitiram abordar questões como segurança, acessibilidade e deslocamentos. Esse método de pesquisa através de alunos e professores nas escolas do Catumbi foi um sucesso e a partir daí o Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do IBAM usaria este procedimento estratégico para dar início à formulação de planos diretores municipais. Os temas das atividades propostas a essas crianças e adolescentes eram “minha cidade”, “a rua em que moro”, “a casa onde moro”, “como

eu gostaria que fosse meu bairro” assim por diante. (MELLO, VOGEL, MOLLICA, 2017, p.15)

O resultado da pesquisa, que começou em 1978, resultou no livro "Quando a rua vira casa"; sua proposta: comparar um centro de área tradicional com uma área nova, inteiramente planejada de acordo com parâmetros e concepções modernas. Assim o outro local escolhido para tal comparação com o Catumbi foi a Selva de Pedra, situada no Leblon. A Selva de Pedra surgiu no começo da década de setenta, na melhor área da cidade e que ocupa o lugar da antiga Favela da Praia do Pinto, também vitimada pela política de remoções do governo estadual. Além disso, representava também o planejamento racionalista de meios urbanos modernos. O que a colocava como lugar perfeito para comparação ao bairro do Catumbi. A equipe de Santos passou a estudar os casos escolhidos, buscando perceber em cada um desses dois espaços o caráter próprio e diferenciado de uso de espaços coletivos quando voltados para o lazer.

Enquanto no bairro do Catumbi os moradores guardavam todos os quarteirões na memória como forma de exercício (Voguel e Mello chamariam de *arqueologia fantástica*), formando uma paisagem imaginária do bairro, o não esquecimento traria mais indignação e conseqüentemente mais força para lutar, preservando também a vitalidade de sua vizinhança. Mesmo tendo sido congelado em termos de investimentos, o bairro conseguia manter suas muitas especificidades culturais e ainda conseguia manter uma vida local animada sem perder o “movimento do bairro” (na parte que resistiu). A Associação enquanto interlocutora foi muito competente e teve o reconhecimento da população, pois conseguiu ampliar as capacidades individuais e coletivas. A discussão neste caso era dialógica. Era a prática permanente da negociação que conseguia desfazer acavalamentos indesejados ou hierarquizar diferentes formas de apropriação dos espaços rompendo fronteiras e fazendo a convivência ser possível.

A *rua* no Catumbi oferecia uma variabilidade de usos em determinados espaços. Na medida que esses usos variavam estabeleciam-se novas relações que constituíam a vida pública nos espaços de uso comum, pois colocava pessoas em contato, incorporavam-se estranhos (muitos olhos e muitos responsáveis pela rua). As construções do complexo de conjuntos do “Ferro de Engomar” trouxe estranhos para o bairro que eram aos poucos incorporados à vida local, pois conviviam e faziam os usos de espaços comuns - como por exemplo o comércio, paróquia etc; o estacionamento do conjunto não só teria o uso exclusivo de guardar carros, pois recebia crianças para soltar pipa e jogar futebol, havia um caráter ambivalente nestes usos que trazia vida ao urbano. Enfim, a união dos moradores, a não exclusão do novos residentes, juntamente com variabilidade dos usos dos espaços públicos resultaram em crédito e confiança entre os atores e força e segurança ao movimento.

Já a Selva de Pedra, um conjunto de torres de apartamentos, era comparável com o bairro tradicional, porque representava a “cidade moderna” e “inteiramente planejada”, por ser ainda definida por arquitetos e não apropriada pelos seus futuros habitantes, também por apresentar proximidade com a cruzada São Sebastião, e seguia o modelo urbano racionalista, a exemplo do planejamento urbano da Barra da Tijuca, com muitos andares e poucas áreas de uso coletivo que desde o início foram predeterminadas para somente “aquele uso”. O conjunto Selva de Pedra serviria de *caso controle* em comparação ao antigo bairro a que se refere este trabalho. Ao substituir a *rua* pela *quadra* e os casarios por condomínios, na Selva de Pedra significaria morar exclusivamente, fazendo com que seus atores precisassem cada vez mais procurar por *shopping centers* e hipermercados. As áreas comuns pretendiam funcionar como lazer e recreação, pois havia a preocupação de separar os espaços por suas funções e cada função correspondia somente ao uso a que era destinado traduzindo a preocupação de separar e ordenar hierarquicamente. A ambiguidade deveria ser evitada e as fronteiras bem demarcadas.

A falta de diversidade e a busca na transparência dos usos dos espaços enfatizava somente o indivíduo e não o coletivo. Essa busca formava um paradoxo, pois a suposta autonomia dos atores tendia a transforma-se em heterotomia pois as funções de segurança, mediação e controle eram particularizadas institucionalmente. Logo, os obstáculos como grades, porteiros e vigias traziam impessoalidade e segregação ao contrário do que por exemplo era perceptível nos conjuntos do Catumbi, pois os blocos continuavam a manter uma relação igual à que mantinham antes com a rua. Mesmo depois dos novos moradores chegarem, os antigos começaram a frequentar os espaços comuns dos blocos como se fossem a extensão da rua, mas é claro que a noção de conjunto trazia uma nova inflexão para o estilo tradicional. Essas apropriações eram um pouco problemáticas por causa da noção de “condomínio”, porém elas aconteciam por meios de relações dialógicas.

Na Selva de Pedra, espaços comuns de lazer e recreação como quadras e praça central eram “privatizadas”, os de fora não podiam fazer uso. Para que isso ocorresse era necessário regulamentação dessas áreas, o que trazia um fracasso para a “vida comunitária” que partia do pressuposto da privacidade e da individualização. A frequência nestes espaços de convivência eram impessoais, as pessoas eram estranhas umas às outras, logo não havia os “muitos olhos” que acabavam trazendo segurança nestes espaços, estes espaços deveriam ser públicos, porém eram regulamentados pelo síndico.

3.3 Debate com os autores

Ao fazer um contraponto com a pesquisa de Santos, Mello e Vogel, hoje ao andar pelas ruas do Catumbi, percebe-se que o bairro mudou mas não tanto assim. Uma das questões pertinentes em comum entre este trabalho e o deles era a identidade local e como ela se manteria com a chamada Revitalização Urbana. Hoje ainda existem alguns símbolos identificadores preexistentes, como as entidades carnavalescas “Bafo da Onça” e “Vai quem quer” funcionando precariamente. A mudança de sede do “Bafo da Onça” e falta de apoio e verba para os blocos, associadas à violência local e ao medo que se instalou no bairro ao longo dos anos com a chegada de facções criminosas, trouxeram uma imensa crise para o bloco que não tem mais sua sede frequentada como antes. O “Vai quem quer” sobrevive alugando seu espaço para outros eventos que não o carnaval, por exemplo como local de prática de esportes. O clube Helênico é outra entidade identificadora, que acabou por receber o Clube Astória; tinha também o samba, as festividades e o Futsal como atividades principais na década de 1980, hoje também sofre com a crise provocada pela violência e falta de adesão dos moradores que consideram a localidade, muito próxima às comunidades, perigosa.

A igreja Nossa Senhora da Salette, para mim, é o símbolo identificador com maior força do Catumbi; não é à toa que outros estabelecimentos levam seu nome, como por exemplo, “Vidraçaria Salette” e “Padaria Salette”. A igreja, que até pouco tempo atrás ainda tinha o Padre Mario como responsável pela paróquia, é a instituição com maior representatividade no bairro. Esta entidade ainda atua como interlocutora e mediadora de conflitos baseada nos preceitos do bem ao próximo, portanto do bem à Paróquia como este trabalho aponta quando os moradores de rua da passagem são ajudados principalmente pela Igreja. Esta é bem frequentada até às segunda-feiras - constato isso porque foi o dia em que a visitei para a pesquisa de campo. A igreja se mostra com certa abertura para proporcionar em sua localidade eventos que não têm a ver com eventos católicos, como por exemplo, aula de dança de salão como podemos ver na imagem a seguir:

Imagem 56




Foto de Maria carolina

Outro símbolo identificador atual é a Gaiola Cultural Turma da Tranca que talvez seja a entidade que mais chama atenção por sua peculiaridade em transformar um espaço público num espaço privado, inclusive com direito à uso mediante pagamento. O espaço que transforma a calçada em “clube”, não é bem visto por parte da população, por conta de julgamento e preconceito contra jogos de azar. Mesmo assim o espaço está lá há mais ou menos 12 anos, em pleno funcionamento, com rotatividade enorme por parte de seus membros. O espaço chega a ficar aberto de 7h da manhã até 23h, dependendo do dia.

A Padaria Salette parece ser o coração do bairro, é aquela típica padaria antiga que de longe se sente o cheiro do pão fresco. É o local onde os moradores chegam para tomar uma “média” e comer um pão na chapa. O comércio faz questão de ser símbolo identificador do bairro, pois mesmo após reformas ela continua em ótimo estado e tem em seu interior painéis nas paredes com fotos em tamanho real (ou quase real) do que foi a padaria antigamente, trazendo a memória da antiga padaria e conseqüentemente do bairro. (Vide imagens 21 e 22).

À exemplo do que a pesquisa de Santos entendeu sobre como as relações se estabelecem dentro do MSU, este trabalho entende que o MJC – Movimento da Juventude Catumbi, assim como o coletivo *Uma Mão Lava Outra* foram os catalizadores que tornaram possíveis alguns eventos mobilizadores; os dois grupos mantinham certa relação com a Associação e através dela tentavam alcançar os objetivos comuns (o MJC de forma mais organizada e com muito mais participantes, e o nosso coletivo através do projeto “Eu Amo Catumbi”): produção de cultura, resgate de memória e identidade. O MJC criou um evento mobilizador super importante, pois aderiu em 2008 ao boicote ao pagamento do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) na gestão de César Maia, como mostra o *post* da antiga rede social (*orkut*) do MJC:

Imagem 57

 **IPTU - Só em Novembro! - Bloco/Protesto no Catumbi!!!**

Postado por Priscilla em Jan 23, '08 1:19 AM para todos

Categoria: Outro

IPTU - Só em Novembro!

- Você está satisfeito(a) com o retorno do IPTU pago anualmente à Prefeitura?
- Você conseguiria apontar alguma área de ação pública na qual o dinheiro do imposto é bem investido?
- Está contente com o aumento do seu imposto?
- Quantas melhorias foram feitas em nosso bairro em 16 anos desse governo municipal?
- O nosso bairro possui iluminação adequada, caçambas de lixo suficientes e limpeza urbana constante, poda de árvores, preservação do patrimônio histórico, áreas de lazer bem cuidadas e atividades culturais constantes?

O Movimento da Juventude Catumbi aderiu, assumindo uma forte posição, ao adiamento do pagamento do IPTU para Novembro, após as eleições. Essa iniciativa, que já abrange mais de 30 bairros, movimentos sociais e associações de moradores, indignados com o abandono e a falta de políticas públicas para o controle urbano e um crescimento saudável da Cidade do Rio de Janeiro, busca impedir o uso do dinheiro em financiamento de campanhas e obras eleitoreiras. O morador que aderir ao boicote não corre o risco de perder seu imóvel ou entrar na dívida ativa.

Com isso, após uma grande manifestação na orla do Leblon e Ipanema, o Movimento da Juventude lança o bloco de protesto "IPThumm...passa amanhã", que resgatará ao Catumbi os áureos tempos de luta da década de 70 e 80 e reviverá os nossos belos camavais de rua, mas, sob forma de protesto.

* Agenda - Sábado, 26/01

- Local do bloco/protesto: 10h30min, na Praça do Largo do Catumbi
- "Homenagem" ao Prefeito César Maia: 12h30min - Pequeno bolo em "comemoração" aos 16 anos de descaso da Prefeitura com a cidade.
- Roupas: Camisa branca e nariz de palhaço (o nariz será dado pelo Movimento da Juventude a quem participar do protesto)
- Participação: Componentes do Bloco Mocidade Unida da Mineira e toda imprensa do Rio de Janeiro
- Encerramento: 13h30min.

Saudações Catumbienses e Cariocas!

Movimento da Juventude CatumbiEsta mensagem foi enviada por Alberto Vieira. Para ver o perfil de Alberto, clique em: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7416129941887497961>

Fonte: Coletivo *Uma Mão Lava Outra*

Estes dois eventos mobilizadores, movimento gerado pelo MJC e o “Eu Amo Catumbi” também tiveram algo em comum além dos objetivos. Não conseguiram se sustentar sozinhos e acabaram por cessar. A violência e a falta de apoio da Associação como instituição importante local, e do Estado que sempre negligenciou o Catumbi, foram cruciais para o término desses movimentos. As diversas tentativas dos dois grupos catalizadores que já existiram no bairro em escrever projetos para submissão em editais de fomento à cultura, preservação da identidade e memória foram em vão, pois nunca foram aceitos.

E por fim, talvez o maior fracasso seja a Associação de Moradores enquanto grande símbolo identificador considerado de outrora, que hoje não existe mais. Ao longo dos anos teve seu propósito distanciado ao dos parâmetros originais, que foi a união e formação da comissão pelos moradores em busca de moradia. Em seu lugar hoje funciona um salão de festas que pode ser alugado como também funciona como academia a preços populares. Seu último presidente

que a transformou em uma espécie de imobiliária se mostrou nos últimos anos intolerante com os grupos que tentavam colaborar para uma melhoria do bairro. As disputas políticas e por créditos nos eventos sempre ocorreram, como relatou Alberto Vieira em entrevista e também com o Coletivo, como tenho a propriedade em afirmar. A imagem mostra uma aula de pilates acontecendo no espaço onde a antiga Associação funcionava:

Imagem 58



Foto de Maria Carolina

Ao pensar a pesquisa de Mello e Vogel pensando as áreas de lazer no Catumbi e seus usos, ainda percebe-se que o bairro mantém as mesmas características ambíguas em seus usos. Áreas esvaziadas carregadas de sentimentos topofóbicos podem ser e foram apropriadas de outras formas, a exemplo das ações do projeto “Eu Amo Catumbi”. O coletivo *Filé de peixe* com suas sinalizações somando-se ao projeto ajudou no sentimento de apropriação, preservação e identificação como mostra a reportagem da revista *Veja Rio* intitulada “Rua Catumbi”, uma das poucas matérias com mensagens positivas sobre o bairro:

[...] Volta e meia, nos contos e romances clássicos, de autores como Machado de Assis ou Aluísio Azevedo, o “esquecido” Catumbi é citado como moradia de algum barão ou comerciante influente daquele Rio de outrora. No entanto, sua evolução urbana não fora acompanhada nem preservada. Seu caráter histórico não foi convertido em um viés mais turístico. Mesmo assim, algumas recentes intervenções urbanas parecem ter resgatado um pouco da auto-estima perdida – ou, pelo menos, não tão evidenciada. Quem entra na Rua do Catumbi através da alça de acesso que vem da Rua Doutor Ladgen logo se depara com uma placa bastante inusitada. “Welcome to Catumbi”. Assim, em inglês mesmo. As compreensões diante daquilo são infinitas. Certa vez um amigo me comentou que parecia uma saudação de “boas-vindas” aos gringos que, por acaso, aparecessem ali em jipes, como se estivessem num safári. Na minha exploração, encontrei outras pequenas intervenções, não tão nítidas, que exaltavam amor e carinho ao bairro, como o “Eu ♥ Catumbi”. Não é possível que haja sarcasmo nisso. É apenas a devolução de um pouco de fantasia e humor a um bairro muito maltratado pelas obras viárias paupérrimas em planejamento[...] (BASTOS, Revista *Veja Rio* online, 2017)²³

²³ Disponível em <https://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/rua-do-catumbi/>

O complexo que engloba os conjuntos habitacionais “Ferro de Engomar” e “Chichorro” hoje têm suas fronteiras fechadas por grades devido à violência local e à proximidade com diversas comunidades que só foram aumentando na região, porém em seus espaços comuns como praças e quadras continuam com fronteiras ligada à rua, tendo procura e movimento de pessoas que não moram no condomínio e lá vão em busca de lazer. Em comparação outros espaços destinados ao lazer, não têm mais esses usos e estão apropriados por moradores expulsos da passagem como vemos nas imagens a seguir:

Imagem 59



Imagem 60



Foto de Maria Carolina

É notório que durante as entrevistas, principalmente com pessoas de terceira idade, que a memória topográfica continua presente e o que Mello e Vogel denominaram de *arqueologia fantástica* ainda se faz presente como o trabalho vai exemplificar na fala de Carlos Henrique, que vive há 48 anos no bairro:

[...] ali na rua frei caneca, no caso, em frente ao quartel do primeiro batalhão, onde nessa época funcionava a cavalaria e não o batalhão de choque, ali nós tínhamos a escola Visconde de Ouro Preto, que foi onde estudei e tinha o maior orgulho de iniciar a minha vida de estudante. Aos nove anos de idade entrei para o primeiro ano. Também teve a fábrica da Bhrama que era aqui onde é o sambódromo hoje. E tinham vilas de casas também. Na marquês de Sapucaí, além das vilas tinham vários casarios que também foram demolidos. Também tinham quadras que não existem mais. Tinha uma quadra enorme que funcionava o Bafo da Onça, ali na altura do setor 11 e setor 9 [...]. (informação verbal)²⁴

²⁴ Entrevista concedida por Carlos Henrique em agosto de 2019. Entrevistador: Maria Carolina Xavier Martins

Essa memória topográfica do imaginário do cidadão Catumbiense que antes, na pesquisa que resultou o livro, estava ligada às lutas em prol da permanência no local, hoje se remete a apenas saudosismo sem o sentimento de esperança que existia antes.

Conclusão

Ao longo da escrita deste trabalho, hora escrevia em primeira pessoa, hora em terceira. Às vezes era necessário a distância do objeto no qual eu trabalho há muito tempo, e tenho intimidade, o Catumbi. Como observadora participante, senti a necessidade de explicar isto. Uma das primeiras questões a que este trabalho se propôs foi a de como o território do Catumbi pode ter algum tipo de reconhecimento identitário após sofrer tanto com toda a destruição territorial, e como ele pode ter reconhecimento se foi (e ainda é) preterido não só pelo Estado como pela população carioca (não só pelos moradores como também “os de fora”). Também houve a questão sobre suas territorialidades, e possíveis reterritorializações. Lá atrás, em 2010, eu como integrante do coletivo *Uma Mão Lava Outra* e meus colegas integrantes do grupo nos perguntávamos se era possível amar este local tão repleto de ambiguidades, que trazia e ainda traz sentimentos tão distintos.

O fato de estar numa localidade privilegiada, na minha opinião, por ligar bairros como Santa Teresa, Rio Comprido, Estácio, Laranjeiras, Centro, com a Zona Norte, acaba por colocar os moradores numa espécie de zona de conforto, visto pelo lado da praticidade de deslocamento urbano. Se chega muito rápido às regiões mais centrais assim como da Zona Norte à Zona Sul. Diante de adversidades e correria do mundo contemporâneo, isto é muito facilitador.

Entretanto, nem tudo são flores, a história do Catumbi é carregada de dor e sofrimento e isto é muito perceptível quando se conhece o local, quando se caminha pelas ruas, quando há uma troca com os moradores. Soma-se o fato de o bairro ser rodeado por comunidades que acabaram por torna-lo muito violento. Se antes no bairro havia uma “aura” melancólica resultante de toda a destruição que assolou-se sobre o território, agora este sentimento é muito mais potente. Porém há também potência positiva no Catumbi, quando se fala sobre os espaços não apropriados a que esse trabalho se refere. Questionou-se também se a tentativa do resgate cultural através de ações apropriativas pensadas a partir dos espaços topofóbicos, poderia obter sucesso na tentativa de transforma-los em espaços amáveis, em paisagens afetivas.

Ao pensar que a identidade do Catumbi foi construída primeiramente por imigrantes de diversas nacionalidades inclusive negros e índios, procurei compreender - como um local rico em diversidade cultural teve sua identidade esfacelada? A partir de uma perspectiva dialógica sobre os pressupostos teóricos do conceito de identidade e território, não citarei todos, abordarei aqui somente os mais importantes para a finalização deste trabalho. Por exemplo, uso a noção habitus de Bourdieu para conceituar as práticas locais que levaram os moradores a ocupar as

calçadas com suas cadeiras para “jogar conversa fora”. Para pensar as transformações da identidade após as demolições oriundas da construção do túnel Santa Bárbara - que trouxe a modernidade para um mundo pensado agora para motoristas- o trabalho apropria-se de Simmel que pensou sobre a mudança de um pensamento mais rural (neste caso mais suburbano) para um pensamento mais moderno. Sobre o conceito de indentidade, trago Hall que afirma que ela é construída também através da interação com a sociedade, e que a entrada para um mundo globalizado fez com que ela entrasse em crise, já Bauman, também culpa essa Globalização quando ele entende que o Estado não mais deseja manter uma nação sólida. À isso faço direta relação com a atitude do Estado com os moradores do Catumbi, em detrimento à um plano urbanístico que inclusive foi na época questionado por vários técnicos da área.

O geógrafo Haesbaert quando traz a noção de território diz que este é negado para os sujeitos dominados e que é preciso uma identificação positiva sobre ele (território) para que eles (sujeitos) possam apropriar-se dele. Milton Santos afirma que é no território que a força, as paixões, os poderes, as fraquezas e as ações se dão através da manifestações; já os encontros solidários evidenciam a construção das territorialidades quando atores se juntam para resolver um problema comum (PECQUEUR *apud* BARBOSA, 2017), como aconteceu com os moradores do Catumbi, ao juntarem-se para formar uma comissão e buscar a resolução da questão de suas próprias moradias.

Para a reflexão dos resultados dessas transformações urbanísticas no bairro que acabou por deixar uma grande área esvaziada, assim como o transformar em um bairro de passagem-entendendo que essas áreas “perderam” sua identidade local - o trabalho dialoga com os autores, Marc Augè que traz a noção do *não-lugar* que seria esses espaços que não se compreendem identitários - como os espaços da passagem subterrânea, praça ou largo do Catumbi, arredores do Sambódromo e embaixo do viaduto. O conceito de topofilia *versus* topofobia de Tuan foi apropriado pelo coletivo em todas as ações criadas. Assim como o conceito de *amabilidade urbana* que abarca perfeitamente as ações propostas para as intervenções culturais realizadas que teriam que ser *pequenas, transitórias e particulares* como foram as ações “Silkando Afeto”, “Carinhoso Catumbi” e “o Retorno d’ Astória”, todas como bjetivo de chamar atenção através da memória cultural do bairro que até hoje carece de equipamentos culturais.

A importância do Catumbi na história e na memória no Estado não poderia ficar fora do contexto deste trabalho. O bairro com seus casarios antigos, suas personalidades importantes, o próprio carnaval com suas sociedades carnavalescas e o movimento social urbano que culminou na primeira Associação de Moradores do país - através de um Padre militante - o coloca em um grau de importância pois a memória local e coletiva não é reconhecida. O

Catumbi com seus patrimônios tombados e não preservados, os blocos que funcionam precariamente, o choro de Pixinguinha que não se ouve mais, tudo isso corrobora para que haja uma patrimonialização do que tem que ser preservado no Catumbi. Tanto que o MJC – Movimento Juventude Catumbi tentou durante alguns anos de atuação no bairro, assim como o coletivo do qual faço parte. Ambos acabaram desanimando diante do descaso do Estado. As placas de sinalizações que indicavam a importância do bairro, colocadas pelos coletivos foram roubadas. É sim desanimador. Porém há também grupos de resistência como se vê com os DJs que fazem os bailes acontecerem não só ali como também nos arredores. A classe se uniu em prol de não deixar essa manifestação cultural morrer no bairro já que ele é o marco zero da *Black music* no Rio de Janeiro.

A vitalidade do bairro é constatada no tópico que se aborda as relações sociais. A rua do Catumbi com seus bares, estabelecimentos comerciais e ambulantes, a *Gaiola Cultural Turma da Tranca*, o Bar do Pezinho, a Igreja e Paróquia unidas, a Padaria Salette; todos estes espaços são símbolos identificadores que são riquíssimos em práticas sociais como se vê quando uma aula de dança de salão acontece num espaço que não poderia ser, como a Igreja, assim como a Gaiola que se apropria da rua e a transforma em espaço privado, um *pedaço*, um espaço dos *chegados* como diria Magnani. Penso que no Catumbi as fronteiras são muito mais abertas e permissivas quando se fala sobre os usos do espaço. Por isso também se faz importante a ocupação de outros espaços públicos com eventos e ações pensadas, como táticas urbanas. A população se apropria destes espaços e os percebe de outra forma, é uma alternativa para se devolver o direito à cidade, um direito que os foi negado quando dois terços do bairro foram desapropriados. Essa ambiguidade dos espaços promove trocas bem interessantes, como por exemplo índios aparecerem num evento e o show continuar no improvisado com a participação deles. Ou a passagem ser considerada segura por moradores de rua que estão ali residindo limpando e fazendo brechós.

O Sambódromo é um assunto delicado para o Catumbiense. Para a construção dele foi necessária a destruição de uma área enorme, muitas casas, vilas e até escola foram removidas. Este espaço de potência sociocultural e educativa por causa dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) poderia sim fazer uma merecida revitalização urbana, mas não o faz. É um projeto falido ao meu ver, sua apropriação acontece de fato somente uma vez ao ano, durante o carnaval e talvez em outras datas isoladas. Ele vira o palco onde acontece o “maior espetáculo da terra”. Este espaço espetacular faz o principal marketing da cidade para o mundo, trazendo o turista internacional, como bem conceitua Jacques. Ela ainda lança luz de que há uma outra forma de fazer esse marketing, não através da espetacularização, mas com um processo de

museificação, o que de certa forma poderia ser possível no Catumbi devido aos casarios antigos, história e memórias locais, assim como aconteceu com o bairro da Lapa.

Percebe-se a degradação social, ao caminhar pelas ruas do bairro. As calçadas são cheias de lixo. Há falta de caçambas, o que pode se tornar um caos quando chove e o bairro enche. Até os comerciantes sujam as ruas, mesmo podendo alugar uma caçamba. Até quando a garagem da Comlurb era alocada ao lado do Sambódromo, sempre percebeu-se a falta de estrutura de coleta no bairro. Ao trazer dados do IPP (Instituto Pereira Passos) constata-se que este dado aparece nos IPS (Índice de Progresso Social). O Catumbi não é carente de escolas e mesmo assim ficou abaixo do que era esperado em se tratando à todos os níveis de escolaridade desde a infância nos primeiros anos até o ensino superior. O que está diretamente ligado com outro dado, gravidez na adolescência e também ao crescimento da violência que coopta cada vez mais jovens para o mundo do tráfico de drogas. Não é a toa que a grande maioria de matérias jornalísticas sobre o bairro retrata a violência local. Poderia ter dedicado um capítulo inteiro sobre as desigualdades no Catumbi, foi uma escolha não faze-lo, mas também não poderia negligenciar estes fatos.

A escolha do diálogo com os autores antropólogos urbanos - Santos, Mello e Vogel - no terceiro capítulo traz ao trabalho um olhar importante sobre, primeiramente a capacidade do homem mais pobre perceber suas práticas urbanas quotidianas, como por exemplo a ocupação ou apropriação do território. Através de movimentos urbanos sociais se entende os processos de urbanização através do capitalismo, logo lutas e reivindicações seriam as representações de lutas de classe. Ao trabalhar os conceitos Campo e Arena e pensar o território (espaço) e história (tempo) apareceram os símbolos identificadores locais. Em sua pesquisa ele traz vários importante símbolos e este trabalho tenta dialogar com estes conceitos. Quando Santos traz o conceito de *evento mobilizador* que nada mais é do que a negação da aspiração do consumo perante uma facilidade urbanística -no caso de Estudo do Catumbi na época - aparece padre Mario como o catalizador (e interlocutor) que reconhece o evento (causa - remoções) e ele é a pessoa que o enxerga também como símbolo identificador. Assim então começa o movimento que formou a comissão que resultou na Associação de moradores. O trabalho faz um contraponto colocando o MJC e o coletivo *Uma Mão Lava Outra* como Catalizadores que entendem a questão do resgate da memória e da cultura como eventos mobilizadores. Porém os dois coletivos não conseguiram se sustentar sozinhos assim sucumbindo.

Não fiz o uso da etnografia como método para este trabalho, porém vivencio o campo desde 2010. Com o uso de entrevistas e observação além de dados quantitativos e matérias jornalísticas, percebo que a questão da identidade do território está lá congelada. Talvez tenha

sido uma questão lá atrás quando o moradores se viram naquele momento trágico sem saber para onde ir. Delá para cá houve muitas lutas. Me parece que sempre precisará acontecer algo para tirar o cidação Catumbiense desse estado de letargia. Enquanto isso eles seguem suas vidas. Sobre os espaços esvaziados serem carregados de ambivalências e ambiguidades, é uma possibilidade de apropriação latente, porém elas podem ser preenchidas de negatividade e positivities. São essas fronteiras que deixam o Catumbi mais interessante. Tais elementos podem contribuir para uma melhor compreensão da transformacao do espaço a partir do afeto para mudar paisagens, mas é sempre preciso lembrar e cobrar a presença do Estado.

Referências bibliográficas:

ALBINATI, Mariana Lusher. *A produção de espaços culturais na Zona Portuária do Rio de Janeiro: entre isotopias e heterotopias*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ- IPPUR / Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2016.

ALMEIDA, Renato S. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 56, p. 151-172, jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172>. Último acesso em 14/04/2018.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval – Seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Griphus, 2000. [Publicação oficial da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, de distribuição gratuita.]

AUGÉ, Marc. *Não lugares* - introdução a antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARBOSA, Jorge L. *Cultura e território*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira. *Rio de Janeiro: uma cidade conectada por túneis*. [Coleção Estudos Cariocas]. IPP- Instituto Pereira Passos, Rio de Janeiro, Fev. 2004. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2353_Rio%20de%20Janeiro%20-%20Uma%20Cidade%20Conectada%20por%20T%C3%BAneis.pdf. Último acesso em 12/07/2018.

CASTELLS, Manuel L. *A sociedade em rede*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. 1 - Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COUTINHO, Rachel (org.). *A cidade pelo avesso*. Desafios do urbanismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley ; Ed. Prourb, 2006.

FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. Tese (Doutorado). UFRJ-PROURB / Universidade federal do Rio de Janeiro - Programa de pós-graduação em Urbanismo, 2011.

- GONÇALVES, Renata de Sá. Os ranchos carnavalescos e o prestígio das ruas: territorialidades e sociabilidades no carnaval carioca da primeira metade do século XIX. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 71-80, 2006.
- HAESBAERT, R. Territórios e multiterritorialidade: um debate. *Revista GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano IX, n.17, p.19-45, 2007. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/213/205>. Último acesso em 23/07/2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.
- HOLBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. *Vitruvius*, 093.07, ano 08, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Último acesso em 23/07/2018.
- JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização Urbana Contemporânea. *Cadernos PPG-AU / FAUFBA*. Ano 2, número especial, p. 23-29, 2004.
- LA VARRA, Giovanni. Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea. In: _____. *Post-it City*. Ciudades Ocasiones. Barcelona: CCCB, 2008.
- LEMONS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol.17, nº 49. São Paulo, p. 11- 29, Junho de 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Jovens paulistanos: formas de uso e apropriação do espaço urbano na metrópole. In: _____. *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad / PUC- Rio, 2006. p. 131- 141.
- MATOS, Mauro. *Catumbi, um bairro do tempo do império*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro - Secretaria Especial de Turismo [Coleção Patrimônio Turístico], 2005.
- MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 4. ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2017.
- PRIGOL, Mario. *Educador da fé entre trabalhadores*. Confrontos históricos no Brasil e no Mundo 1928 a 1988. Ed. WM Design. Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilhrme (org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1967. p. 10-24. Disponível em: http://www.marcoareliosc.com.br/03velho_completo.pdf . Último acesso em 12/07/2018.

SOUZA, Maximiliano de. *Educação Patrimonial e Educação Integral: Experiência metodológica através da Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP*. Dissertação (Mestrado). UNIRIO – PPGEd / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

VELHO, Otávio Guilhrme (org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Disponível em: http://www.marcoareliosc.com.br/03velho_completo.pdf . Último acesso em 12/07/2018.

WACQUANT, Loic. Notas para Esclarecer a Noção de Habitus. *RBSE* 6(16), p. 5-11, abril de 2007. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/WacquantArt.pdf>. Último acesso em 18/07/2018.

Sites:

<https://www.archdaily.com.br/br/01-32045/passarela-professor-darcy-ribeiro-sambodromo-do-rio-de-janeiro-oscar-niemeyer>

http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0xSE/Primeiro_Livro_Sobre_Bailes_Blacks